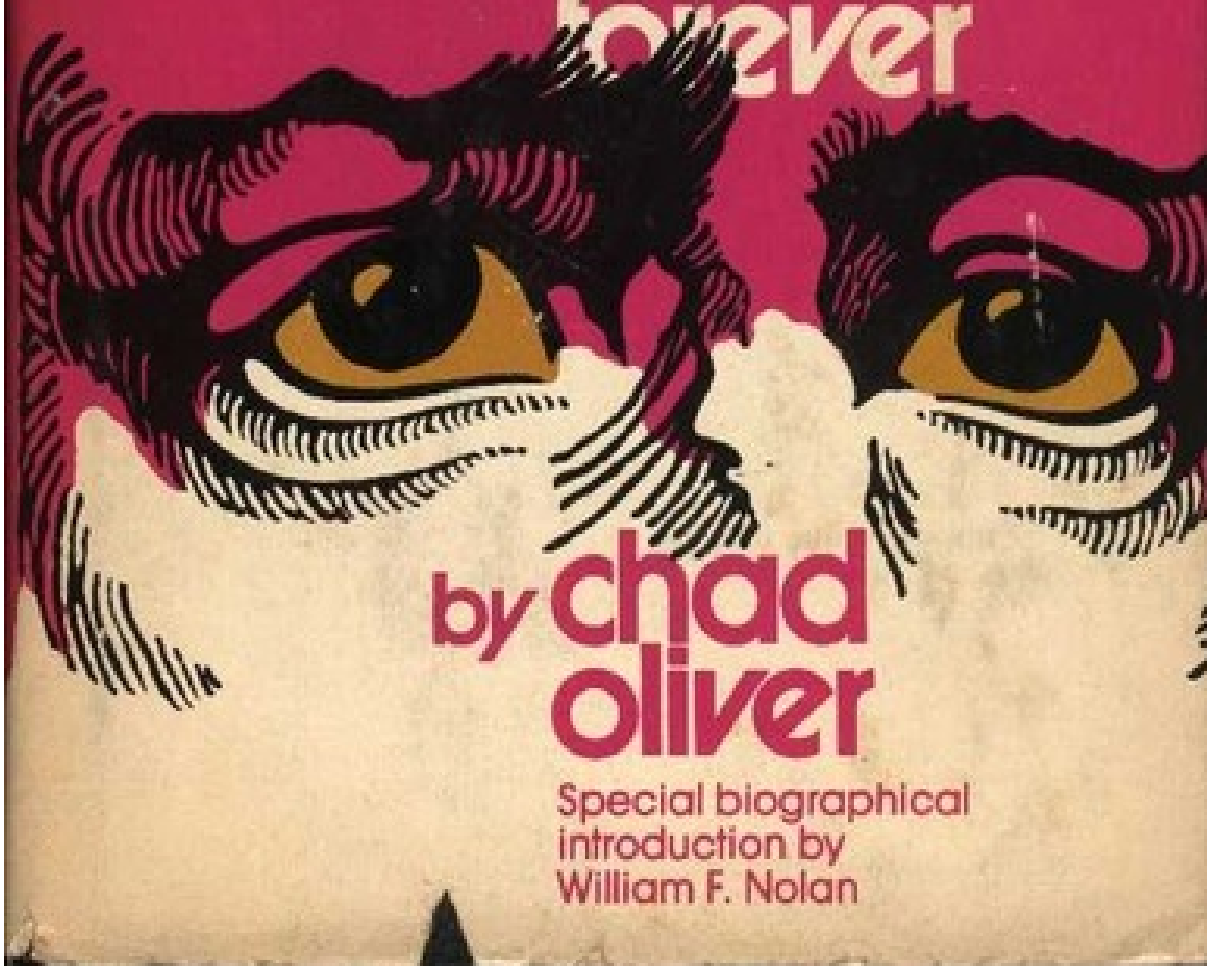


Classic
Anthropological
Science Fiction
Stories

the edge of forever



by **chad
oliver**

Special biographical
introduction by
William F. Nolan





Chad Oliver

Título original: ***The Edge of Forever***

(Classic Anthropological Science Fiction)

© 1971 by *Chad Oliver*

ISBN0820200522 / 9780820200521 / 0-8202-0052-2

Publisher: Sherbourne Press

INTRODUÇÃO – OS MUNDOS DE CHAD OLIVER

Introdução Biográfica

Chad Oliver é conhecido antes de tudo como um escritor de ficção científica antropológica. Isto não faz justiça ao verdadeiro caráter da sua obra, mas no seu caso talvez seja acertado dizer que existe uma relação estreita entre o que ele faz e o que escreve. Ele mesmo afirmou: “O que quer que eu seja, vocês acharão em algum lugar das páginas dos meus contos”. No vasto campo da ficção científica muitos escritores se entregam a fantasias coloridas e especulações totalmente anticientíficas... o que, evidentemente, os separa da sua obra. Podem dirigir ônibus, serem corretores de seguros ou vender aspiradores; longe da máquina de escrever, é possível que tenham uma ocupação qualquer entre mil e uma e que suas histórias estejam frequentemente a milhares de anos luz dos temas das suas vidas diárias.

Não acontece assim no caso de Chad Oliver. Apesar dos seus ambientes estranhos (que podem ser Vênus, Capella V ou uma terra futura), ele escreve sobre o que conhece. Seus personagens são seres humanos e suas histórias estão frequentemente arraigadas nas relações mútuas entre o homem e suas culturas. As culturas que ele cria em sua ficção baseiam-se em seu trabalho cotidiano, pois Chad é um antropólogo cultural ativo, afeito a explorar as derivações do seu trabalho dentro do marco da ficção científica.

Em seus estudos de grupos e culturas, disse ele, “a maioria dos antropólogos retrocede no tempo. Se escrevem ficção científica também é possível que avancem até um futuro imaginário, empregando a história do homem como base. A antropologia é uma ciência jovem mas de muita importância, pois se queremos sobreviver em um mundo de energia atômica e nações em guerra, devemos apreender a nos conhecermos. É disso que trata a antropologia: o estudo do homem como animal físico e cultural”.

Um personagem de Oliver não realiza milagres no espaço, não é um jôquei que cavalga foguetes carregando revólveres e livrando donzelas desafortunadas das garras de marcianos com tentáculos. Um protagonista de Oliver é um homem muito real condenado a problemas muito reais. Os conflitos dramáticos são genuínos, a ciência é verídica e as soluções finais são muito verossímeis.

Portanto, esta introdução deve ocupar-se do homem que incentiva por trás das palavras: um artista complexo, fascinante e trabalhador, cujo labor cotidiano no campo da antropologia profissional junta-se aos muitos contos e novelas que tem produzido durante as duas últimas décadas.

Nos conhecemos em 1953, quando Chad era assistente de cátedra da universidade da Califórnia, Los Angeles. Aos 25 anos já havia conseguido seu título de licenciado

em língua inglesa pela Universidade do Texas e progredia com firmeza até o doutorado em antropologia. Já havia debutado como escritor profissional de ficção científica anos antes e sua primeira história foi publicada em 1952

Nossa amizade data dos três anos em que trabalhou em Los Angeles, e guardo muitas vivas recordações daquele período cheio de trabalho.

A primeira impressão que tive dele foi com relação à estatura. Era (e continua sendo) corpulento. Quase um metro e noventa de altura e um peso aproximado de 90 quilos. Foi jogador de futebol americano no Texas e isto o manteve em boa forma. Para seus amigos de Los Angeles (lembro de Charles Beaumonts, Richard Matheson e eu) ele era o "big Chad", um indivíduo agradável, entusiasmado e de sorriso fácil, que tinha um vasto sentido de humor e nos deixava desconcertados ao tirar da máquina de escrever os rascunhos quase impecáveis, ("Eu faço todas as correções prévias mentalmente" nos dizia). Exceto a mudança manual de uma ou duas palavras de quando em quando, os manuscritos de Chad fluíam diretamente do cérebro para a máquina de escrever. Esforçava-se agonicamente com eles, tal como deveriam fazer todos os escritores, mas jamais essa agonia interna se refletia na página datilografada.

Chad possui aprumo e valor em situações tensas. Eu sei disto porque uma noite o "pus à prova" em um trecho escuro que havia no caminho de Bel Air. Com Oliver pregado no estreito assento baixo e côncavo do meu carro de corrida Austin-Healey, fiz o motor rugir percorrendo uma série de curvas suicidas para impressioná-lo com meu ousado domínio do volante. De repente, após passada uma curva fechada, em frente aos nossos faróis que dançavam loucamente, apareceu uma alta cruz de ferro e eu mal pude evitá-la, desviando-me com uma velocidade espantosa, e deixando a marca dos pneus ao longo do caminho. Jamais soubemos quem havia posto a cruz ali, no meio da rua a altas horas da noite, mas o susto foi terrível, ao menos para mim. O risco que passamos me deixou muito nervoso. Quando chegamos à casa de Oliver, eu ainda estava tremendo. Chad não havia dito uma única palavra. Com toda calma, levantou-se do assento, saltou do carro e fechou a porta com cuidado. "Obrigado pelo pequeno passeio", disse-me e começou a caminhar. Depois eu descobri que aquela era a primeira vez que ele andava em um carro esporte.

Poderia mencionar também a memorável noite dos hambúrgueres..

Durante a nossa juventude, Chad e eu compartilhamos uma paixão sincera pelos hambúrgueres White Castle. Nesta noite em particular, nos pusemos a discutir sobre os extraordinários méritos destes: eram pequenos, cortados em rodela muito delgadas, acomodadas em um pão ligeiramente tostado, entre pickles cortados também muito finos e folhas de alface frescas (isto na década de 30) e podíamos comprá-los ao preço de seis por vinte e cinco centavos em um quiosque especial (que de fora parecia com um castelo em miniatura). Concordamos que nada superava uma sacola de suculentos e fumegantes hambúrgueres White Castle, super deliciosos.

A conversa logo alcançou uma intensidade que nos dava água na boca.

- Meu Deus! - exclamou – já não existem iguais. Em toda a Califórnia não existe nada que se compare a um hambúrguer White Castle.

Ele tinha razão, claro, mas meu apetite estava aguçado.

- Vamos agora mesmo – sugeri – ver se podemos encontrar na Grande Los Angeles um hambúrguer que seja pelo menos a metade da gostosura de um White Castle.

- Feito! - exclamou ele.

Entramos no carro. A esposa de Chad, Beje, nos acompanhou, embora ela sentisse algo mais que um pouco de suspeita por nossas recordações nostálgicas. (Mas ela não havia sido criada comendo esses hambúrgueres!)

Lembro que paramos em cafeterias locais, onde o servem no carro, e em postos do caminho, onde Chad e eu provamos a mercadoria. Devoramos muitos hambúrgueres gordurosos em um frenético desejo de reviver as delícias culinárias da nossa infância.

Tudo que esse sacrifício nos custou foi um par de graves indisposições. Descobrimos, como Thomas Wolfe, que no tocante a hambúrgueres White Castle, ninguém pode voltar ao passado. Além disto, para adicionar insulto ao mal gástrico, parece que Beje tinha certeza, desde o princípio, que isso aconteceria.

Há outras recordações de tardes e noite de diversão junto com Oliver, salpicadas de sessões de piadas gravadas em companhia de Chuck Beaumonts e Dick Matheson, intermináveis maratonas de jogo de damas chines, que se prolongavam pela noite inteira (Chad detestava perder e sempre insistia em que jogássemos mais uma partida "para igualar os pontos"), loucos concursos de escrever em que Oliver e Beaumonts alternavam-se na máquina de escrever, colaborando (com muitas gargalhadas) em uma série de contos absolutamente disparatados (três das quais afinal foram publicados). Dispúnhamos de um bom uísque escocês, conversávamos e passávamos o tempo à vontade, inclusive na Westercon de 1953.

Chad foi o orador convidado nessa convenção de ficção científica que realizou-se na Costa do Pacífico e eu o apresentei como um "prolífico escritor de cartas que se converteu em um profissional", o que o indignou um pouco, mas isto era completamente exato. Ele começou escrevendo inumeráveis cartas para revistas folhetinescas em 1939, quando era um garoto precoce de 11 anos e vivia em Cincinnati, estado de Ohio.

Nascido naquela cidade em março de 1928, Symmes Chadwick Oliver era filho de Symmes Francis Oliver, cirurgião. O avô de Chad (cujo segundo nome era Chadwick) também foi cirurgião e outro tanto pode-se dizer de um tio.

"O nome de solteira da minha mãe era Winona Newman" - explicou-me. "Nasceu em Lima, Ohio; todos os Oliver são de Cincinnati. Conheceu meu pai quando era enfermeira no hospital Christ de Cincinnati. Mamãe era a que tinha cabeça para negócios e administrava nossa casa. Posteriormente, chegou a ser uma pintora mais ou menos destacada. Meus pais eram leitores vorazes e a casa estava sempre cheia de livros. Meu pai era um homem bom, sonhador, grande aficionado a esportes e pescador especialista. Por tudo isto, eu fisghei minha primeira truta em Maine, quando tinha sete anos".

Aqueles anos da infância em Ohio formaram a base ideal para um jovem muito afeito aos esportes e à vida ao ar livre. "Havia um bosque perto de casa e eu sempre estava fora de casa até que escurecia. Jogávamos violentas partidas de hockey sobre patins. Durante os verões, a família se mudava para Maine ou para Michigan, onde eu pescava e procurava tartarugas do mar".

Escrevendo sobre sua infância (em *The Winds of Time*), contou mais sobre aqueles anos: "... beisebol todas as tardes, jogando até ficar tão escuro que não se via a bola, no terreno baldio no fim da rua. Bosques e trilhas verdes secretas, que serpenteavam entre as trepadeiras sobre o riacho, pegando caranguejos em baixo das pedras... noite quentes de verão e neve no inverno e deixar-se cair por aquelas ladeiras loucas. Esquivando-se de árvores, aproximando-se perigosamente de troncos negros. Voltando para casa, lutando para tirar os sapatos molhados... noites de verão quentes e sufocantes... escutando o apito dos trens em Nordwood".

E ainda mais (de *Shadows in the Sun*): "...viu sua casa, cheiro de frango assado na cozinha. Viu seus aeromodelos suspensos do céu falso, enquanto suas asas de papel

de seda se desintegravam... viu seus velhos livros na estante do quarto em que havia crescido: *The Wind in the Willows*, *Just-So Stories*, *The Wizard of Oz*...

Estes livros ocupavam um lugar à parte na personalidade do jovem Oliver; desde o primeiro instante que aprendeu a ler, sempre houve um livro ou uma revista para devorar; sua paixão pela palavra impressa era consistente com sua paixão pelos esportes ao ar livre.

"Muito cedo parei de ler historinhas e me familiarizei com as revistas. Lembro de haver feito assinatura de *The Shadow*, *Doc Savage*, *The Spider* e *The Mysterious Wu Fang*. Ao entrar em casa, eu as escondia dos meus pais a *Spicy Detective*, sob meu pulôver. Minha favorita era *G-8 and His Battle Aces*, que publicou uma das minhas primeiras cartas de fã em 1939. Agora entendo o que me levava a ler aqueles contos rudimentares: uma espécie de imaginação carregada de muitos elementos de ficção científica."

Julio Verne, H. P. Lovecraft e Edgar Rice Burroughs também alimentaram a mente de Chad que era orientada para as fantasias, e uma das emoções mais notáveis da sua vida girou em torno de uma carta pessoal que ele recebeu de Burroughs.

Era um menino atraído pela leitura e pelos esportes. Aos 12 anos sua vida ao ar livre parou bruscamente ao contrair uma febre reumática que o reteve na cama por sete meses. "Recordo que pela minha janela via os rapazes na rua jogando bola. Isso doía"

O ataque foi intenso, Chad esteve às portas da morte. "E isso teria acontecido se papai não fosse médico. A enfermidade teve um curso breve, mas me deixou confinado no leito por muitos meses. Ler foi a minha salvação e devorava quatro livros e duas revistas quase todos os dias."

Continuamente escrevia cartas a diversas revistas de ação, que as transcreviam nas seções de cartas dos leitores. "Ver uma carta reproduzida era uma vitória para mim. Sofria o indescritível, esperando que chegasse o novo número de cada revista. Elas se converteram em minha vida, era tudo que eu tinha. Vivia em suas páginas."

Foi nesse tempo que recebeu uma carta do escritor dos contos de batalha de *G-8*, que havia visto o nome de Chad em uma carta e lhe perguntava se poderia usá-lo para um personagem de um dos seus contos. "Guardei essa carta como um tesouro. Estava assinada assim: «Ventos de cauda e céus claros. Robert J. Hogan». Esse tipo de coisa significava muito para mim".

A enfermidade deixou Chad fisicamente debilitado e ele contraiu contínuos resfriados e gripes. "Eu pegava quantos germes aparecessem no caminho. Voltava à escola mas outro germe me atacava e eu tinha que faltar novamente. Estando semi-enfermo descobri a ficção científica. Burroughs foi a ponte que me conduziu a ela. Encontrei um dos seus contos em um exemplar de *Amazing* e comprei esse número, que tinha também, como bem me lembro, uma história «*Adan Link*», por Eando Binder, e uma excitante epopeia de aventuras espaciais escritas por Edmond Hamilton. Isso foi o suficiente. Subi na minha bicicleta e fui à banca, onde comprei todas as revistas que haviam no estoque. Novos mundos se abriram para mim e quis ser parte desses mundos".

Em 1942, com a publicação de uma carta em *Famous Fantastic Mysteries*, o nome de Oliver começou a aparecer regularmente na seção dos leitores da *Planet*, *Thrilling Wonder*, *Starling* e *Super Science Stories*. Nessa época era costume da *Planet* dar originais das suas ilustrações internas às três melhores cartas de cada mês e o ganhador número um podia escolher sua ilustração predileta. O jovem Oliver frequentemente saía em primeiro com suas colaborações críticas e entusiastas, nas quais comentava em detalhe cada conto da edição, classificando o valor do argumento e os

personagens, assim como o trabalho artístico. ("Ainda conservo em um velho armário uma pilha de ilustrações de Planet, inclusive muitas de Finlay, Paul e Lawrence. Admirava particularmente os desenhos a pena de Lawrence".)

As cartas franqueadas por Oliver, em 1945, tinham selo de "Crystal City, Texas".

"Papai havia se alistado no Exército e foi enviado para Crystal City como oficial médico, com destino a um acampamento de detidos que tinham ali. O resto da nossa família o acompanhou (eu tinha uma irmã) e quanto travei contacto com o Texas era um garoto esquelético e enfermizo".

A cidade era pequena e contava com uma população de 5.000 almas; alguns garotos ficavam sempre fora das suas casas e Chad tinha que permanecer dentro da sua.

"Aconteceram alguns trotes que costumam fazer quando há um garoto novo na cidade, e recorro que pouco depois de chegar me montaram em uma égua cega. Eu nunca tinha cavalgado a não ser nos pôneis mansos de Coney Island, em Cincinnati e aquela égua cega saiu disparada comigo em cima. Com muita sorte, consegui me segurar sem cair, e depois disso a coisa ficou muito mais fácil".

As coisas melhoraram. Crystal City aceitou os Oliver e o pessoal do lugar esforçou-se o possível para fazer com que a família de Ohio se sentisse em casa. ("Foi então que me transformei em texano; amei o lugar... gostava das garotas, do sol, da região, dos rios em que nadávamos...").

A saúde de Chad melhorou rapidamente, desaparecendo os vestígios da enfermidade e seu peso saltou de 65 para 85 quilos. Ele até conquistou um posto na forte equipe de futebol americano da escola.

"O futebol da escola secundária do Texas era rude. Jogava-se até a morte. Era frequente os campos estarem cheios de buracos e neles abundassem pedras, as bandas desafinavam frequentemente e os torcedores eram mais barulhentos que incentivadores... mas o jogo era bom, duro e rápido, e eu me sentia mais orgulhoso da letra que havia na minha camisa que de qualquer outra coisa que já havia tido. Havia recobrado minha confiança, podia sobreviver. Conseguir o direito de ter aquela letra, distintivo da equipe, significava tudo para um rapaz que havia estado quase inválido quando saiu de Cincinnati. Eu me encontrei no Texas. Desde então, nunca mais quis viver em outro lugar."

Quando a família de Chad se mudou para Galveston durante os últimos anos do secundário, Chad permaneceu em Crystal City, dirigindo o jornal da escola e vivendo sozinho em um quarto alugado. Com uma velha Remington que havia levado consigo de Ohio, estava tentando escrever temas de ficção e enviava seus contos a editores de Ficção científica, "que demonstravam finesse ao devolvê-los. Frequentemente diziam: «continue tentando», e eu continuei tentando, mas ainda estava muito longe da venda do meu primeiro conto".

Entrar na Universidade do Texas, em Austin, foi para ele uma decisão importante, que lhe abriu caminho para sua posterior carreira como antropólogo.

"Todo o problema de outras culturas e do «contato» entre diferentes culturas sempre me haviam fascinado sempre na ficção científica. Portanto, os fundamentos da antropologia me interessavam. Fiz dois cursos nesta matéria durante meu primeiro ano universitário e fiquei encantado, mas ainda não estava tomado totalmente pela causa antropológica. Minha paixão maior foi o inglês, e fiz um curso de literatura. Foi então que me dei conta que iria ser escritor."

Chad havia se tornado amigo de outro entusiasta de ficção científica, Garvin Berry, e entre eles escreveram e editaram uma revista amadora que viu a luz uma única vez e à qual, inspirando-se de brincadeira no clássico de A. Merritt Moon Pool, batizaram com o nome de Moon Poodle. ("Trabalhamos em um segundo número, mas nunca

chegou a ser publicado.”)

Oliver havia se transformado em perito em velhos discos de jazz pelo fato de haver trabalhado em uma loja de discos para ganhar dinheiro com que financiasse os estudos, e o jazz foi acrescentado às listas das suas paixões primordiais, que compreendiam: as garotas do Texas, o pôquer até altas horas da noite, o uísque escocês devidamente envelhecido, fumar cachimbo e, claro, a pesca de trutas.

Esta última atividade ainda continua fazendo parte das suas horas de folga; em uma nota recente (datada de 2 de fevereiro de 1971), disse: “Vocês perguntariam onde diabos alguém pesca trutas no Texas, que fica muito distante de todos os lugares onde se encontram trutas... A resposta é que a truta arco-íris foi introduzida a umas dez milhas do rio Guadalupe há vários anos. Isto significa, cinquenta milhas daqui. Acariciamos a esperança de convertê-lo em um rio pesqueiro, se pudermos conseguir trutas pardas para complementar as arco-íris... Geralmente, eu vou para lá mais ou menos uma vez por semana.”

A verdadeira oportunidade de debutar como escritor se lhe apresentou em 1950, quando Antony Bourcher, que então dirigia a *The Magazine of Fantasy and Science Fiction*, comprou-lhe um conto chamado “*The Boy Next Door*”. Antes que esse conto tivesse data e fosse impresso, Oliver vendeu vários outros do gênero de ficção científica, o primeiro dos quais, “*Land of Lost Content*”, apareceu em *Super Science Stories*, no número de novembro de 1950.

Estimulado por essa torrente de vendas, Chad decidiu abandonar suas cartas ao editor e concentrar-se completamente nos contos. Suas coloridas epístolas haviam enchido as colunas de ficção científica durante oito anos, mas eram obra de um fã. Aos 12 anos já era um profissional.

Seu interesse precoce pela antropologia amadureceu durante o último ano pré-universitário na Universidade do Texas.

“Eu havia ouvido alguns elogios de um professor de antropologia chamado McAllister e desejei ver o que este homem poderia me oferecer. Fiz seu curso e aconteceu que ele me ofereceu muito. Desde aquele tempo tenho sido antropólogo.”

Também encontrou algo inesperado na aula daquele último semestre: conheceu uma garota de Jefferson, Texas, Betty Jenkins, que havia sido secretária do Departamento de Antropologia e também assistia as aulas do doutor McAllister. Era jovial, linda e criativa. Mas naquela época Chad não tinha lugar na sua vida para uma nova garota. Portanto, prestou pouca atenção em “Beje” (que era como todas suas amigas a chamavam – contração de Betty Jane). Contudo, no verão seguinte estiveram juntos fazendo uma exploração no México e então falaram seriamente de matrimônio.

“Esta exploração arqueológica teve lugar nos arredores de Durango e eu atuava em caráter de auxiliar da escola de graduados” - explica Chad. - “Beje foi incluída como arqueóloga, e muito animados escavávamos cerâmicas pré-históricas”. Eles se haviam visto algumas vezes no Texas, mas naquela época não foi nada sério. Agora as coisas haviam mudado. A excursão mexicana cimentou sua relação e Chad descobriu seu amor texano. Já não procuraria mais.

“Depois eu vendi um conto intitulado «*Hardly Worth Mentioning*», baseado naquela exploração.”

“O povo de Beje” - disse também, - “me serviu de inspiração para outro conto.”

Chad combinava experiências pessoais com seus trabalhos literários. Uma obra posterior refletiu pensamentos daqueles anos de Universidade. “Recordo o trabalho dos graduados, os sanduíches de salsicha Frankfurt, as pesquisas em torno de restos ósseos, a luta com o idioma alemão... as longas discussões, de noites inteiras, e os

livros que abriam em sua mente panoramas inexplorados. A emoção de Malinowski, o alcance e a ousadia de White, a visão de Linton, que dedicou uma obra de ciência social à geração seguinte. Recordou sua confiança juvenil, a certeza de possuir a chave que abririam portas que outros não viam..."

Lá por 1952, Chad Oliver havia obtido sua licenciatura na Universidade. Havia se especializado em língua inglesa e cursou também antropologia; sua tese para a graduação baseou-se na história de ficção científica "*They Buildded a Tower*" (título tirado de uma citação de Kipling). Em setembro, após ensinar inglês durante um semestre, esteve na Universidade da Califórnia, Los Angeles, preparando-se para o doutorado em antropologia.

"Beje e eu havíamos decidido nos casar naquele Natal, mas antes de eu ter passado um mês em Los Angeles, decidimos não esperar mais." Beje tomou um trem para a Costa Oeste e se casaram naquele novembro na Igreja Unitária.

"Fizemos nossa festa de bodas na casa de Forry Ackerman", - relembra. - "Ray Bradbury e A. E. Van Vogt estiveram presentes, junto com Rog Phillips, que havia sido meu padrinho."

A primeira história de Oliver, "*Mits of Dawn*", foi escrita para adolescentes, fazia parte de uma série de obras de ficção científica juvenis publicadas por Winston, nos princípios da década de 50 e tinha a ver com as aventuras de um jovem moderno que viaja para trás no tempo para viver na civilização Cro-Magnon. Nela, Chad criou um quadro verossímil da primitiva cultura do homem, com base no seu profundo conhecimento do tema. O livro foi bem recebido pelos críticos e isso o incentivou a tentar sua primeira história para adultos, "*Shadows in the Sun*", que foi publicada em 1954 e narrava as peripécias de um antropólogo do Texas que enfrentava inimigos culturalmente avançados. O ambiente fictício na história (Jefferson Springs) foi inspirado diretamente em Crystal City, e o antropólogo e herói alto, que fumava cachimbo, tinha muito a ver com o passado de Oliver. Aqui também a linha entre a realidade e a ficção era muito sutil. (Tal como disse Chad: "Gosto da ficção científica que tem um pé na realidade. A diversão, claro, está em calcular onde será posto o outro pé.")

"*Shadows in the Sun*" foi muito exaltada, e o New York Times a qualificou de "inteligente... uma das obras de ficção, científica ou de outro tipo, mais sugestiva que este crítico já leu em vários anos".

Tony Bourcher colocou então Oliver na "primeira linha de escritores de ficção científica", junto com Heinlein e Clarke.

Oliver dissertou em uma convenção, defendendo o papel científico do gênero: "A ciência é uma busca objetiva da compreensão, um esforço em fazer perguntas significativas sobre a humanidade... A ficção científica tem a missão potencial de disseminar ideias científicas na massa de leitores, mas antes de tudo, e acima de tudo, deve ser literatura e, como tal, procurar deleitar... Pode abranger as derivações da filosofia da ciência de uma forma que nenhum outro gênero literário pode fazê-lo, e, neste sentido, é única."

Os contos de Chad Oliver já eram escolhidos para antologias e todas as temporadas aparecia com regularidade em um quadro de honra da ficção científica que era publicada por Judith Merril. Havia regressado para a Universidade do Texas (como professor de antropologia), quando sua primeira coleção de contos de ficção científica "*Another Kind*", foi publicada em 1955. Boucher louvou-a como "o livro de ficção científica que mais se destacou no ano" e Damon Knight, que costumava ser implacável com os escritores sem talento, achou muito o que elogiar em "*Another Kind*": Oliver está escrevendo, para o gênero, os mais fascinantes e completos estudos de contos de ficção científica antropológica". Knight comentou o "tratamento profunda-

mente comovedor dos impactos culturais” e descobriu no trabalho de Oliver “um sentido que maravilha (a sensação que, segundo ele, a ficção científica deve criar) em tal grau, que atinge a pessoa com um golpe quase físico”.

Tal elogio serviu unicamente para aumentar um conflito básico que havia se desenvolvido na vida de Oliver (e que ainda existe): queria dedicar mais tempo à literatura, mas sua carreira científica devorava a maior parte das horas dos seus dias. Além do mais, era pai... sua filha Kim nasceu no final de 1955. Além disso, sua admiração pelo jazz autêntico o obrigava a cumprir com seu próprio programa semanal de uma hora como comentarista de discos na emissora KHFI-FM, de Austin.

“Minha aparição como 'disk-jockey' de rádio estava destinada a combater a mania dos programas em que o jazz se misturava com as músicas rítmicas e os blues. Penso que poderia se dizer que eu defendia uma forma de arte.”

Devemos acrescentar as excursões anuais de férias no Colorado, onde Chad praticava a pesca nos seus lugares favoritos do lago Fork, sobre o rio Gunnison.

Descreveu este aspecto e este amor pela pesca no capítulo inicial da sua história “*The Winds of Time*”: “O ar fino era limpo e frio... o caminho fazia um ângulo através de um vale atestado de grama e flores e depois subia junto a um branco riacho espumoso em direção às montanhas... Havia um lago diminuto no qual desembocavam águas de degelo, mais além dos bosques madeireiros, e onde a truta nativa era esquiva e faminta... O lago achava-se a mais de 4.000 metros de altura, de modo que a maioria dos rapazes que usavam equipamentos de pesca complicados o deixavam em paz... Era tão silencioso como se o mundo houvesse sido recriado limpo, fresco e novo... Por que a pesca de trutas o fazia se sentir novamente como uma criança?... Seu cérebro se enchia de imagens quentes e distantes: um rapaz que atirava latas no rio Little Miami, de Ohio, que construía represas de pedra e argila nos riachos, que inesperadamente descobria um bagre adormecido em uma ilha verde do rio...”

Na história, o herói de Chad tropeça com inimigos humanoides, durante uma excursão de pesca no Colorado e aceita ajudá-los a encontrar o caminho de volta ao seu planeta. Oliver estava utilizando outra vez suas experiências pessoais para escrever uma narração fictícia, tal como fez em “*Shadows in the Sun*”. Nesta nova história, o ambiente abrangia um setor do Oeste de Los Angeles, no qual ele e Beje viveram durante quase três anos.

Sua lealdade ao Texas, seu estado adotivo, alcançou grande altura: chamou Austin de “minha cidade” e suas descrições da comarca aproximou-se do rapsódico, mas a emoção de Chad para com essa região era legítima. Ele havia nascido em Ohio e ali passou seus primeiros anos de infância, mas o Texas adquiriu direito sobre ele quando se tornou adulto; havia comprado uma casa em Hopi Trail, em Austin, e seu interesse pelo folclore índio o ajudou a ampliar suas obras. Vendeu um par de contos da fronteira histórica, escritos com grande esmero, à revista *Argosy* e ao *Saturday Evening Post*, enquanto preparava uma monografia para a Universidade da Califórnia, que exigiu pesquisas a fundo sobre os índios das planícies (outros trabalhos eruditos apareceram depois no *American Anthropologist* e no *Texas Journal of Science*).

Mas a dedicação de Chade pela ficção científica permaneceu constante, e em 1960 foi publicada sua quarta história, *Unearthly Neighbors*. Fred Poni, da *If*, declarou que “poucos (escritores) têm sido tão convincentes como ele, em relatar a forma como o primeiro contacto (com extraterrestres) acontecerá”.

Breves trabalhos na UCLA e na Universidade da Califórnia, em Riverside, durante o seguinte ano acadêmico ampliaram sua experiência no ensino e obteve da UCLA o título de doutor em antropologia em 1961, no mesmo ano em que começou pesquisas

de campo África.

Havia me contado que iria à África Oriental, ao Kenya, não muito distante do Kilimanjaro. Fiquei impressionado: A terra de Hemingway – pensei. - Sabia que Chad admirava Hemingway desde cedo, e imaginei safáris de caça pesada e aventuras na África. Contudo, Chad esforçou-se para aprender Swahili e participar de conferências que pareciam intermináveis.

Fez parte de um projeto científico sob a direção do doutor Walter Goldschmidt, da UCLA, um estudo de pesquisas que tinha a ver com a relação entre a ecologia e as culturas de quatro tribos da África Oriental. A tribo pela qual mais se preocupou foi a Kamba, a terceira do Kenya, em ordem de magnitude.

Em julho de 1961, os Oliver haviam chegado a Nairóbi, coração de Kenya. Sua filha de seis anos de idade seria submetida a uma operação importante somente uns dias depois que o avião aterrizou e isto complicou um pouco as coisas. Contudo, Chad foi enviado com um Land Rover para dar uma olhada em Ukanbani, território da tribo Kamba. “Os caminhos eram bastantes difíceis” - escreveu em uma carta, - “quando havia caminhos. Tive a má sorte de ser perseguido por um elefante antes de haver aprendido a dirigir bem o Land Rover.”

Após semanas de “observar o terreno” e fazer várias anotações oficiais, mudou sua família para a sede do distrito de Machakos. Escolheu duas comunidades Kambas para um estudo imediato: Ngelani, com montanhas bem providas de água, e Kilingu, nas planícies áridas, a mais ou menos cem milhas de distância. Trabalhou firme, estudando desde os venenos das flechas até as cerimônias das tribos. Lutou desesperadamente com o idioma Kamba, bebeu a cerveja (“que pelo sabor parecia querosene com açúcar”) e fez amizades entre o povo.

Claro que não foi tudo somente trabalho. Quando voltou a Machakos, jogou tênis com os funcionários do distrito no clube esportivo. Certa vez até pôde praticar um pouco a pesca de trutas. (“Os britânicos haviam introduzido trutas em uns poucos riachos do Monte Kenya e eu consegui com que um empregado da seção de silvicultura me levasse lá. Compartilhei um riacho com um elefante, nascido a pouco, o que, no melhor dos casos, foi uma novidade. A mãe não apareceu, e me senti profundamente agradecido por isto.”)

Não era a época ideal para pesquisas de campo, o Kenya estava a ponto de declarar sua independência do governo britânico e a situação às vezes ficava difícil. Chad descobriu que os Kambas que o conheciam e trabalhavam com ele geralmente lhe tinham confiança, mas havia outros que suspeitavam dos seus motivos. Passou árduas horas explicando que não havia sido enviado ao Kenya pela CIA para adiar a independência, que não era espião, que não reunia informações secretas para a polícia... e que não era feiticeiro.

Um certo dia, em Ngelani, Chad convocou uma reunião e leu em voz alta as obras de Jomo Kenyatta, explicando que ele também havia sido educado como antropólogo e havia escrito um livro sobre seu povo, o Kikuyu. Fez até juramento de acordo com o Kithitu, que não tinha vinculação política e que somente se interessava pela pesquisa científica. (“O Kithitu é o formidável juramento Kamba e se dá por certo que morrerá o homem que preste juramento em falso. Tudo isto me deixou bastante nervoso, confesso, mas aconteceu que não quiseram que eu fizesse esse ritual de nenhuma maneira.”)

Com o passar do tempo, foi aceito. “As pessoas foram boas comigo, tanto os Kambas como os britânicos. No dia em que parti de Machakos, uma vez concluído o trabalho, uma comitiva de Kambas veio a pé, desde nada menos que Ngelani, para oferecer-me alguns presentes de despedida. Nada como uma cabra, um par de galinhas

e um cesto de ovos quando alguém está para viajar de avião!”

Tempos depois, descreveu a caça grande que havia visto na comarca das planícies do Kenya: “...animais que viviam tal como tinham vivido há incontáveis milhares de anos: kudus, de cor marrom acinzentado, órix de longos chifres, zebras listradas que corriam por um campo de flores amarelas, manadas de avestruzes que trotavam com a determinação sincera dos corredores de longa distância, velhos elefantes dignos, serenos em sua convicção de serem imortais... Então em outubro chegaram as chuvas”.

E as chuvas chegaram enquanto Chad estava lá.

Choveu em caudais. Foi uma chuva como nunca antes havia caído no Kenya durante um século. Os caminhos de terra se transformaram em trilhas de barro movediço e sempre empapados de água; os riachos tornaram-se torrentes. As águas derrubaram pontes e os rios bramiam fora das suas margens. Durante um tempo, os Oliver ficaram isolados. “Realmente não coríamos grande perigo enquanto permanecêssemos lá, mas não havia mais remédio senão trocar de lugar. Tentei, de qualquer forma. Houve ocasiões em que meu Land Rover não conseguir avançar no barro e tive que descer montanhas a pé. A coisa ficou tão feia, que em algumas regiões remotas a R.A.F teve que lançar alimentos com aviões.”

Finalmente, as chuvas cessaram e Chad pôde trabalhar sobre uma base normal.

“Ignoro até que ponto podemos compreender um povo que vive de um modo muito diferente do nosso. Confio até haver aprendido um pouco sobre o conceito que os Kambas têm do mundo. Claro que me habituei a respeitá-los. Eu esperava achar pelo menos vestígios do velho clichê, uma tribo pseudo-primitiva aferrada a moldes tradicionais e acostumada a olhar para trás adorando os Velhos Bons Tempos. Ao contrário, encontrei um povo ansioso para entrar na «civilização». Às vezes eu procurava explicar-lhes que em todas as cidades os automóveis, as fábricas e as grandes escolas tinham seu preço. Falava-lhes do reverso da moeda: tensões, pressão, mudanças radicais da estrutura familiar. Foi curioso e muito humano: eu podia ver muitas coisas atrativas na forma que eles viviam, mas eles ansiavam principalmente pelo que eu já tinha. Creio que a grama sempre é mais verde na casa do vizinho...”

No final do verão de 1962 os Oliver estavam de volta a Austin. Após uma escapada rápida para o Colorado com uma dupla de velhos amigos “para ver se as trutas sentiram minha falta”, viu-se trancado novamente no seu antigo trabalho da Universidade do Texas.

“A transição foi inesperadamente difícil. Eu estava febrilmente ativo, sob constante tensão, sempre com demasiadas coisas por fazer e muito pouco tempo para isto. Perdi aquelas tardes em que o tempo parecia não passar, junto dos meus amigos Kambas. Adorei seu senso de dignidade e retidão. Vi que eram afortunados. Eu pensava neles lá, de pé, ao sol, bebendo sua cerveja e admirando seu gado. A civilização não os tinha pegado pelo pescoço, pelo menos até então.”

Chad estava muito ocupado com seu trabalho antropológico para poder escrever ficção científica nos anos seguintes, mas prosperava na sua carreira acadêmica. Foi promovido a professor adjunto e mais tarde, em 1968, a catedrático. Entre outras coisas, escreveu e gravou em videotape umas 35 conferências para um curso de antropologia via televisão, que foi levado ao ar em todo o estado. Os programas desenvolviam tanto estruturas de parentesco até a história da teoria antropológica, mas três deles tratavam dos Kambas e mostravam fotografias do próprio Oliver. “Fiz um programa por semana, com três diretores diferentes, escrevendo todos os guias e gravando sem ensaiar. Não repetirei a experiência!”

Sua história de 1967, *The Wolf of my Brother*, ganhou o primeiro prêmio *Spur* para

"a melhor história do oeste desse ano", outorgado pela Western Writers of America. A ação tinha lugar em uma comarca fronteiriça no período de 1874 a 1875, e procurou "demonstrar que havia seres humanos em ambos os bandos e que um guerreiro comanche e um coronel de cavalaria dos Estados Unidos tinham mais em comum do que alguém poderia compreender plenamente".

O livro evidenciou sua versatilidade como escritor. Nele há esta descrição lírica das planícies de Staked, no norte do Texas:

"A terra dava muito trabalho, mas não era totalmente estéril. Havia ervas pequenas (comuns nos lugares onde existem búfalos) e grama, assim como mandioca de cor verde-clara que lança ao ar seus talos com flores brancas. Grupos de mesquita de folha entrelaçada e unhas de gato que lutavam com o pasto para conseguir um lugar onde pudesse se desenvolver. Após as chuvas de primavera, a região apresentava grande abundância de flores silvestres; ranúnculos e margaridas de Tahoka e broches flamejantes... Era uma zona habitável, sempre soprava vento. Bandos de aves voavam em linhas bifurcadas, cantavam cotovias e as pombas chamavam dos álamos que cresciam junto aos riachos dos desfiladeiros... Acima disto tudo havia o céu extenso e o grande globo branco do sol."

Os Olivier adquiriram uma propriedade de um pouco mais de seis hectares nas cercanias de Austin e acrescentaram mais um filho adotado à família, Robert Chadwick Oliver. Beje dedicou-se a criar cavalos semi-árabes e no final de 1970 seus cavalos de exposição haviam ganho mais de 30 fitas nas classes de cabresto e performance.

O passo seguinte de Chad foi a direção do Departamento de Antropologia da Universidade. ("Um diretor é, lamentavelmente, um administrador. Tenho a meu cargo um departamento com 30 homens, com um orçamento de meio milhão de dólares para cuidar. O tempo para escrever é mínimo. Atualmente meu sonho é construir um gabinete maior a mais ou menos meio hectare da casa principal e enchê-lo de livros, revistas e um bem vindo silêncio.")

Suas experiências no Kenya foram transferidas para livros de ficção ao terminar e vender três contos e uma história, *The Shores of Another Sea*, todos eles tiveram a ver com a África Oriental. Na história, seu protagonista é um caçador que caça animais como o órix, com uma espingarda calibre 0,375 (e é, por sua vez, perseguido por alienígenas provenientes de outro sistema estelar). "Matei um órix na África com uma espingarda calibre 0,375 emprestada - reconhece Chad. - "Mas não sou caçador. Matei o órix porque precisava da carne para a alimentação. Cacei minha cota de coelhos e aves quando era menino, mas desisti disto. Não gosto de matar. Geralmente nem sequer mato as trutas; a vantagem de pescar com moscas está em que se pode soltar os peixes sem que eles tenham sofrido dano."

Em *Shore*, pinta um quadro vívido das grandes chuvas do Kenya, e em uma seção da história o protagonista deve abandonar seu Land Rover atolado e empreender a caminhada a pé no barro profundo, tal como Oliver teve que fazer. "Há muito de mim nesta obra" - declara Chad.

Também há muito dele nos seis contos que formam esta coletânea. Estes figuram entre o melhor que Oliver já produziu e pela primeira vez são oferecidos reunidos no mesmo volume.

A complexa história do homem abrange uns dois milhões de anos, desde o macaco que começava a erguer-se e permanecer de pé, ao homem que atualmente explora a Lua, desde o cavernícola ao habitante do espaço. Estes soberbos contos examinam este imponente tema; tratam sobre homens do passado e de homens do futuro. São ficção científica no sentido mais puro e satisfatório da palavra; e são também muito

emocionantes.

O leitor está por entrar nos mundos de Chad Oliver, escritor, diletante, pescador de trutas, colecionador de cachimbos, ex jogador de futebol americano, admirador do jazz, historiador de fronteiras, professor de antropologia, marido, pai... e escritor de ficção científica.

Na realidade, tal como o leitor descobrirá neste volume, o homem é sua obra e sua obra é o homem.

William F. Nolan

TRANSFUSÃO (Transfusion)

A máquina se deteve.

Naquele momento não se ouviu som algum e a luz verde do painel de instrumentos piscou como um olho brincalhão. Com fácil precisão, fruto de uma longa rotina, Ben Hazard fez o que tinha que ser feito. Fez automaticamente, sem verdadeiro interesse, pois já não havia esperança alguma.

Perfurou um número no registrador: 377

Calculou o ano, utilizando a Correlação Gottwald-Hazard e acrescentou ao registro: 254.000 A.C.

Completo o formulário com o nome do lugar: Choukiutien.

Então, com uma falta de antecipação que lembrou-lhe eloquentemente que aquela era a tricentésima septuagésima sétima verificação, além da primeira, bem Hazard deu uma longa olhada preliminar através do visor. Não viu nada que lhe interessasse.

Com o mesmo esmero que usava, sempre que estava para partir do Bucket, perfurou o dado habitual: Exploração pelo Visor: negativa.

Abriu a escotilha da parte superior do Bucket e saiu da esfera metálica cinza. Desta vez nem sequer chovia; o sol, com seu brilho dourado, lançava seu calor em um límpido céu azul.

Bem Hazard estirou seus músculos cansados e pousou o olhar no verde frescor das plantas emaranhadas que cresciam nas margens do riacho indolente que corria à sua direita. O gramado do pequeno prado parecia fresco e convidativo e os pássaros trinavam nas árvores. Tudo era muito similar ao que havia sido mil anos antes, ou dois mil, ou três...

Era apenas um lugarcinho de nada, perdido nas brumas do tempo, à espera da volta das lâminas cinzas de gelo.

Era apenas um pequeno riacho, que borbulhava e só se ocupava de si mesmo, e uma solitária montanha de pedra calcária que exibia as cicatrizes de escuros olhos de refúgios rochosos e entradas de cavernas

Não havia diferença alguma.

Faltava o homem para mudar as coisas e o homem não estava lá.

Este era o problema.

Utilizando uma objetiva grande angular, Ben tirou seis fotografias do terreno, tal como sempre fazia. Nesta excursão, o ângulo abrangido pela câmara não incluía animais. Rastejou pelo denso matagal marrom na base daquela montanha de pedra calcária e subiu pelas rochas escabrosas até a boca da caverna. Continuava aberta e ele tinha sua localização na memória.

Lembrava muito bem da emoção que sentiu na primeira vez que entrou nesta caverna. Seu coração bateu furiosamente dentro do peito e sua garganta ficou tão seca que não conseguia engolir. Seu cérebro queimava com recordações, esperanças e te-

mores, e aquele foi o momento mais sensacional da sua vida.

Agora só sobrara o medo; e era um novo tipo de medo, o medo *do que não encontraria*.

Sua luz brilhava à sua frente, enquanto abria passagem no serpeante passagem da caverna. Agitou uma nuvem de morcegos indignados, mas não notou nenhum outro sinal de vida. Chegou à caverna central, escura, silenciosa e oculta nas estranhas da terra e, cuidadosamente, fez o feixe de luz passear circularmente à sua volta.

Não havia nada de novo.

Reconheceu os familiares ossos de lobos, ursos, tigres e camelos. Tornou a fotografá-los e conseguiu encontrar os restos de uma avestruz que não havia visto antes. Destes restos tirou duas fotos.

Passou meia hora percorrendo a caverna, revistando todos os lugares registrados meticulosamente e então voltou à entrada iluminada pelo sol.

O desespero aumentava ainda mais que antes. É duro aceitar uma má notícia, ao confirmá-la, mesmo já sendo esperada. Já não havia dúvida alguma.

O homem não estava lá.

Bem Hazard já não ficou intrigado. Sentia-se ferido e preocupado. Desta vez não podia culpar a ninguém. Veio ver e viu.

Imaginem hum homem que construiu um computador soberbo, um computador que finalmente podia resolver os mais intrincados problemas da especialidade. Imaginem a última palavra em computadores e a última palavra em fitas codificadas; uma máquina (por hipotética que seja) que jamais erre. Então, só por brincadeira, pense que o homem lhe faz a seguinte pergunta: Quanto é dois mais três?

Se o computador responde seis, então o homem está em dificuldades. Claro, poderia ser que a máquina multiplicasse em vez de somar...

Mas se o computador responde zero, ou dados insuficientes, que acontece então?

Ben Hazard voltou depressa ao Bucket, entrou e fechou a escotilha.

Arquivou seus filmes, sob o respectivo número de código.

Marcou o dado comum: Reconhecimento de Campo Negativo

Sentou-se em frente ao painel de comando e preparou-se.

Estava completamente só na pequena esfera metálica, podia vê-la detalhadamente. Sabia que estava só. E contudo, tal como antes, tinha a estranha sensação de que havia alguém com ele, alguém que olhava por cima do seu ombro... Ben Hazard jamais foi homem de dar um salto, sentar na sela e sair galopando em todas as direções. Era um homem de ciência, treinado, habituado a ter paciência. Não entendia a voz muda que continuava murmurando-lhe no cérebro: Depressa, depressa, depressa...

- Amigo! - disse em voz alta. - Você tem estado sozinho por muito tempo.

Dominou-se e estendeu as mãos para os comandos. Estava decidido a percorrer toda a gama de respostas (restavam-lhe por fazer vinte e três verificações), mas já conhecia a resposta de antemão.

O homem não estava lá.

Quando Ben Hazard voltou ao ano original da sua partida, 1982, saiu do Bucket na Estação do Novo México, pois a máquina, forçosamente, se movimentava tanto no espaço como no tempo. Mais ainda, o movimento espacial do Bucket era uma das coisas que dificultavam a realização de uma intensa inspeção periódica de qualquer determinado local situado na superfície da Terra. Era difícil manter o Bucket orientado para o alvo proposto.

De acordo com seus próprios cálculos e em termos de tempo fisiológico, haviam

passado uns quarenta dias na sua verificação de Choukiutien, realizada no Pleistoceno Médio. Visto por outro lado, na Estação do Novo México só havia estado ausente por cinco dias.

O primeiro homem que viu foi o cabo da polícia militar.

- Preciso das suas fotos e documentos, senhor – disse o cabo.

- Caramba, Ames! - exclamou Ben, entregando os papéis; botou os dedos no scanner – Então já não me conhece?

- São ordens senhor.

Fatigado, Ben conseguiu sorrir. Afinal, as implicações militares da viagem através do tempo eram surpreendentes e devia-se proceder com cuidado. Se alguém pudessem retroceder no tempo somente uns anos e verificasse o que a facção contrária fez, poderia frustrar seus planos no presente. Uma vez que as antigas pendências tribais continuavam com toda intensidade, Gottwald teve que apelar para um milhão de recursos para assegurar alguns dos Buckets disponíveis.

- Desculpe, Ames. Você está maravilhosamente bem depois de um mês mais ou menos andando entre velhos ossos de camelo.

- É muito bom tê-lo de volta, doutor Hazard – disse o policial em tom neutro.

Após haver-se devidamente identificado como Benjamim Wright Hazard, professor de antropologia de Harvard e Cientista Mor do Projeto Conjunto de Pesquisa Temporal Smithsonian-Harvard-Berkeley, foi-lhe permitido prosseguir. Ben cruzou o salão abarrotado de pessoas que chamavam de Estação Grande Central e deteve-se um instante para ver como estavam os chimpanzés.

Havia dois deles, Charles Darwin e Cleópatra, em jaulas separadas. Esses macacos haviam viajado no início da viagem temporal e ainda eram empregados ocasionalmente para testar novos Buckets. Cleópatra guinchava e gritava algo que devia ser uma saudação, mas Charles Darwin estava absorvido em um problema. Tentava unir dois paus a fim de bater em uma banana, que estava pendurada um pouco fora do seu alcance, e derrubá-la. Evidentemente, ele estava irritado, mas não era dos que se dão por vencido.

- Entendo perfeitamente o que está sentindo, Charles – disse Ben.

Charles Darwin arregaçou os lábios e redobrou seus esforços.

O que não faria por uma simples banana!

Ben virou-se para olhar Nate York, que trabalhava com os chimpanzés, e o descobriu falando com um técnico enquanto acompanhava suas experiências pelo canto do olho. Ben cumprimentou-o com a mão e dirigiu-se ao elevador.

Subiu para o quarto andar e entrou no escritório de Ed Stone. Ed estava sentado atrás da sua mesa e parecia estudar com muita atenção o crânio branco e seco que tinha em frente. O crânio, entretanto, não era nada mais que um peso de papéis que usava há anos.

Ed pôs-se de pé, deu um sorriso e estendeu a mão.

- Sim, estou muito contente que esteja de volta, Ben. Teve sorte?

Ben apertou sua mão e sentou-se em uma cadeira com o encosto para a frente. Tirou o cachimbo, encheu-o com tabaco de uma maltratada lata vermelha e acendeu-o muito satisfeito. Era muito bom estar de volta com Ed. Não se acham muitos homens com quem alguém pode realmente conversar, durante sua vida, mas Ed era, decididamente, o número um. Dada sua amizade de tantos anos, falavam em um idioma particular.

- Saiu para almoçar – disse Ben.

- Vinte mil anos?

- O homem de Pequim sempre se destacou por suas excentricidades dietéticas.

Ed balançou a cabeça demonstrando que havia entendido a piada um tanto especializada (o homem de Pequim havia sido canibal) e então apoiou-se com os cotovelos sobre a mesa.

- Está satisfeito agora?

- Absolutamente.

- Não há margem de erro? - insistiu Ed.

- Nenhuma. Na realidade, eu não pus em dúvida a informação de Thompson, mas quis me certificar. O homem de Pequim não está lá.

- Toda esperança é absurda. É como remar contra uma corrente impetuosa.

- Sem remos.

- E sem canoa – disse Ben, aspirando o fumo do seu cachimbo. - Que raiva, Ed! Por onde andarão?

- E é a mim que pergunta? Desde que você saiu, Gottwald e eu não chegamos a nenhuma conclusão exata. Tal como as coisas se apresentam agora, o homem não teve antepassados... e isto é um disparate.

Ben pensou que era mais que um disparate. Dava medo. Quando alguém para pra pensar, o homem é muito mais que um indivíduo. Através dos seus filhos ele se projeta para o futuro, e através dos seus ancestrais, ele remonta ao passado. É uma espécie de imortalidade. E quando se corta uma das extremidades...

- Me dá medo – disse, - não tenho vergonha de reconhecer. Deve haver uma solução em algum lugar e temos que encontrá-la.

- Eu sei o que estás pensando, Ben. Se isto realmente significa o que parece, então toda a ciência é igual a nada. Não há causa nem efeito, não há evidência nem razão. O homem não é o que acredita ser. Somos tão somente animais assustados, que nos sentamos em uma caverna e olhamos boquiabertos para a escuridão exterior. Não ache que eu também não penso nisto, Mas o que vamos fazer?

Ben levantou-se e esvaziou o cachimbo batendo nele.

- Agora vou para minha casa me deitar, estou morto. Depois nós três, você, Gottwald e eu, nos sentaremos para ruminar este assunto. Desse modo saberemos pelo menos onde estamos

- Saberemos?

- Convenhamos que seja assim.

Foi para o elevador e desceu para o andar térreo da Estação Novo México. Teve que identificar-se duas vezes mais antes de sair para a luz cegante do deserto iluminado pelo sol. Pareceu-lhe que a situação era o cúmulo da ironia: lá estavam eles, preocupados com espiões e inimigos imaginários, enquanto que a toda hora...

- O que?

Entrou no seu automóvel e partiu em direção da sua casa. O dia de verão era brilhante e quente, mas teve a mesma sensação de estar viajando por um túnel escuro e interminável, uma caverna negra que não levava a lugar algum.

A voz sussurrou no seu ouvido: Depressa, depressa...

Sua casa estava solitária, com um tipo especial de vazio. Todas as casas lhe pareciam solitárias desde que Anne morrera, mas esta lhe agradara mais que as outras.

Era feita de tijolos com as sólidas vigas do teto expostas ao ar livre, fresca no verão e quente no inverno. O piso de ladrilhos mexicanos estava destramente interrompido por tapetes tecidos pelos índios navajos... os raros tapetes do tipo Duas Montanhas Cinzentas, com variações de complicados cinzas, negros e brancos. Havia trazido muitos dos seus livros favoritos de Boston, e suas capas familiares se alinhavam nas paredes.

Ben estava acostumado à solidão, mas as recordações sempre resistem a desaparecer. O acidente de aviação que o havia privado de Anne deixou um vazio no seu coração. Às vezes, nas últimas horas da tarde, acreditava ouvir seus passos na cozinha. Frequentemente, quando o telefone tocava, esperava que ela atendesse.

Quinze anos de casamento não se esquecem facilmente.

Ben tomou uma ducha quente, barbeou-se e cozinhou um bife que tirou da geladeira. Então serviu-se de um pouco de uísque sobre dois cubos de gelo e sentou-se na grande poltrona, pondo os pés sobre um banquinho estofado. Continuava cansado, mas tinha um sentido maior de ser humano.

Seu olhar vagou pelos livros. Havia algo tranquilizante nos volumes velhos e nos títulos lidos durante muito tempo, algo que o acalmava. Pare ele sempre havia sido assim, mas não era mais.

Os títulos o olhavam brincalhões: A Primeira Humanidade, Mais Além do Símio, História dos Primatas, Os Homens Fósseis, A História do Homem, Origens Humanas, As Evidências Fósseis da Evolução Humana, História dos Vertebrados...

E agora homenzinho?

Ben disse em voz alta: "Parece que cometemos um ligeiro erro, como falou o químico, enquanto seu laboratório voava pelos ares".

Sim, mas em que você poderia ter se equivocado?

Tomemos como exemplo o homem de Pequim. Dois excelentes antropólogos, Black e Weidenreich, escavaram os restos de quarenta homens de Pequim, de diferente tipos, encontrados na região de Choukiutien, na China. Obtiveram bastante material para estudá-lo a fundo. Os homens da ciência sabiam quando viveu o homem de Pequim, no Pleistoceno Médio, os lugares em que habitou e a forma como vivia. Até conheciam os fogões em que cozinhou seus alimentos, as ferramentas que usava e os animais que caçava. Inteiraram-se de qual era o seu aspecto. Conheceram a relação que tinha com seu primo, O Pitecantropo Erectus, e com o homem moderno. Há modelos do seu crânio em todos os museus de antropologia do mundo e está reproduzido em todos os livros de texto existentes.

Não existe mistério quanto a Samuel Sinantropo ⁽¹⁾. Era muito conhecido.

Ben e Gottwald haviam calculado uma idade: 250.000 anos antes de Cristo. Depois da incrível informação de Thompson, o próprio Ben viajou retrocedendo no tempo para ir de encontro ao homem de Pequim. Somente para estar seguro de que não estava equivocado, fez uma revisão ao longo de vinte mil anos.

Não achou nenhum.

O Sinantropo não estava lá.

E isto era muito ruim.

Mas faltavam todos os fósseis humanos e pré-humanos.

Não havia nenhum homem além do Pleistoceno.

Nem Australopiteco, nem Pitecantropo, nem homem do Neanderthal, nenhum estava lá.

Era impossível.

A princípio, Ben pensou que devia haver um erro em algum lugar, na datação da idade dos fósseis. Afinal de contas, o fato de um geólogo falar de "Pleistoceno Médio" não significava nada na maior parte e os cálculos de datas por radiocarbono não funcionavam para um tempo tão distante. Mas a Correlação Gottwald-Hazard havia descartado essa possibilidade.

Simplesmente, os homens fósseis não apareciam lá.

Haviam desaparecido. Ou jamais estiveram, ou...

(1) (Sinantropo: Homo Pekinensis-N.de Espinhudo)

Ben levantou-se e serviu-se de outra dose. Estava precisando.

Quando as equações Winfield-Homam quebraram a barreira do tempo e Ben foi convidado pelo velho Franz Gottwald para tomar parte do Projeto de Pesquisa Temporal, pegou a oportunidade no voo. Era um sonho científico feito realidade.

Podia retroceder realmente e ver os antepassados da espécie humana desaparecidos a muito. Escutar como falavam, observar seus filhos, presenciar a fabricação das suas ferramentas, ouvir seus cantos. Não mais quebrariam as cabeças diante de artefatos de sílex. Não mais cavariam buracos de antigas fogueiras.

Sentiu-se como o homem que se senta para participar de um festim pantagruélico.

Lamentavelmente, era a noite de folga do cozinheiro. Não havia nada para comer.

No íntimo dos seus corações, todos os homens da ciência sabem que suas melhores teorias não são nada mais que adivinhações cultas. Há um Panteão da Fama reservado para os erros disparatados: a terra plana, os humores medicinais, o unicórnio.

Ah, sim, e não esqueçamos do Homem de Piltdown.

Todos os cientistas confiam em poder corrigir suas teorias à luz dos novos conhecimentos. Tal é o sentido da ciência. Mas não esperavam descobrir que tudo estava errado. Não esperavam que seu Projeto Manhattan mostrasse de forma conclusiva que o urânio realmente não existe.

Ben terminou seu copo, reclinou-se para trás e fechou os olhos. Em algum lugar ou em algum tempo tinha que estar a resposta... Tinha que estar. Um mundo de ignorância total em um mundo de terror; qualquer coisa pode acontecer.

Onde estava o homem? E por que?

Deitou-se e sonhou com escuridão e medos antigos. Sonhou que vivia em um mundo estranho e estrangeiro, um mundo de fogo, escuridão e sombras vivas...

Quando despertou na manhã seguinte, não estava completamente certo de haver sonhado.

Um observador imparcial que por acaso estivesse entre eles estaria convencido de que os três cientistas reunidos na sala de conferências da Estação do Novo México sabiam tudo que era possível sobre as formas primitivas do homem. Na opinião de Ben, também poderiam ter sido os maiores especialistas na teoria ptolomaica dos egípcios

Os três eram muito diferentes.

Ben Hazard era alto, magro e de feições irregulares, como se os ventos da vida o tivessem secado até convertê-lo em rocha dura e lisa que já não produzia mais nada. Em seus olhos azuis havia uma qualidade que escapava ao tempo e à idade, a semipernidade dos mares profundos e das altas montanhas, mas denotando uma curiosidade ativa e inquieta que lembrava em grande parte os olhos de um garoto campônês de Ohio que muito tempo atrás se maravilhara ante a magia da chuva e enchia as velhas caixas de charuto do seu pai com pedras estranhas que haviam conservado as marcas de plantas e conchas desde as alvoradas do tempo.

Ed Stone parecia ser somente uma parte do que realmente era: um texano curtido pelo sol, de olhos cinzas e estreitos, serenos e firmes. Não era corpulento, sua fala suave e seus movimentos deliberados davam-lhe um ar enganoso de fraqueza. Era fácil subestimar Ed; ele não perdia tempo com enfeites nem pretensões, mas dentro da cabeça tinha um cérebro afiado como uma lâmina de barbear. Era mais moço que Ben, pois ainda não havia completado os quarenta anos. Mas Ben confiava mais no seu julgamento que no próprio.

Franz Gottwald, velho somente na idade, era mais que um homem naquela época;

era uma instituição. Chamavam-no decano da antropologia norte americana, mas não em frente ao seu rosto de barba grisalha. Franz respeitava pouco aos decanos, punham-se de pé quando entrava em uma reunião e ele considerava isto como um direito adquirido; ele merecera, mas se preocupava tanto com isto como com a marca do automóvel que dirigia. Ben e Ed haviam feito cursos dirigidos por Franz e ainda aceitavam suas opiniões. A relação era cordial. Franz havia nascido na Alemanha, mas jamais falava da sua vida anterior à chegada aos Estados Unidos, na idade de trinta anos, e sua voz continuava exibindo um leve desvio que gerações de estudantes graduados tentaram imitar, sem êxito. Era o Grande Velho.

- Bem?... - perguntou o doutor Gottwald, após Ben apresentar sua informação. - Cavalheiros, qual é o passo seguinte?

Ed Stone deu pancadinhas na mesa com um lápis amarelo que mostrava ter sido mordido.

- Temos que aceitar os fatos e partir daí. Sabemos qual é a situação e achamos que não cometemos nenhum erro catastrófico. Em suma, o homem foi apagado do seu próprio passado. O que precisamos é uma explicação e, para consegui-la, temos que encontrar alguma hipótese relativamente sensata que possamos por à prova, e não ficar somente dando voltas. De acordo?

- Muito científico, Edward – aprovou Gottwald, acariciando a barba totalmente branca.

- Perfeito! - disse Ben. - Trabalhemos sobre a base do que sabemos. Os esqueletos estavam na África, na China, na Europa e em java. Tinham que estar lá, porque esses são os lugares onde foram escavados originalmente. Os ossos são reais, eu os tive em minhas mãos, e continuam estando nos museus. Este fato é incontestável e não será modificado por idiotices ou disparates sobre cursos alternativos no tempo nem universos congruentes. Além disto, a menos que Franz e eu sejamos os maiores patos de todos os tempos, o cálculo da datação desses fósseis é exato, tanto em termos geológicos como em termos da flora e a fauna e outras coisas. Os Buckets cumprem sua missão, isso também não se pode duvidar. Portanto, por que não pudemos encontrar os homens que deixaram esses esqueletos, ou mesmo os próprios ossos, nos seus lugares originais?

- Esta pergunta tem somente uma única resposta possível – afirmou Ed.

- Um momento! Paradoxos à parte (e não há paradoxos se se dispõe de suficiente informação exata), os próprios fatos devem falar. Não os encontramos porque não estavam lá. Pergunta seguinte: onde diabos estão?

Ed se inclinou mordendo o lápis.

- Se nos despreocuparmos do seu contexto geológico, nenhum desses fósseis têm mais que alguns séculos. Mesmo o próprio Homem de Neanderthal data mais ou menos de 1856, ou algo assim. A própria ciência é um fenômeno surpreendentemente recente, Portanto...

- Está se referindo ao Piltdown? - sugeriu Gottwald sorrindo.

- Talvez.

Ben encheu seu cachimbo e acendeu-o.

- Eu também tenho pensado nisto. Creio que todos o fizemos. Se um dos homens fosseis era falso, por que não todos eles? Mas isto não tem consistência e você sabe. Antes de tudo, teria requerido uma conspiração que abrangesse o mundo inteiro, o que é uma insensatez. Além disso, deixando de lado o poder humano puro e simples, o conhecimento que seria necessário para falsificar todos esses fósseis simplesmente não existia na época em que foram descobertos. O homem de Piltdown não teria du-

rado cinco minutos se tivesse sido empregada a prova do flúor para determinar idades e ter sido feita uma comprovação decente com raios X, e ninguém conseguirá me convencer de que homens como Weidenreich e Von Koenigswald e Dart tenham sido farsantes. De qualquer forma, essa ideia nos deixaria com um problema mais rebelde que o que estamos tentando resolver: de onde veio o homem se não teve passado nem antepassados? Proponho que conjuremos este fantasma.

- Continue – disse Gottwald.

Ed prosseguiu com sua ideia.

- Fatos, Ben. Deixando as teorias mais para a frente. Se no Pleistoceno, que é o período a que correspondem, não aparecem os ossos nem os homens, mas os ossos existiram e foram descobertos depois, então têm que aparecer em algum lugar intermediário. O que devemos averiguar agora é quando.

Ben tirou o cachimbo da boca e virou-o na mão, estava nervoso neste momento.

- Isto nós podemos resolver, caramba! Não é possível que todos nossos dados estejam equivocados. Escutem, durante a maior parte de sua presumível existência, cerca de um milhão de anos, o homem foi um animal raro. Todos os ossos de todos os fósseis de homens descobertos alguma vez não encheriam esta sala em que estamos sentados. Todos os que têm importância capital caberiam no armário onde se guardam as escovas. De acordo? Mas de volta aos tempos neolíticos, junto com aldeias agrícolas haviam homens em todas as partes, mesmo aqui no Novo Mundo. A constância é evidente. De forma que esses fósseis tinham que estar em seus lugares a mais ou menos oito mil anos. Tudo o que temos que fazer...

- É retroceder no outro sentido – concluiu Ed, ficando de pé. - Meu Deus! É isto! Podemos enviar equipes que retrocedam ao longo da história, para que façam verificações a intervalos curtos, até que vejamos como começou este assunto. Enquanto os ossos estiverem onde deveriam estar, grande. Quando desaparecerem (e devem desaparecer, pois sabemos que não estavam antes), investiremos em nosso campo e o revisaremos de hora em hora se for necessário. Aí então saberemos o que aconteceu. Depois disto poderemos discutir as teorias até onde quiserem

- Muito bem pensado – expressou Ben, que se sentia como um homem que sai de uma neblina densa. - Não será fácil, mas pode ser feito. Só que...

- O que? - perguntou Gottwald.

- Só que me pergunto o que encontraremos. Me dá um pouco de medo o que vamos ver.

- Uma coisa é certa – opinou Ed.

- Sim?

- Este nosso velho mundo jamais será o mesmo. É uma pena... Quase, quase... que eu gostava como é.

Gottwald abaixou a cabeça e acariciou a barba.

Durante meses, Ben Hazar viveu virtualmente dentro das paredes brancas da Estação do Novo México. Sentia-se estranho, como quem luta com as mãos com uma cobra cascavel em uma esquina movimentada, enquanto que em torno as pessoas cruzam apressadamente sem desviar a vista, abstraídas em suas preocupações.

O que aconteceu na Estação do Novo México foi classificado, claro, como informação confidencial. De acordo com Ben, isto significava que as técnicas da magia haviam se tornado absurdas. Os dados eram selados com o sinal sagrado: CONFIDENCIAL, o que, presumivelmente, os privava dos seus poderes. Entretanto, o mundo exterior ignorava o que estava em jogo, e talvez não se preocupasse, enquanto que na Estação...

A história passou, um filme maravilhoso e terrível.

O homem era seu herói e seu vilão... mas por quanto tempo?

Voltaram as equipes, tendo cuidado em não fazer nada nem tocar em nada. As equipes saíram da Grande Central e continuaram com sua marcha em retrocesso, sondando, procurando...

No passado, mais além das legiões romanas e dos templos de Atenas, muito antes das pirâmides do Egito e das maravilhas de Ur, muito antes das aldeias dos primeiros agricultores queimados de sol, além das sombras obscuras da pré-história...

E as equipes não encontraram nada.

Em cada lugar que chegavam, sem revelar sua presença, os ossos dos homens antigos estavam exatamente onde deveriam estar, esperando pacientemente que os desenterrassem.

Bem antes dos 8.000 a.C.

Bem antes dos 10.000 anos.

Bem antes dos 15.000

E então, quando as equipes chegaram aos 25.000 a.C., aconteceu. Subitamente, em regiões tão separadas umas das outras, como a França de Java, os ossos desapareceram.

E não somente os ossos.

O próprio homem desapareceu.

Em certo sentido, o mundo estava onde havia estado... ou tinha que estar. As ondas cinzas continuavam se agitando nos mares bravios, os bosques estavam frios e verdes sob os límpidos céus azuis, as savanas brilhando de neve e gelo continuava lançando fulgores sob um céu dourado.

A Terra era a mesma, mas era um mundo estranhamente vazio sem os homens. Um mundo desolado e, de certo modo, espantoso, imerso em longo silêncio e acariado friamente pelos ventos inquietos...

- É isto. - disse Ben - Seja como for, sabemos o que aconteceu... entre os 23.000 e os 25.000 anos, no final do Paleolítico Superior. Voltarei lá.

- Voltaremos. - corrigiu Ed - Se tiver que assistir isto tudo pacientemente, ficarei pronto para que me encerrem em um manicômio.

Ben sorriu. Sem esforçar-se para ocultar o alívio que experimentava.

- Me parece que não seria mal alguma companhia nesta viagem.

- É uma sensação estranha, Ben.

- Sim, - admitiu Ben Hazard, olhando de lado os Buckets que aguardavam - Já vi muitas coisas na minha vida, mas jamais pensei que veria o Início.

A máquina se deteve e o olho da luz verde piscou.

Ed revisou o visor, enquanto Ben perfurava dados na máquina registradora.

- Nada ainda. - disse Ed - Está chovendo.

- Perfeito! - proclamou Ben, enquanto abria a escotilha pela qual saíram os dois. O céu acima deles estava frio e cinzento. Uma chuva gelada caía das nuvens pesadas e baixas. Não se ouviam trovões. Além do barulho constante da chuva, a França do ano 24.571 a.C. Estava tão muda como uma tumba - Escondamos isto.

Tiraram a capa plástica, camuflada para que se confundisse com a paisagem, e com ela cobriram a esfera metálica cinzenta. Haviām procurado por dezoito dias sem nada encontrar, mas não queriam se arriscar.

Cruzaram o estreito vale no meio de cortinas de chuva. A cada passo as botas afundavam no solo encharcado. Escalaram rochas até o enorme buraco negro da entrada da caverna e conseguiram abrigar-se sob o leito de rocha. Acenderam suas lu-

zes, abaixaram-se e, de joelhos, apoiados nas mãos, inspecionaram centímetro por centímetro do terreno que estava justamente atrás da saliência rochosa.

Nada.

A chuva cinza caía com força na ladeira e se convertia em uma torrente, cuja água escorria por cima da entrada da caverna com uma cascata de prata sibilante. Dentro fazia um pouco mais de calor, mas a caverna estava escura e era singularmente pouco acolhedora.

- Entraremos outra vez – resmungou Ed. - Conheço esta odiosa caverna mais que o quintal da minha própria casa.

- Como eu gostaria de poder ver o quintal da tua casa agora! Pelo menos poderíamos assar algum frango e provar uns amaro de Tequila, dos que Betty prepara.

- Agora mesmo eu transaria pela tequila. Se não podemos resolver este assunto de alguma outra maneira, o melhor seria que recorrêssemos à garrafa.

- Ei! - exclamou Ben, suspirando e olhando para o interior da caverna – Entram um anão e um gnomo, enquanto milhares aplaudem!

- Não se ouve nada.

Ed tomou a frente e se agarrando e se arrastando retrocederam pelos estreitos corredores da caverna, onde as lanternas projetavam sombras grotescas que dançavam como fantasmas nas espirais e colunas de pedra antiga, que gotejava. Ben estimou o peso das grandes rochas que haviam acima e sentiu o peito contrair-se. Era trabalhoso respirar, e continuar avançando não era mais fácil.

- Seja o que eu for na minha próxima re-encarnação – disse, - tomara que não tenha o azar de ser uma toupeira.

- Nem sequer serás um mamífero – assegurou-lhe Ed.

Chegaram a uma abóbada longa e sinuosa. Estavam nas profundezas da caverna, distantes dos céus nublados e isolados da chuva. Projetaram as luzes das lanternas sobre as paredes, examinaram o teto seco e cinza, e entraram no silêncio que não tem idade.

Nada.

Nada pintado na caverna.

Era como se o homem jamais houvesse existido e nunca fosse existir.

- Estou começando a me perguntar se eu sou real. - disse Ed.

- Espera um momento! - exclamou Ben, voltando-se para a entrada da caverna e com o corpo rígido. - Ouviste alguma coisa?

Ed prendeu a respiração e escutou.

- Sim. Outra vez a mesma coisa!

Era fraco e distante, ao chegar até eles na abóbada subterrânea, mas não era possível que estivessem equivocados.

Era um ruído como de um trovão, mais potente do que se puderia acreditar.

Constante, agora.

Aproximando-se mais e mais.

Não se ouviu trovão algum naquela chuva fria e sibilante.

- Vamos – e Ben atravessou correndo a caverna, ajoelhando-se para passar pelo corredor tortuoso que conduzia ao mundo exterior. - Há alguma coisa aí fora.

- O que?

Ben não parou. Arrastou-se pelas pedras até que as mãos sangraram

- Acho que já passou a hora do almoço – disse ofegante. - Me parece que o homem vem para casa.

Como dois selvagens assustados, agacharam-se na entrada da caverna e olharam o vale castigado pela chuva de lado a lado. A pedra sólida vibrou sob seus pés e o

céu frio e cinza modificou-se emitindo rugidos estridentes.

Uma coisa podiam dar por certo: aquele trovão não era natural.

- Temos que ir lá fora – disse Ben, gritando. - Devemos esconder-nos antes que...

- Onde? No Bucket?

- Seria o mais seguro. Com esta chuva quase não se vê nada, mas podemos observar pelo visor.

- Muito bem! Corramos para lá!

Desceram correndo loucamente pelas rochas escorregadias e atravessaram correndo a grama e o barro do solo do vale. Fazia frio e a chuva castigava implacavelmente seus rostos. Intensificou-se ainda mais o rugido ensurdecedor que caía do céu cor de chumbo.

Manuseando precipitadamente, pegaram uma corda na quina da cobertura de plástico para que o visor funcionasse. Então, se retorceram e se encolheram por baixo do plástico e entraram pela escotilha e fecharam-na. Salpicaram de lama toda a esfera, mas não tinham tempo para se preocuparem com isto. Mesmo dentro do Bucket percebiam o oceano de sons que os circundavam.

Ben ligou o mecanismo registrador.

- Liga as câmeras.

- Já fiz isto.

O barulho ensurdecedor alcançou um volume que furava os tímpanos. De repente puderam ver algo.

Luz.

Uma chama branca e devastadora que percorria o céu cinza como uma lâmina.

Eles a viram, tremenda, encantadora e enorme, mais além de toda a razão.

Diante dos seus olhos, como um imenso peixe metálico em um mar desconhecido e terrível, a nave espacial desceu e pousou no vale inundado da França Paleolítica.

Voltou o longo silêncio.

Com as mãos apertadas, Ben Hazard observou a Criação.

A grande nave erguia-se imponente em meio a chuva, tão grande que era difícil imaginar que alguma vez houvesse se movido. Poderia ter estado sempre ali, mas era absolutamente estranha e achava-se fora do seu elemento no ambiente da montanha, dos pastos e da terra inundada.

Abriram-se orifícios circulares na grande nave, como meia centena de olhos saudosos. Uma quente luz amarela derramou-se no espaço sulcado pela chuva. Os homens, estranhamente trajados com túnicas escuras e justas, saíram da nave e desceram ao solo sob colunas de luz amarela.

Eram seres humanos, e fisicamente não eram diferentes de Ben ou de Ed.

Alguns de equipamentos desceram flutuando nos feixes de luz amarela: estranhas máquinas com patas como as das aranhas, caixas auto-propulsionadas que brilhavam na luz, pés blindados que poderiam haver servido para planos ou mapas, robôs mecânicos com o dobro do tamanho de um homem.

A luz amarela desviou a chuva (Ben pôde ver que a água escorria de colunas amarelas que pareciam tubos sólidos que atravessavam o ar), e a chuva se desviava também dos homens e dos seus equipamentos.

Os homens da nave se movimentaram rapidamente. Deslocaram-se em leque e se puseram a trabalhar com a precisão de especialistas treinados que sabiam exatamente o que estavam fazendo.

Apesar do incrível que era tudo isto, Ben achou que também sabia o que eles estavam fazendo.

As máquinas de patas de aranha permaneceram no solo vale, pulsando. A maior

parte dos homens, juntamente com três dos robôs e de quase todas as caixas autopropulsionadas, avançaram para a caverna da qual Ben e Ed acabavam de sair, e desapareceram no seu interior.

- Queres apostar que eu adivinho o que há dentro dessas caixas? Sussurrou Ben.

- Eu não tenho a menor ideia, mas não duvido um instante de que para você são ossos.

A grande nave esperava, e dela continuavam saindo e sulcando a chuva os fachos de luz amarela. Cinco homens observavam atentamente os pés blindados, tal como agrimensores que nivelam um terreno. Outros trabalhavam com as máquinas de patas de aranha, colocando tubos de luz amarela que iam desde as máquinas até as montanhas rochosas. Dois dos robôs, tal como Ben podia ver, estavam simplesmente empilhando pedras.

Ao cabo de três horas, quando já estava escurecendo, os homens tornaram a sair da caverna. Os robôs tornaram a carregar os caixões através das aberturas da nave, na qual subiram então os homens uniformizados.

Caiu a noite e Ben se estirou para dar um descanso aos seus músculos doloridos, mas nem por um segundo deixou de olhar através do visor.

A chuva amainou até se transformar em um chuveiro leve e então cessar de todo. A cerração se afastou e débeis nuvens brancas percorreram o céu açoitado pelo vento. A lua saiu, grande e prateada, e seu brilho minguava o das estrelas.

A inacreditável nave, tão imponente sob a lua da Terra, era um arranha-céu de luz. Literalmente, fervia de atividade. Ben teria dado qualquer coisa para saber o que acontecia dentro da nave, mas não tinha forma de averiguar.

As máquinas pulsantes de patas de aranha continuavam com suas pancadinhas e zumbiam na noite fria do vale. Transportavam pedras para as máquinas, utilizando os raios de luz amarela. As máquinas, enquanto isto, estampavam ou selavam algo à razão de centenas de milhares... Alguma coisa...

Artefatos?

A noite terminou, longa e misteriosa. Tremendamente fascinados, Ben e Ed olhavam, quase esquecidos dos seus temores e sem pensar, nem remotamente, em dormir.

O amanhecer navegou o céu do Leste, roçando as nuvens com dedos de rosa e ouro. Uma brisa ligeira revolveu o mato úmido e pesado. Das rochas, continuavam caindo gotas d'água.

Os homens uniformizados voltaram a sair da sua nave, cavalcando colunas de luz amarela. Os robôs reuniram uns imensos troncos e os empilharam perto da boca da caverna. Trataram a madeira com uma substância seca e logo esta ardia com um fogo ofuscante.

Esquadrões de homens percorreram o solo do vale, limpando todo sinal da sua presença. Um deles se aproximou demais do Bucket e Ben sentiu algo assim como um frio paralisante. Que aconteceria se fossem descobertos? Já não se preocupava por si mesmo. Mas o que aconteceria a todos os homens que devessem viver na Terra? Ou...

O esquadrão afastou-se.

No instante em que o sol vermelho aparecia por trás das montanhas, enquanto a lenha continuava ardendo junto à caverna, a nave depositou o final do seu estranho carregamento.

Seres humanos.

Ben sentiu o suor entorpecendo as palmas das mãos.

Desceram pelos feixes de luz amarela, que eram cuidados pelos homens uniformi-

zados. Conseguiram chegar a contar uma centena deles: cinquenta homens e cinquenta mulheres. Não havia nenhuma criança. Eram seres altos, robustos, vestidos com peles de animais. Tremiam pelo frio e pareciam atordoados. Não compreendiam nada. Tinham que ser conduzidos pela mão, e vários deles foram transportados pelos robôs.

Os homens uniformizados os levaram de um lado ao outro do vale molhado, a uma distância prudente da nave. Eles apinharam-se como ovelhas, apertando-se uns contra os outros, com uma inocência que desconhecia o sexo. Seus olhares moviam-se do fogo para a nave, sem compreender absolutamente nada.

Foi uma cena que transcendia toda idade; sempre havia sido assim. Havia filas de homens uniformizados, parados rigidamente, em atitude de atenção. E ali também estavam os seres agrupados, vestidos com peles de animais, que esperavam sem esperança e sem pesar.

Um oficial (Ben o considerou assim, embora seu uniforme não se diferenciasse dos outros), avançou e pronunciou o que pareceu ser um discurso. Como quer que seja, falou por um longo tempo, quase uma hora. Era evidente que os seres embotados não entendiam uma só palavra do que ele dizia, e isto era mais velho que o tempo.

Ben pensou: É uma cerimônia, deve ser uma espécie de ritual. Não tinha esperado por isto.

Quando terminou, o oficial permaneceu de pé por longo tempo, olhando as pessoas agrupadas. Ben tentou interpretar sua expressão através do visor, mas isto foi impossível. Pode ter sido de pesar, ou talvez de esperança. Também pode ter sido de simples curiosidade.

Após um sinal, os homens uniformizados voltaram-se e abandonaram os outros. Retornaram à nave que os esperava e as colunas de luz os conduziram ao seu interior. As portas foram fechadas.

Dez minutos depois a nave reanimou-se.

Saíram chamas brancas sob seus propulsores e a terra tremeu. Voltou o rugido terrível. As pessoas que haviam ficado no solo desabaram; todos taparam os ouvidos com as mãos. A grande nave elevou-se rapidamente e subiu pelo céu azul, distanciando-se a uma velocidade cada vez maior.

Perdeu-se de vista e só restou o ruído.

Aos poucos, este também desapareceu.

Ben observou seus antepassados com uma fascinação quase hipnótica. Eles não se moveram.

"Levantem-se, levantem-se..."

Após o que pareceu serem horas, os indivíduos vestidos de peles levantaram-se temerosos. Olharam-se inexpressivamente. Como se fossem impulsionados por algum vago instinto que se manifestava através da sua surpresa, voltaram-se e contemplaram o fogo deslumbrante que ardia junto à boca da caverna.

Depressa, um após o outro, colocaram-se acima do fogo, sobre as rochas. Tinham o fogo diante de si e procuraram um calor que não compreendiam.

O sol subiu mais, inundando com sua luz dourada o mundo que a chuva havia lavado.

Aquela gente permaneceu por bastante tempo observando o fogo que ardia abaixo. Não fizeram nada nem disseram nada.

"Depressa, depressa!" A voz voltou a falar no cérebro de Ben. Ele balançou a cabeça. Estaria pensando nos seres embotados que estavam lá fora, ou era alguém que pensava nele?

Pouco a pouco, alguns pareceram recobrar seus sentidos. Começaram a se mover de um lado para outro com decisão, ainda lentamente, ainda inseguros. Um deles levantou um galho e atirou-o ao fogo. Outro agachou-se e tocou com seus dedos num estilhaço que encontrou em uma pedra. Duas mulheres caminharam por trás da fogueira e entraram na caverna escura.

Ben afastou-se do visor. Estava com a pele áspera no rosto não barbeado.

- Apresento-lhes o homem de Cro-magnon – disse, fazendo um sinal com a mão.

Ed acendeu um cigarro, o primeiro em dezoito horas. Sua mão tremia.

- O que você quer é que todos saibam – disse. - Esses palhaços trouxeram os outros, o homem de Neanderthal e não sei quantos mais, para pô-los de volta na caverna antes de descarregar os seres vivos.

- Nós também saímos desta nave, Ed.

- Eu sei, mas de onde veio a nave deles? E por que?

Ben olhou novamente para as pessoas agrupadas ao redor do fogo. Não sentia vontade de falar. Estava muito cansado para pensar. Nada daquilo fazia sentido.

Que tipo de gente podia fazer tal coisa?

- Voltemos à nossa terra – disse Ed calmamente.

Saíram e tiraram a cobertura plástica. Então dispuseram os controles de forma a que o veículo os levasse à Estação Novo México, a um mundo que já não era deles.

O velho Franz Gottwald estava sentado à frente da sua mesa. Vestia uma roupa branca que havia sido passada recentemente e brilhava com um penteado cuidadoso. Acariciou a barba com o velho gesto habitual, e somente o brilho dos seus olhos revelou a emoção que sentia interiormente.

- Sempre acreditei, cavalheiros, que não há substitutos para o pensamento sério baseado em fatos comprovados. Existe um momento para trabalhar e um momento para pensar. Talvez não precise lembrar-lhes que a ação sem pensamento é vã, é ato de um animal, a contração de uma minhoca. Já temos os fatos que precisávamos. Faz três dias que vocês voltaram, mas ainda falta pensar.

- Estamos torturando nossos cérebros! - protestou Ben.

- Talvez, Ben. Mas se um homem espreme o cérebro com um garrote, isto não é pensar.

- Tente você pensar – disse Ed, amassando um cigarro.

- Você é muito velho, Edward, para que outros se preocupem em pensar por você. Eu tenho lhe dado tudo quanto posso dar. Agora é a sua vez – disse Gottwald sorrindo.

Ben reclinou-se na cadeira e acendeu o cachimbo. Fez isto com calma, procurando esvaziar a mente. Precisava esquecer aqueles homens aterrorizados que se agrupavam em torno de uma fogueira, tinha que esquecer as emoções que experimentou quando a grande nave os deixou para trás. Gottwald tinha razão, como sempre.

Havia chegado o momento de pensar.

- Muito bem – disse. - Todos nós conhecemos os fatos. Para onde vamos a partir daqui?

- Eu os aconselharia, cavalheiros, que não formulemos respostas até que tenhamos começado a fazer as perguntas correspondentes. Isto é elementar, se me permitem utilizar uma expressão do senhor Holmes.

- Quer perguntas? - inquiriu Ed, rindo brevemente. - Aqui está uma, e certamente é um primor. Em tudo isto há um buraco tão grande que dá para passar por ele com a Associação Antropológica Norte Americana com todos seus caminhões. Que fazeremos com os macacos?

Ben baixou a cabeça.

- Franz, você citou Conan Doyle, de modo que eu tomarei emprestada uma frase de outro inglês, o amigo de Darwin, chamado Huxley: "Osso por osso, órgão por órgão, o corpo do homem se repete no macaco". Caramba! Isto todos nós sabemos. Claro que há diferenças, mas os primatas estão mais próximos dos homens que dos outros macacos. Se o homem não surgiu por evolução, na Terra...

- Respondeu sua própria pergunta, Ben.

- Claro! - disse Ed, pegando outro cigarro. - Se o homem não apareceu na Terra por evolução, tampouco isto aconteceu aos primatas. Essa nave, ou uma outra nave, trouxe os dois. Mas isto é impossível.

- Impossível? - perguntou Franz.

- Talvez não – disse Ben depressa. - Além de tudo, há somente quatro gêneros de primatas vivos: dois na África e dois na Ásia. Poderíamos até omitir o gibão, é um tipo bastante primitivo. Poderia ter sido feito.

- Não com todos os primatas – insistiu Ed. - Não com todos os monos, lêmures e os tarsier, não com todos os ossos fósseis de primatas. A arca de Noé teria parecido um barco a remo.

- Eu aventuraria a sugestão de que sua imagem não é muito apropriada – interveio Gottwald. - Aquela nave era grande o bastante para fazer com que qualquer dos nossos navios parecesse um barco a remo.

- Está bem – disse Ben, decidido a não se deixar desviar do tema. - Não importa. Suponhamos que os antropoides tenham sido semeados tal como aconteceu com os homens. Os outros primatas puderam nascer aqui por evolução, sem interferência, como aconteceu com os outros animais. Esse não é o verdadeiro problema.

- Não sei o que dizer – expressou Ed. - Poderia essa nave haver saído do tempo tanto como do espaço? Além disso, se nós temos a viagem no tempo, eles devem ter também. Poderiam fazer qualquer coisa...

- Histórias! - protestou Gottwald. - Não te deixes levar, Edwald. Qualquer coisa não é possível. Uma lei científica é uma lei científica, independentemente de quem trabalhe com ela, onde e quando. Sabemos pelas equações Winfield-Homan que é impossível retroceder no tempo e alterá-lo de algum modo, tal como é impossível ir ao futuro que ainda não existe. Não há paradoxos na viagem no tempo. Não tornemos isto mais difícil do que já é, atacando todos os becos sem saída em que possamos pensar. Ben estava bem encaminhado. Qual é o problema real?

Ben suspirou. Via o problema muito claramente.

- Pelo meu modo de ver, se reduz a isto: Por que puseram os fósseis... e provavelmente os primatas também? Posso conceber cinquenta razões para que tenham posto homens como eles em um planeta ermo (crescimento populacional, etc., mas, a título de que se deram ao trabalho de impor um falso quadro evolutivo para que fosse desenterrado depois?

- Talvez não seja falso – disse Ed depressa.

- Agora estás pensando, Edwald – disse-lhe Franz Gottwald sorrindo.

- Desculpa, Ed, mas não te entendo. Você viu como colocavam esses ossos. Se isto não é um exemplo perfeito de manipulação de uma prova antropológica, que demônios é?

- Não fique furioso, amigo. Eu dizia que os fósseis puderam ser colocados ex professo ⁽¹⁾ e apesar disto corresponder a um fato real. Talvez eu não seja mais que um velhote aferrado às suas ideias, mas não posso acreditar que a evolução do homem seja um mito. Há um argumento decisivo, Ben. Por que se preocupar com os prima-

(1) (Ex professo: magistralmente, com toda a perfeição – N.de Espinhudo)

tas se não existe uma relação?

- De qualquer forma, ainda não entendo...
- Quer dizer – explicou Gottwald pacientemente, - que a sequência dos fósseis é autêntica... em algum outro lugar.

Ed balançou a cabeça afirmativamente.

- Exatamente! Esta série evolutiva é o artigo legítimo, mas o homem se desenvolveu no seu mundo e não no nosso. Quando colocaram homens na Terra, lhes providenciaram também um livro de história... se eles pudessem ler.

Ben mordiscou seu cachimbo. Fazia sentido, sempre e quando algo ainda tivesse sentido.

- Aceito, mas onde isto nos leva?
- Sempre de volta às águas daquele riacho conhecido. Todas as respostas que formulamos voltam simplesmente à mesma velha pergunta: Por que nos legaram um livro de história?
- Contesta isto – disse Gottwald – e ganharás o charuto de ouro.
- Ben levantou-se. Sentia a cabeça como se estivesse cheia de algodão.
- Aonde vai?
- Vou pescar. Enquanto estou no riacho, sinto que ainda posso fazer algo útil. Até logo.
- Tomara que pesques alguma coisa! - disse Ed.
- Eu também desejo isto – afirmou tristemente Ben Hazard.

O automóvel zumbiu sonolentemente ao atravessar as monótonas planícies do Novo México, passou pela região suavemente ondeada que repousava a vista e subiu as frescas montanhas nas quais os pinheiros cresciam altos e o pasto era de um denso verde escuro em Las Vegas.

Ben amava as montanhas. Os momentos mais ditosos da sua vida haviam transcorrido perto do céu, onde o ar era revigorante e os riachos corriam cristalinos. Precisava das montanhas e sempre voltava a elas quando ficava difícil suportar o aumento da pressão.

Afastou-se do caminho principal e entrou por um de cascalho; os caminhos pavimentados e a boa pesca excluem-se mutuamente, como as cidades e a sanidade. Notou satisfeito que as nuvens envolviam os picos montanhosos, projetando sombra sobre a terra. Quando o sol era muito forte, os peixes podiam ver quando as pessoas se aproximavam.

Aspirou profundamente, saboreando o ar vivificante.

“Tens que parar de te preocupar, é disto que tu precisas.”

Examinou para certificar-se que nenhum intruso tivesse descoberto seu local predileto e estacionou o automóvel ao lado do Mili Creek, um riacho de água cristalina que saía trêmulo e frio das montanhas, e serpenteava indolentemente pelo longo vale verde. Sorriu entredentes, como o menino que está com sua primeira vara de pesca improvisada.

Ben calçou suas altas botas impermeáveis, montou seu equipamento com prática consumada e atou suas moscas favoritas no anzol, uma Gray Hackle e uma Royal Coachman. Colocou a rede em um ombro e o cesto para as trutas no outro, acendeu o cachimbo e vadeou a água fresca do Mili Creek.

Sentiu-se maravilhosamente bem. Pescou uma linda truta do riacho em cinco minutos. Notou que do seu ser desapareciam os problemas e as tensões, como a neve que se derrete, e este foi o primeiro passo.

Precisava despreocupar-se, era a única maneira.

Considere-se o apuro de um jogador de beisebol em um momento de forte depressão. Dá tudo que pode, esforça-se o dobro do habitual. Mas tudo que faz se volta contra ele. Não se lhe apresentam "hits", falha nos "grounders" fáceis. Passa as noites acordado e se preocupa.

"Descansa, Max" – disse-lhe seu técnico - " A única coisa que deves fazer é não se preocupar. Leva com calma"

Sim, mas como?

O mesmo acontece com os problemas científicos difíceis. Ben havia descoberto há muito tempo que a lógica persistente e organizada poderia levá-lo somente até um determinado lugar, não além disto. Chegava um momento em que por muito que se esforçasse a pensar, o propósito não se realizava. Raramente novas visões e novas ideias se apresentavam quando as procurava, por muito empenho que pusesse. E mais, quando mais matutava sobre um problema, mas obstinada e recalcitrante esta se tornava em sua mente. As grandes e boas ideias só lhe ocorriam em instantes de compreensão quase intuitiva. A solução era permitir que a mente consciente se separasse, que deixasse passar a mensagem.

No caso de Ben, era ir pescar.

Após duas horas, depois de sete trutas e parte de uma banana, conseguiu a resposta que procurava.

Havia bebido uma boa quantidade de água fresca do riacho e limpado o peixe. Estava sentado em uma pedra para almoçar, comendo o que havia levado no pacote, quando a ideia se lhe apresentou de repente. Depois de descascar uma banana e de ter dado uma primeira mordida, sua mente foi inundada por uma única palavra inócua

Banana.

Não uma banana qualquer, claro, mas uma determinada banana utilizada por um determinado fim.

Lembram-se?

Charles Darwin e Cleópatra, dois chimpanzés em suas jaulas. Charles Darwin forçando seu cérebro primata ao máximo para unir entre si dois pedaços de madeira. Por que?

Para conseguir uma banana.

Um simples e asquerosa banana.

Até aqui tudo bem, mas havia mais. Darwin podia conseguir sua banana e nenhuma outra coisa o preocuparia. Mas quem havia posto os paus na jaula, quem havia providenciado a banana?

E por que?

Era simples. Tão simples que poderia ter ocorrido a uma criança. Alguém havia dado a Charles Darwin dois paus e uma banana exatamente por um motivo: para ver se ele poderia ou não resolver o problema.

Em poucas palavras, uma experiência científica.

Agora, consideremos outro Charles Darwin, outro problema.

Ou consideremos a Ben Hazard.

Qual era o problema mais árduo que um homem poderia abordar? Howells o destacou há muitos anos. De todos os animais, o homem é o único que se preocupa em saber de onde veio e para onde vai. Todos os demais problemas são mínimos comparados a este. Força o cérebro humano até o limite...

Ben pôs-se de pé; havia esquecido o almoço.

Tudo era tão evidente!

Os homens foram colocados na Terra, e junto com eles havia sido colocado um

problema, um problema real, capaz de conduzir a uma solução verdadeira. Uma massa confusa de seres humanos foi abandonada junto a uma fogueira, perdida na manhã de um estranho mundo novo. Depois ficaram totalmente sós; não havia evidência alguma de que naquele tempo houvessem sido ajudados de alguma forma.

Por que?

Para ver o que eles conseguiriam fazer.

Para ver quanto tempo demorariam em resolver o problema.

Em resumo: uma experiência científica.

Ben levantou sua vara de pesca e começou a voltar para o carro.

Havia alguma coisa mais, uma característica inevitável de uma experiência. E se prosseguisse, esquecendo-a, teria sido a última palavra em professores distraídos.

Não.

Tem-se que ficar em algum lugar para ver como tudo acontece. Tem que observar, tomar notas.

Era monstruoso.

Toda a história do homem na Terra...

Ben entrou no carro e ligou o motor.

Há algo mais, vamos enfrentá-lo.

Suponhamos que tenhas armado uma fantástica experiência planetária com seres humanos. Suponhamos que você, ou um dos seus descendentes, pois as gerações são lentas, voltasse para verificar o resultado da sua experiência. Que faria? O que você seria?

Mecânico de automóveis?

Vendedor de sapatos? - Um jogador ruim?

Difícilmente. Sua situação deveria permitir-lhe saber o que aconteceu. Você teria que trabalhar em um terreno no qual fosse especialista.

Em uma palavra: seria um antropólogo.

Ainda tem mais. Fique no fim da fila.

Suponhamos agora que o Homem na Terra tenha atravessado a barreira do tempo. Suponhamos um Projeto Temporal de Pesquisa que tenha sido criado. Você não estaria nele, diretamente à frente?

Naturalmente!

Não perderia a chance por nada no mundo.

Bem, quem corresponde à descrição? Não podia ser Ed, bem o conhecia durante quase sua vida inteira, conhecia sua família, as esposa e os filhos, visitou a cidade do Texas em que tinham vivido.

Não era Ben.

Restava somente Franz Gottwald.

Franz, que havia chegado da Alemanha e que nunca falou do seu passado. Franz, com suas atitudes estranhamente forasteiras. Franz, que não tinha família. Franz, que não havia contribuído em nada para o projeto, exceto perguntas sagazes, incitantes.

Franz.

O Grande Velho.

Ben guiou o automóvel com as mãos crispadas no volante e seus lábios apertaram-se formando uma linha fina e dura. A noite já havia caído quando saiu de entre as montanhas e conduziu o carro através do deserto encantado, sob a magia das estrelas. A luz dos faróis atravessou a noite, apunhalando, apunhalando...

Deixou para trás a grande base de foguetes do Novo México, de onde os homens haviam lançado mísseis para a Lua e mais além. Falava-se de um voo tripulado a

Marte...

Até onde chegariam as experiências?

Ben acendeu um cigarro, pois não queria usar o cachimbo dentro no carro. Sentia uma grande indignação, fria, como nunca havia sentido antes.

Havia resolvido o problema.

Bem resolvido

Era hora de ganhar a banana

Já havia passado da meia-noite quando chegou em casa. Jogou os peixes na geladeira, tomou uma ducha e derreou-se no seu cômodo cadeirão para ordenar seus pensamentos. Imediatamente descobriu outra verdade fundamental sobre os seres humanos: quando estão suficientemente cansados, dormem.

Despertou sobressaltado e olhou para o relógio. Eram cinco da madrugada.

Barbeou-se e ficou surpreso ao descobrir que estava com apetite. Assou um pedaço de bacon e fez um mexido de ovos. Bebeu três xícaras de café instantâneo e estava pronto para qualquer coisa.

Até para Franz.

Entrou no seu automóvel e atravessou a cidade ainda adormecida, em direção à casa de Gottwald, a qual lhe pareceu segura e familiar à pálida luz matutina. Na verdade, parecia-se muito com a sua própria casa; ambas haviam sido providenciadas pelo governo.

Pensou que isto era engraçado.

O governo havia providenciado a Gottwald uma casa onde viver.

Saltou do carro, caminhou até a porta e tocou a campainha. Franz nunca ia para o escritório antes das nove e seu automóvel ainda estava na garagem.

Não houve reação ao som da campainha, somente o silêncio.

Testou novamente e ficou apertando o botão por um momento. A chamada daria para despertar os mortos.

Não houve resposta.

Tentou abrir a porta e esta não estava fechada com chave. Inspirou profundamente e entrou. Tudo estava limpo e organizado. Nas estantes haviam os livros habituais. Entrar naquele *living room* era o mesmo que entrar na sua própria casa.

- Franz! Sou eu, Ben!

Nada.

Dirigiu-se a passos longos para o quarto, abriu a porta e olhou para dentro. A cama estava impecavelmente arrumada, mas Franz não a ocupara. Ben percorreu a casa inteira e não se deu por satisfeito até ter olhado nos armários.

Franz não estava em casa.

Maravilha! Os homens da ciência fazem anotações, não é assim?

Ben dispôs-se a revolver tudo. Concentrou-se nas gavetas da cômoda, nas prateleiras do armário e até na geladeira. Não detectou nada diferente. Então tentou o evidente.

Abriu o escritório de Gottwald e olhou.

A primeira coisa que notou foi uma carta endereçada a ele. Estava ali mesmo, com seu envelope branco que exibia seu nome escrito a máquina: Dr. Benjamim Wright Hazard.

Seria para não ser aberta até o Natal?

Ben rasgou o envelope e dele extraiu uma única folha de papel. Começou a lê-la e logo procurou Tateando por uma cadeira para sentar-se.

A carta estava muito bem datilografada. Dizia:

"Meu estimado Ben. Sempre achei que um homem da ciência deve ser capaz de formular previsões. Isto nem sempre é um assunto fácil quando se trata de seres humanos, mas há muito, muito tempo, que te conheço.

Evidentemente, você está vasculhando minha casa, pois se não fosse assim não estaria lendo esta carta. Também é evidente que, se está vasculhando minha casa, é porque conhece uma parte da verdade.

Se quer saber o resto da história, o procedimento é simples. Olhe atrás do quadro sobre areia (daquelas feitas pelos navajos) que está no meu quarto. Ali encontrará um botão. Aperte-o por exatamente cinco segundos. Depois disto vá para o pátio e fique em pé, diretamente à frente da minha churrasqueira.

Acredite-me, não sou um canibal."

A nota terminava com a assinatura rabiscada de Gottwald.

Ben levantou-se e saiu do quarto, olhou atrás do quadro que estava acima da cama. Havia um botãozinho vermelho.

Apertou-o exatamente por cinco segundos.

O que acontece agora... então?

Voltou a por o quadro onde estava. Tudo isto lhe recordava vagamente uma brincadeira prática de um cérebro obtuso. Aperte o botão e sentirá um choque. Aperte o botão e levará água na cara. Aperte o botão e a casa saltará pelos ares.

Não. Isto era absurdo.

Isto é, era mesmo?

Vacilou. Podia chamar Ed, mas Ed insistiria em ir no mesmo instante e Ed tinha mulher e filhos. Podia chamar a polícia, mas o que tinha a contar pareceria absolutamente insensato. Não tinha prova alguma.

Voltou ao escritório de Gottwald, encontrou papel e escreveu uma carta na máquina. Descreveu a teoria que havia concebido, agregando, detalhadamente, tudo que planejava fazer. Meteu a carta em um envelope e endereçou a Ed, selou a carta, saiu e colocou-a na caixa de correios da esquina.

Voltou para a casa.

Desa vez não vacilou... nem por um segundo.

Apertou o botão das costas do quadro durante exatos cinco segundos. Nada aconteceu. Saiu para o pátio e colocou-se diante da churrasqueira.

A parede que rodeava o pátio ocultava o mundo exterior, mas o céu azul acima era o mesmo de sempre. Não viu nada, não ouviu nada.

- Oh inferno! - exclamou em voz alta.

Então, com repentina instantaneidade, alguma coisa aconteceu.

Produziu-se no ar uma brusca quietude, uma ausência total de som. Era como se o lugar estivesse fechado por paredes de vidro invisíveis, que o isolavam do exterior.

Não houve transição perceptível. Em um instante o fecho de luz amarela não estava ali, e no seguinte ali estava. O fecho o rodeava, tenso, vivo, borbulhando como uma energia que causa picadas na pele.

Conhecia aquela luz amarela.

Já a tinha visto antes, na aurora do tempo...

Prendeu a respiração; não pôde evitá-lo. Ficou surpreso a notar a falta de peso, boiando como uma cortiça em um mar ignoto...

- Santo Deus! - exclamou Ben.

Foi içado pela luz amarela, absorvido por ela. Podia ver perfeitamente e isto não ajudava minimamente ao seu estômago. Podia ver a cidade abaixo... Ali estavam o pátio de Gottwald, a grelha, a casa de tijolos. Começou a lamentar ter comido o toucinho com os ovos.

Esforçou-se para voltar a respirar. O ar estava quente e era insípido. Elevou-se em direção ao céu, combatendo o pânico.

Pense nisto como se fosse um elevador. É exatamente uma forma de ir de um lugar a outro. Eu posso ver lá fora, mas, claro, nada é visível a partir do lado de fora.

Mas então por que pude ver antes a luz amarela?

Isto deve ser diferente. Não podem correr o risco de que os vejam.

Não se preocupe.

Mas continuou subindo, e com maior rapidez.

A Terra estava muito distante.

Era uma sensação estranha... não exatamente desagradável, mas o espetáculo não lhe interessava. Era como cair para o céu. Não havia forma de evitar a ideia de que estava caindo, que ia se chocar com alguma coisa...

O azul do céu escureceu, tornou-se negro e ele viu as estrelas.

Para onde vou, para onde me levam?

Lá!

Levanta a vista, levanta...

Estava ali, no final do túnel de luz amarela.

Apagava as estrelas.

Era enorme, mesmo contra o enorme telão de fundo do próprio espaço. Estava pasmado com o seu tamanho, mas a reconhecia.

Era a mesma nave que havia transportado os primeiros homens à Terra.

Agora estava escura, escura, enorme e silenciosa... mas era a mesma nave.

O feixe de luz amarela levou-o para dentro dela. Não havia antecâmara de compressão. Tão logo chegou, a luz sumiu.

Ben tropeçou e esteve a ponto de cair. A gravidade parecia normal, mas a luz o havia sustentado por tanto tempo, que suas pernas demoraram um tempo para ajustar-se.

Engoliu em seco, com esforço.

Cruzou a sala em direção a uma porta metálica. Esta se abriu antes que ele chegasse. Mais além da porta só havia escuridão, escuridão e o silêncio absoluto da morte. Procurou combater a atordoante sensação de que a nave estava vazia.

Há um ar de desolação quase palpável nas coisas que foram abandonadas por longo tempo: as casas vazias, os barcos abandonados em alto mar e as ruínas antigas. Há um tipo especial de silêncio em um lugar que em algum tempo conheceu a vida, e já não mais a conhece. Há um tipo de morte que ronda o que não se usa há longo tempo, longo tempo.

Esta sensação emanava da nave.

Ben só podia ver unicamente o pequeno quarto verde em que se encontrava e o corredor de escuridão além da porta. Era tão somente uma minúscula fração da grande nave, apenas um único quarto na imensa cidade celeste, mas ele sabia que os homens que há tempos habitaram esta nave tinham ido embora. Sabia disto com uma certeza que seu cérebro não podia por em dúvida.

Era um barco fantasma

Sabia que era assim.

Por isto, seu coração esteve a ponto de parar quando ouviu pisadas se aproximando dele através do silêncio.

Pisadas fortes.

Pisadas metálicas.

Retrocedeu para a porta e tentou fechá-la, mas não havia forma de conseguir. Viu uma luz branca que se aproximava dele através do túnel escuro. A luz estava a uma

altura bem maior que a de um homem.

Pisadas metálicas?

Controlou-se com esforço e esperou. "Estúpido, já sabias que eles têm robôs! Tu os viste. Os robôs não morrem, não é verdade?"

Matam?

Ele o viu então, divisou seu contorno através da luz. O dobro do tamanho de um homem, seu corpo de metal brilhava. Não tinha rosto.

O robô ocupou toda a entrada ao deter-se. Agora Ben podia ouvir um débil zumbido que de certa forma lhe recordava os ventos distantes. Disse para si mesmo que não era mais que uma máquina, nada mais que um pedaço de metal animado, e o seu cérebro aceitou a análise. Mas uma coisa é saber o que é um robô, outra muito diferente é achar-se cara a cara com um robô na mesma sala.

- Bem... - disse Ben. Afinal ele tinha que dizer alguma coisa. Evidentemente o robô não obedecia a um impulso igual. Não disse nada, não fez nada. Simplesmente ficou ali parado, de pé.

Após uma longa e incômoda pausa, o robô voltou-se e entrou no corredor escuro, iluminando seu caminho com sua própria luz. Deu quatro passos, parou e voltou-se para olhar por cima do ombro.

Havia somente uma coisa a fazer, um único sentido para avançar.

Ben abaixou a cabeça e passou pela porta por trás do robô.

Seguiu a gigantesca figura metálica pelo que lhe pareceram ser quilômetros de corredores que em nada se diferenciavam uns dos outros. Não ouviu vozes, não viu luzes, não encontrou seres vivos.

Já não sentia medo, estava além do medo. Sabia que estava em estado de choque em que nada pode acontecer com ele, nada pode causar-lhe dano. Sentiu uma espécie de tristeza, a tristeza de um homem que sabe que caminha por túneis de uma pirâmide ou atravessa um cemitério em uma noite solitária. A nave, construída por homens, era tão grande, tão silenciosa, tão vazia. Diante dele abriu-se uma porta.

A luz derramou-se pelo corredor.

Ben seguiu o robô até um quarto grande e confortável. Era um quarto velho, velho e gasto, mas tinha vida. Era quente, vital e humana, porque nele havia duas pessoas. Ben jamais se alegrara tanto em ver alguém.

Uma das pessoas era uma anciã que ele nunca havia visto antes.

A outra era Franz Gottwald.

- Olá, Ben – disse ele, sorrindo. - Acho que já conhece minha esposa.

Ben não estava certo se aquilo era um pesadelo ou se estava saindo de um, mas suas reações foram automáticas.

- Encantado em conhecê-la – disse a sério.

Algo sutilmente estranho naquele quarto lhe sugeriu, no ato, a impressão de um sonho. Não era simplesmente a estranheza esperada diante do desenho de um novo tipo de quarto, um quarto perdido nas milhas solitárias de uma nave espacial silenciosa; era uma estranha discrepância que no momento não pôde reconhecer.

Mas logo captou. No quarto haviam coisas estranhas: móveis idealizados para seres humanos, mas fabricados segundo um estilo cultural totalmente diferente, entalhes que achou grotescos, tapetes nos quais se destacavam figuras curiosamente equivocadas. Mas havia também artigos conhecidos, cotidianos: uma prosaica lâmpada de leitura, uma cafeteira que borbulhava sobre uma mesa, plantas em vasos, um quadro com assinatura de Covarrubias. A mistura era um pouco desconcertante, mas tinha um ar tranquilizante de um lar.

Como a mente é estranha! Em um momento como este, concentrando-se em um

quarto.

- Sente, sente - disse Franz. - Café?

- Obrigado - Ben testou uma cadeira e achou-a confortável.

A mulher, que ele persistia em pensar como senhora Gottwald (embora, com certeza, esse não fosse seu nome verdadeiro) serviu uma xícara e entregou-lhe. Seu rosto delicado e sulcado de rugas parecia radiante de felicidade, mas haviam lágrimas nos seus olhos.

- Eu também falo um pouco do seu idioma – disse ela insegura. - Estamos tão orgulhosos de você, tão felizes...!

Ben tomou um gole de café tentando dissimular sua perturbação. Não sabia o que esperava, mas certamente não era isto.

- Não diga mais nada, Arnin – interveio Franz vivamente. - Devemos proceder com todo o cuidado.

- Este seu robô! - disse Ben. - Não poderia mandá-lo para algum lugar para que o lubrifiquem ou algo assim?

Franz respondeu com uma inclinação de cabeça.

- Não levei em conta o muito que ele deve lhe irritar. Perdoe-me por favor. Eu teria lhe dado as boas vindas pessoalmente, mas estou ficando velho e o trajeto é longo.

Falou com o robô em uma linguagem que Ben jamais havia ouvido e o robô saiu do quarto. Ben sentiu-se mais tranquilo.

- Vocês dois estão sozinhos aqui em cima? - perguntou.

Uma pergunta disparatada. Mas que posso fazer, que posso dizer?

O velho Franz sentou-se ao lado de Ben. Usava a mesma roupa branca e parecia cansado, muito mais do que Ben havia visto alguma vez, mas sentia-se uma espécie de esperança nos seus olhos, uma esperança que era quase uma oração.

Ben – disse ele depressa, - Eu mal posso falar.. agora. Imagino como você deve se sentir depois de tudo que passou. Mas tem que confiar em mim mais um pouco. Esqueça de onde está, Ben; uma nave espacial é simplesmente uma nave. Suponha que esteja de volta à Estação, imagine que estamos falando como temos falado antes, tantas vezes. Deve pensar com clareza. Isto é importante, filho, mais do que você possa supor. Quero que me conte o que descobriu; quero saber o que o trouxe aqui. Não omita nada, e escolha as palavras com cuidado. Seja o mais específico e preciso possível. Fará por mim isto que lhe peço? Quando você terminar, eu acho que posso responder a todas as suas perguntas.

Ben teve que sorrir. Seja o mais específico e preciso possível. Quantas vezes havia escutado Franz empregar esta mesma frase nas provas?

Estendeu uma mão para seu cachimbo. Durante um instante sentiu um medo desenfreado e irracional que já tinha esquecido (de qualquer forma, que teria sido a gota que faz transbordar o copo); mas ali estava. Encheu o cachimbo e acendeu-o agradecido.

- A festa é sua, Franz. Eu lhe direi o que sei.

- Vá em frente, Ben! E tenha cuidado!

A senhora Gottwald (Arnin?) continuava muito calada, esperando.

Em torno deles, a nave estava terrivelmente silenciosa.

Ben procedeu com calma, e contou a Franz o que sabia e o que achava. Não omitiu nada nem se esforçou para suavizar suas palavras. Quando terminou, a esposa de Gottwald estava chorando amargamente.

O surpreendente foi que Franz parecia um homem que havia sido poupado.

- Bem...- disse Ben.

Gottwald pôs-se de pé e acariciou a barba grisalha.

- Você deve pensar que eu sou algum tipo de monstro – disse sorrindo.
- Não sei – respondeu Ben, encolhendo os ombros,
A senhora Gottwald enxugou os olhos.
- Diga-lhe, agora já pode dizer-lhe. - disse Gottwald aprovando com uma inclinação de cabeça.
- Estou orgulhoso de você, Ben, muito orgulhoso.
- Eu estava certo?
- Estava certo na única coisa que importa. Os fósseis foram um teste e você o superou vitoriosamente. Claro, alguém lhe ajudou: Edward...
- Então lhe darei parte da banana.
O sorriso de Gottwald desapareceu.
- Sim, sim, presumo que o fará. Mas o meu orgulho me induz a querer esclarecer um pequeno erro que existe na sua reconstrução. Não me preocupa o papel de monstro, e os sábios loucos sempre me pareceram um tanto aborrecidos.
- A verdade é a verdade.
- Isto é uma redundância, Ben, mas não importa. Devo confessar-lhe que o que aconteceu na Terra não foi uma simples experiência científica. Devo também dizer-lhe que eu não sou somente um homem da ciência que voltou, como você expressou, para ver como se comportavam os chimpanzés. Aliás, nem sequer voltou. Nós, os meus, jamais fomos embora. Eu nasci aqui mesmo, nesta nave, em uma órbita em torno da Terra. Sempre estive aqui.
- Vinte e cinco mil anos?
- Vinte e cinco mil anos.
- Mas, o que estava fazendo?
- Esperando-o, Ben. Você quase não chegou a tempo. Minha esposa e eu somos os únicos que restaram.
- Me esperando? Mas...
Gottwald levantou uma mão.
- Não, não deste modo. Posso demonstrar-lhe melhor do que poderia contando-lhe. Se meu povo estivesse vivo... meu outro povo, eu diria, pois vivi na Terra a maior parte do tempo, teria sido realizado uma cerimônia impressionante. Mas isto já não pode ser feito agora. Mas posso ensinar-lhe a lição de história que nós preparamos. Quer vir comigo? Não é longe.
O ancião voltou-se e caminhou para a porta; sua esposa se apoiava em seu braço.
- Tanto tempo – murmurou. - Esperamos tanto tempo!
Ben levantou-se e os seguiu pelo corredor.

Em uma grande sala de conferência, cheia de assentos vazios, em algum lugar da grande nave deserta, Ben viu a história do Homem.

Era mais que um filme, embora utilizasse uma tela. Viveu a história, sentiu-a, fez parte dela.

Não era uma história sobre o que o rei Glotz fez ao Goop; os nomes exaltados da história tradicional se perdem na insignificância quando a perspectiva é suficientemente ampla. Era a história do Homem, de todos os homens.

Era a de Gottwald... e a de Ben.

Ben viveu-a.

Há milhões de anos, em um mundo que girava em torno de um sol tão distante que os astrônomos da Terra não lhe haviam atribuído um nome e nem sequer um número, apareceu um novo animal chamado Homem. Sua evolução foi uma brincadeira caprichosa, um lance de um em um milhão, um que não tinha probabilidade de

repetir-se.

O Homem, o primeiro animal que uma mudança física por uma mudança cultural, conseguiu um êxito imediato. Suas ferramentas e suas armas ficaram cada vez mais eficientes. Em seu lar natal, o Homem era um animal paciente... mas era o Homem.

Era incansável e curioso. Não se conformava com um mundo. Construiu suas primeiras e primitivas espaçonaves e lançou-se a explorar o grande mar escuro que o rodeava. Fundou colônias e bases em uns quantos mundos do seu sistema solar. Olhou para fora, ao longo dos corredores infinitos do Universo e não sentia inclinação alguma em deter-se.

Anotou, trabalhou, experimentou.

Encontrou um meio capaz de impulsioná-lo a uma velocidade maior que a da luz.

Abriu passagem pelo terrível vazio do espaço interestelar. Tocou em mundos estranhos e sois mais estranhos ainda.

Descobriu que o homem não estava só.

Havia naves maiores que as suas e seres...

O Homem descobriu o Inimigo.

Não era um caso de incompreensão, não era um fracasso da diplomacia, não um acidente produzido pelo temor, pela avareza ou pela estupidez. O homem era um animal civilizado. Foi cuidadoso, razoável e preparou-se para fazer o que era eticamente certo.

Mas não teve alternativa.

O inimigo lançou-se ferozmente. É a única maneira de dizê-lo. Havia caçadores, destruidores, assassinos. Eram motivados por uma fome selvagem de aniquilação que o Homem jamais havia visto. Adotaram muitas formas, muitos aspectos.

Ben os viu.

Os viu destroçar naves, eviscerá-las com uma tremenda ferocidade, muito além de toda compreensão. Os viu despedaçar seres humanos, devorá-los e, pior ainda...

Os seres se diferenciavam dos homens mais ainda que os peixes que nadam no mar e que, entretanto...

Ben os reconhecia. Os reconhecia.

Estavam ali, todos eles.

Literalmente falando, os Seres dos Pesadelos.

Os monstros que haviam turvado os sonhos escuros da Terra, as coisas que se arrastavam através de mitos, o Inimigo que vivia no lado escuro da mente. Os dragões, as serpentes, os rostos esculpidos em máscaras, os seres representados em pedras escavadas em selvas em decomposição...

O Inimigo.

Nós, na Terra, o esquecemos por completo. Recordamos, apesar das comoções que limpavam nossas mentes. Recordamos, recordamos. Temo-los visto na escuridão que mora sempre mais além dos fogos, temo-los ouvido no trovão que soa na longa noite, longa.

Recordamos.

Não era uma guerra. Uma guerra, depois de tudo, é um tipo determinado de competição com um ou outro tipo de regra. Mas não houve regras. Não foi uma campanha de conquista, uma tentativa de exploração. Foi algo novo, algo totalmente estranho.

Foi destruição.

Foi extermínio.

Foi uma luta entre dois tipos diferentes de vida, tão insensível como um raio que

se abria no corpo maciço de um dinossauro que rugia desesperado.

O homem não estava pronto.

Recuou, lutando onde podia.

O Inimigo o seguiu.

Lhe agradasse ou não, o Homem estava travando uma luta de morte.

Lutou por sua vida. Fez o máximo possível, deu o melhor de si, lutou com tudo que possuía. Esgotou seu engenho. O Inimigo respondia a todos os seus movimentos.

Havia um limite.

O Homem não pôde prosseguir.

Ben inclinou-se para a frente, com as mãos cerradas na cadeira. Era um produto da sua cultura. Lia livros, assistia os programas no *trídeo*. Esperava um final feliz.

Não houve tal final.

O homem perdeu.

Foi implacavelmente derrotado.

Teve tempo de rolar os dados pela última vez, uma tentativa desesperada de sobrevivência. Fez tudo o que pôde.

Idealizou o Plano.

Não era suficiente escapar, encontrar um planeta remoto e ocultar-se. Não bastava simplesmente ganhar tempo.

O homem enfrentou os fatos. Havia conhecido o Inimigo e havia perdido. Havia tentado tudo que sabia e não foi bom o bastante. Um dia, por muito que fugisse, voltaria a tropeçar com o Inimigo.

O que ele poderia fazer?

O Homem vive por sua cultura, sua forma de vida. O potencial de qualquer cultura é grande, mas não é ilimitado. A cultura tem sua maneira de por antolhos àqueles que a praticam. Isto os conduz por um determinado caminho com precedência sobre os demais. Está muito bem ter complexidade tecnológica, mas essa complexidade é impotente sem o ingrediente necessário:

Ideias.

O Homem precisava de novas ideias, de conceitos radicalmente novos.

Precisava de uma forma inteiramente nova de pensar.

Transplantar a cultura existente não cumpriria com a finalidade. Seria tão somente prosseguir produzindo variantes das ideias que já haviam sido postas à prova.

O homem não precisava de transplantes.

Precisava de uma transfusão, uma transfusão de ideias.

Necessitava de uma cultura absolutamente nova com novas soluções para velhos problemas.

Há somente uma maneira de conseguir um tipo de cultura realmente diferente: criá-lo a partir do nada.

Semear as sementes e partir.

O Homem pôs o Plano em execução.

Com o resto dos seus recursos, equipou quatro naves fugitivas e enviou-as às imensidões dos mares entre as estrelas.

- Ignoramos o que aconteceu com as outras três naves – disse serenamente Franz Gottwald, quando terminou a projeção. - Nenhuma nave conhecia o destino das outras. Iam em diferentes direções, procurando, cada uma delas, mundos remotos, ocultos, que pudessem passar a ser novos lares para os homens. Não há forma de saber o que aconteceu com as outras; me parece altamente improvável que alguma

delas tivesse sobrevivido.

- Então o único que existe é a Terra?

- É isto o que acreditamos, Ben. Temos que prosseguir sobre a base dessa presunção. Você já conhece quase todo o resto da história. Esta nave escapou pelas fileiras inimigas e encontrou a Terra. Desembarcamos seres humanos condicionados de modo que pudesse lembrar pouco ou nada, pois deviam começar completamente do início. Colocamos os fósseis e os primatas como um teste, tal como você supôs.

- Mas por que? Não havia necessidade de tal ardil...

- Não foi um ardil, rapaz – replicou Gottwald sorrindo. - Foi a chave de tudo. Veja, tivemos que prevenir os homens da Terra sobre o que ia acontecer-lhes. Mais ainda, uma vez que suas culturas se desenvolveram conforme seus próprios delineamentos, tivemos que compartilhar com eles o que tínhamos. Quase não preciso lembrar-lhe que esta nave está adiantada tecnologicamente em muitos milhares de anos a tudo quanto a Terra produziu. Mas não podíamos entregá-la a eles até termos certeza de que estavam preparados. Não se entregam bombas atômicas a bebês. Os homens da Terra tinham que demonstrarem-se capazes de resolverem o mais árduo dos problemas que pudemos idealizar. Você o resolveu, Ben.

- Não fiz isto sozinho.

- Não, claro que não. Posso assegurá-lo agora que a minha gente, minha outra gente, jamais inventou a viagem pelo tempo. Esse era uma forma absolutamente inesperada de abordar o problema. Jamais teríamos podido fazê-lo. Isso foi a coisa mais maravilhosa que aconteceu.

- Mas que aconteceu com os homens e as mulheres que ficaram aqui na nave?

Franz balançou a cabeça de um lado para outro.

- Vinte e cinco mil anos é um tempo muito longo, Ben. Muito longo – disse. - Somos um povo derrotado. Trabalhamos intensamente, não ficamos ociosos. Antes de tudo, preparamos dicionários de todos os idiomas importantes da Terra, a fim de que todos os dados das nossas bibliotecas estejam disponíveis. Mas o homem não vive bem dentro de uma nave. A cada geração ficamos menos numerosos, as crianças eram muito escassas.

- É como o velho enigma das cidades, não é verdade?

- Exatamente. Em toda a história humana, nenhuma cidade jamais reproduziu sua população. Os nascimentos urbanos são sempre menores que os rurais. Todas as cidades sempre tiraram suas populações das regiões adjacentes. A nave estava hermeticamente fechada, não temos zonas rurais. Era somente uma questão de tempo até que todos desaparecessem. Minha esposa e eu fomos os últimos, Ben... e não tivemos filhos.

- Tínhamos muito medo – expressou a senhora Gottwald. - Muito medo de que você não viesse antes que fosse tarde demais.

- Que teriam feito?

Franz, demonstrando cansaço, encolheu os ombros.

- Esta foi uma decisão da qual me esquivei. Fiz um pouco de tramoia, rapaz. Tive o bom cuidado de não proporcionar-lhe ajuda, mas instalei alguns projetores perto de você e que o mantiveram em ação. Transmitem em frequências que... ahn... estimulam a mente, mantêm-na alerta. Não notou?

Ben moveu a cabeça afirmativamente. Recordou das vozes que falavam dentro do seu crânio:

"Depressa, depressa..."

- Franz, o que acontecerá agora?

Gottwald passou a mão pela barba, denotando muito cansaço nos olhos.

- Não posso dizer-lhe. Não sei a resposta. Tenho estudado os homens da Terra a maior parte da minha vida e ainda não sei. Vocês são uma gente robusta, Ben, mas robusta do que nós fomos. Travaram muitas batalhas e sua história é orgulhosa. Mas não posso prever o futuro. Fiz todo o possível, o resto é com vocês.

- E uma responsabilidade terrível.

- Sim, para você e outros como você será uma carga pesada. Mas a luta vai ser longa e não viveremos tanto para ver alguma coisa mais que seu início. Serão necessários séculos para que os homens da Terra conheçam tudo que há nesta nave. É uma coisa estranha, Ben; eu jamais vi o Inimigo cara a cara. Provavelmente, você tampouco nunca o verá. Mas o que fizermos agora determinará se o gênero humano viverá ou morrerá.

- É muito para somente um homem.

- Sim – assentiu Gottwald, sorrindo e recordando. - Sim.

- Não sei por onde começar.

- Esperemos por Edwald. Ele virá amanhã, a não ser que eu não o conheça. E então nós três nos reuniremos pela última vez. Pensaremos nisto. Estou muito cansado, Ben; minha esposa e eu temos vivido além do nosso prazo. É duro ser velho e não ter filhos. Sempre pensei em você e em Edward como meus filhos. Espero que isto não lhes pareça muito sentimental.

Ben procurou palavras para dizer, mas não achou nenhuma.

Franz pôs o braço em torno da esposa.

- Às vezes, quando a tarefa era muito grande para mim, quando sentia-me tentado a me dar por vencido, subia para a velha sala de controle desta nave. Minha esposa e eu estivemos ali muitas vezes. Gostaria de vê-la?

- Eu preciso vê-la, Franz.

- Sim. Eu também Venha.

Percorreram o que pareceram ser quilômetros e quilômetros, através dos corredores escuros da nave vazia e então, usando em uma série de elevadores, subiram para a sala de controle.

Franz acendeu as luzes.

- A nave não está morta, sabe? - disse. - Os únicos que já não estão são eles, as pessoas. Os computadores continuam conservando a órbita da nave, e as telas de defesa continuam fazendo-a invulnerável a todo esforço por descobri-la. Você não a teria visto se não houvesse subido pelo tubo de luz, e não existe forma da nave ser rastreada pela Terra. Que acha da sala de controle?

- Ben contemplou-a. Era grande, e tinha hectares de superfície, mas estava estranhamente vazia. Havia painéis de chaves e umas quantas máquinas pequenas, mas a sala de controle era o espaço mais vazio.

- Não era o que eu esperava – disse Ben, dissimulando sua decepção.

Franz sorriu.

- Sim, perdoe-me que o diga, Franz, isto não é muito sugestivo. Suponho que para você seja diferente...

A resposta de Gottwald foi acionar uma chave. Apareceram as imensas telas que cobriram toda a parte da frente da sala de controle.

Ben segurou o fôlego.

Em uma das telas, viu o globo terrestre muito abaixo, azul e verde, com colares de nuvens prateadas.

Em outra viam-se as estrelas.

As estrelas estavam animadas de vida, tão perto que quase podia tocá-las com as mãos. Brilhavam como tochas radiantes no frio mar do espaço. Falaram-lhe em voz

baixa, chamando-o...

Ben compreendeu então que os homens da Terra haviam recordado de alguma coisa mais que monstros e pesadelos, alguma coisa mais que os temores e terrores que rondavam a enorme noite escura.

Nem todos os sonhos tinham sido pesadelos.

Durante todos os anos e todos os pesares, o Homem jamais havia esquecido.

Recordação, recordação.

Te vi durante todos os séculos de noites. Olhei para cima para te ver, levantei a cabeça para orar, conheci o assombro.

Recordo.

Ben voltou a olhar para a Terra adormecida.

Teve a sensação de que o Velho Franz e sua esposa haviam sido absorvidos pelas sombras.

Ergueu-se muito direito, encheu o peito.

Então voltou-se mais uma vez e olhou para fora, para o deslumbrante legado de estrelas.

Recordação, recordação.

Passou-se muito tempo, mas tu tampouco esqueceste.

Esperem-nos.

Voltaremos.

A FORMIGA E O OLHO

(The ant and the eye)

NICO: Saidyaah, sabes o que é o espaço?

SAIDYAH: É o pequeno caminho que percorre a formiga entre as folhas das ervas, é o grande caminho vazio que percorre meu olho em sua viagem às estrelas.

De: "O Tempo é um Sonho", por Henri-René Lenormand.

Robert Quinton o sentiu vir.

Abriu os olhos, bocejou e tentou não olhar os múltiplos matizes de cor que caíam em aluvião sobre as paredes da esfera do sonho. Deixou que o ar fresco o animasse brevemente e procurou fingir que aquele era apenas um dia igual a qualquer outro. Escolheu uma túnica na qual predominava o tom azul, o que era uma verdadeira hipocrisia, e revisou os visores para certificar-se de que todos estivessem bloqueados. Então acendeu furtivamente um cigarro.

- Estou me transformando em um estúpido normal – observou.

Era curioso ver como os costumes locais se metem sob a pele de alguém. Os meranos de Procion III ingeriam seus estimulantes ao fumar, usando cigarros, cujo tamanho regular dava mais ou menos o equivalente a um trago de puro e forte uísque escocês. Devia fumar com cuidado. Já naquele tempo era para ele exatamente o mesmo que tomar um trago rápido, cada vez que acendia um desses cigarros e o fumava.

Terminou de fumar, desfez-se cuidadosamente da ponta do cigarro em um eliminador e saiu da esfera caminhando ao ar livre. Era de manhã em Meran e o sol primário emitia alegres radiações amarelo esverdeadas. Brisas frescas e revigorantes subiam sussurrando do solo do vale e o mundo cheirava a flores. Quinton levou um tubo para um Transbordador Cinco, onde Nearl o estava esperando.

- Harmonia azul! - exclamou Nearl, cumprimentando e sorrindo. Vestia uma túnica cinza, indício de que não estava totalmente alegre.

- Harmonia azul – respondeu Robert Quinton, quase com a mesma naturalidade com que na Terra houvesse dito: "bom dia".

- Creio que é uma hora estranha para uma mensagem – manifestou-se cortesmente Nearl. - Espero que não haja acontecido nada de estranho.

- Somos dois – conveyo Quinton, colocando-se frente ao tubo de Comunicações.

Nearl sacudiu a cabeça algo recatadamente. Era um truque que havia aprendido com Quinton.

- A escuridão está no ar – disse.

- Pode ser que seja uma mensagem de rotina – insinuou Quinton, sabendo perfeitamente que não era.

- Tu és um mentiroso – disse-lhe Nearl.

O tubo zumbiu até parar. Quinton tentou fazer caso omisso do frio nó de preocupa-

ção que sentia no cérebro e seguiu seu amigo para o zumbido das Comunicações.

Quinton manteve a boca completamente fechada. Ainda então não confiava em si mesmo para travar contatos casuais com meranos que não conhecia. O sistema era demasiado intrincado. Deixou que Nearl o guiasse através do labirinto de cores até a Cabine de Contato. Falando com uma rapidez um pouco excessiva para que Quinton pudesse acompanhar suas palavras, apresentou-se o operador da cabine, um indivíduo de aspecto carrancudo e vestido quase completamente de negro. Não era a primeira vez em que Quinton se sentia satisfeito em ter Nearl consigo. Ao estabelecer contatos relativamente cedo com culturas diversas, uma pessoa economiza muito tempo se tiver à mão um informante mais ou menos objetivo, neste caso, um homem que correspondia à versão merania de um colega antropólogo.

- Tudo é harmonia – disse finalmente Nearl, no momento em que os deixava o operador vestido de negro.

- Obrigado, Nearl. Eu me porei em contato contigo quando descobrir do que se trata.

Robert Quinton entrou na cabine e fechou a porta. Sentou-se na cadeira do operador e fechou a chave interruptora. Durante um longo tempo não aconteceu nada. Quinton permaneceu sentado, alto, bem mais magro, com costeletas nas quais começavam a aparecer cabelos grisalhos e com seu habitual sorriso sereno ausente do rosto. Exteriormente estava calmo, mas não enganava a si próprio. Os rapazes não o chamariam fora do seu horário somente para passar o tempo. Claro, poderia ser que estivessem somente procurando dados...

Uma campainha soou com sua costureira brusquidão e o comunicador repicou brevemente. Quinton leu a mensagem: SOU BAC XII. IDENTIFIQUE-SE.

Acionou as chaves: QUINTON BAC UM. PROCION III. XX5L. QUE SE PASSA, DAN?

Seguiu-se um momento de silêncio, e então: UM BAC IMPERATIVO OFICIAL RETORNE IMEDIATAMENTE VIA BAC XII PONTO ENCONTRO UNIDADE SEIS HORA SIDERAL 12,7. SUBSTITUTO CUMMINGS. REPITO IMPERATIVO. FIM PARTE OFICIAL ACABOU-SE A FESTA. MEU MARIDO JA SABE TUDO.

Quinton riu entredentes e com pancadinhas acusou o recebimento das ordens. Dan tinha o costume de limar as asperezas das situações desagradáveis, mas a situação persistia. Abriu novamente a chave de contato e inspirou um grande bocado de ar. De volta à Terra ao fim de menos de um ano. O que pôde ter saído errado? Não se enganava, nenhum homem era absolutamente indispensável na organização UN-BAC. Se tinham que tirá-lo dali bruscamente e mandá-lo de volta para sua terra, isto significava que as coisas se achavam na etapa em que os matizes de capacidade e fatores ligeiramente favoráveis se consideravam vitais. E queria dizer...

Levantou-se lentamente. A antiga incerteza o encheu de dúvidas, mas isto não se refletiu no seu rosto. Reservou os pensamentos para si e abandonou a cabine. Nearl o esperava e o guiou para tirá-lo de Comunicações e levá-lo de volta ao tubo.

- Tenho que ir para minha terra, Nearl – respondeu à pergunta que seu amigo não havia expressado. - Mandam um substituto, um tal de Lloyd Cummings, um bom homem. E não sei se voltarei.

O zumbido do tubo preencheu o silêncio.

- Quando?

- Esta noite. Agradeceria que você viesse ao local do encontro e assim eu poderia apresentá-lo a Cummings. Claro que com isto não termina nosso trabalho, mas lamentamento a demora.

- Não. Contudo sentirei sua falta, Bob.

- Sim, eu já sei.

Os dois homens se separaram no Transbordador Cinco. Nearl saiu caminhando pela selva verde e Robert Quinton voltou à sua casa merania para preparar suas coisas. Seria bom voltar a estar com Lynn e Baby, um homem precisa da sua família. A Terra, a velha Terra, apesar de todos os comentários amargos de Quinton, continuava sendo seu planeta, o mais estranho de todos. Mas, que havia acontecido de errado?

Era uma noite calma em Meran, e triste como só pode ser a falta de barulhos nas noites. O vento quente brincava com as ervas do verão e as estrelas cristalinas olhavam para baixo. Havia na noite alguma coisa infinitamente intensa. Isto o recordava de todas as coisas que havia feito, todos os amores que jamais conheceu. Às vezes Quinton sentia-se bastante sagaz durante o dia, mas a noite voltava a reduzi-lo ao seu tamanho.

- Eu ouço – disse Nearl.

Quinton levantou o olhar mesmo sabendo ser-lhe impossível ver o grande cruzeiro contra as estrelas. Contudo o via, ou melhor dizendo, o sentia. Lá longe no espaço, era somente uma vibração surda, um murmúrio surdo. Invisível, contudo dominava a Terra: sólido, suspenso.

Os dois homens observaram e em pouco tempo uma tira luminosa de chama descreveu um arco no céu da noite e passou sibilando acima deles. As chamas do jato piscaram e uma pequena nave espacial cruzou zumbindo com suas pás de helicóptero sobre eles, aterrizando sem sequer marcar o campo descoberto que tinham diante deles. A portinhola de acesso abriu-se como se empurrada por uma mola e da nave emanou uma quente luz dourada. Saíram dois homens e Quinton e Nearl se aproximaram para cumprimentá-los.

- Estou alegre em te ver, Bob – disse Lloyd Cummings, o homem da UNBAC. E então, passando sem esforço a expressar-se na língua merania, acrescentou: - Você deve ser Nearl. Eu esperava com grande harmonia o prazer de conhecê-lo.

Quinton sorriu com prazer ao ver que Cummings, como de costume, sabia como fazer as coisas. Cummings lhe apresentou Engerrand, da nave espacial, e isso foi tudo. Quinton havia deixado na sua esfera um jogo completo de anotações e conselhos. Não perdeu tempo em fazer perguntas; com certeza Cummings não saberia respondê-las. Apertou a mão de todos e entrou na nave espacial atrás de Engerrand.

Olhando para trás, pôde ver Nearl e Cummings juntos, distanciando-se sob as estrelas. Sentiu no rosto a face da plácida noite merania. Parecia que essa noite sabia que estava indo, que não voltaria. Que se esforçava para dizer adeus.

Se era importante chamá-lo de regresso à sua terra, não seria simplesmente para cumprimentá-lo e voltar a Meran.

Isto era para sempre.

A portinhola de acesso silvou ao fechar-se atrás dele e Robert Quinton deixou-se cair em um assento. A nave espacial elevou-se com o impulso das suas pás de helicóptero e então os motores a reação vomitaram seus gases com rugidos estridentes que foram diminuindo lentamente até converterem-se em um zumbido surdo.

- Não falta muito agora – disse Engerrand. - Apostaria qualquer coisa como detesta estar indo embora.

- Não – respondeu Quinton sorrindo. - Não demorará muito agora.

Vinte e três dias depois, Robert Quinton passava junto à Cidade Espacial sobre rodas, em crescimento constantes, para trocar de rota em Lunaport e um veículo trans-

bordador da UNBAC o depositou no quartel-general da divisão da ONU situado em Nova Iorque.

Olhou rapidamente para Nova Iorque antes de entrar no facho de luz e a Nova Iorque do ano 2034 era a mesma cidade que sempre havia sido. Tranquilizava, de algum modo, saber que a antiga Pequena Nova Iorque continuava ali. Helicópteros reluzentes evoluçionavam no trânsito em seis níveis sob o intenso sol da tarde e um foguete transcontinental cruzou com um suspiro a muita altura. Os vestidos das mulheres eram um pouquinho mais longos este ano, com uma leve zona parecida a filme nos joelhos. Muito audaz na realidade. O ar estava bastante limpo com a energia solar insuflada, mas pôde detectar vestígios na "névoa" nova-iorquina rondando sobre a cidade. Grandes helicópteros de frete avançavam pesadamente pelos vários níveis inferiores, dirigindo-se para sub-bases de cabotagem. Por todas as partes havia pitorescos vendedores de velhos objetos de arte, com seus projetores de abstração natural.

Nova Iorque não havia mudado em nada.

No Facho de Luz, Quinton aplicou energia às suas credenciais e subiu diretamente ao Décimo quinto Nível, rodeando em torno das ostentosas zonas administrativas e públicas. O sinal do seu código lhe deu acesso imediato ao escritório particular de Lorraine, situado em uma parte pouco destacada do Facho de Luz. O escritório propriamente dito inclinava-se ao prosaico, a não ser por um homem que nele estava sentado.

- Olá, chefe! - cumprimentou Quinton, estendendo a mão... haviam transcorrido três semanas e dois dias desde que havia recebido a ordem da UNBAC em Procion III, a onze anos luz da Terra.

- O que foi que o reteve? - perguntou o chefe, sorrindo entredentes, ao mesmo tempo em que lhe apertava a mão.

- Uma encantadora espiã intergaláctica, como de costume – disse Quinton. - Estou contente de te ver, Mart.

Observou o chefe: um pouco mais de grisalho nas têmporas, mas fora isso, Martin Lorraine tinha o mesmo aspecto de antes, o que equivalia dizer que correspondia à imagem em trídeo de um formoso homem da ciência, o que por sua vez era uma boa razão para que estivesse entre os funcionários de mais destaque da UNBAC. Outra boa razão era que conhecia seu trabalho do jeito que se pensasse.

- Senta – disse Mart – e tentarei pô-lo ao corrente. Suponho que esteja se perguntando do que se trata.

- Sim, poderia afirmar que é assim – admitiu Quinton. - Que está acontecendo? O mundo está acabando?

O olhar de Martin Lorraine cruzou firmemente com o de Quinton.

- Alguma coisa assim – disse, sem sorrir.

Quinton sentou-se e não disse uma palavra.

- Eu te darei um breve resumo – explicou o chefe, abaixando-se e exibindo sua cabeleira estudadamente inclinada como se quisesse dissimular sua atração masculina. - Nós o levaremos sub-repticiamente ao Novo México para que tome ao seu cargo uma nova missão, desde que os oficiais superiores não te descubram antes. Não terá tempo para preparar um informe sobre o assunto meranio, mas conseguirei com que Rog invente alguma coisa para o consumo do escritório principal e com isto os Magos das Finanças se sentirão felizes.

Robert Quinton aguardou em silêncio. Exteriormente era um homem lento e frequentemente qualificado como brincalhão devido ao seu costume de não fazer nada quando não tinha nada a fazer. Conhecia anúncios prévios de que se aproximava o

fim do mundo, mas não pela boca de Mart. Pensou em sua filha.

- Nada de histórias do Dia do Juízo Final, claro – comentou o chefe que, pelo visto, lia seus pensamentos. - Hão haverá um fim em sentido algum se conseguirmos chegar a tempo. Mas estamos empacados, Bob, as coisas estão escapando das nossas mãos.

- Vamos ao ponto – sugeriu Robert Quinton.

- Faz um ano, a curva de probabilidade de sobrevivência feita pelos computadores desceu em mergulho. Ainda continua baixando.

Quinton sentiu como se um homenzinho com um martelo de gelo comesse a dar-lhe golpes no estômago com uma precisão monótona.

- Quero cifras – expressou.

- Zero ponto dez – respondeu Lorraine.

Robert Quinton não se moveu. Literalmente falando, estava atônito. Zero ponto dez! Isto significava que eram de nove as possibilidades contrárias de que a civilização fosse salva. E os computadores não cometiam erros.

- Quando?

- É difícil prever. Dentro de trinta anos... talvez quarenta.

À primeira vista, para um olho não treinado, a coisa não se apresentava tão feia; quarenta anos era um longo prazo, era como preocupar-se por outra Idade do Gelo. Mas o triste era que a cada segundo que transcorria a perspectiva piorava. Quando as coisas ficam assim tão críticas, é o caso de se agir com rapidez... ou não fazer nada.

- Indícios?

- Poucos, muito poucos. Não pudemos descobrir...

O visor zumbiu e acendeu-se e nele apareceram uns ombros largos de bronze com uma cabeça por cima. Martin Lorraine sorriu com cortesia como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo; e o homem afirmou que revisaria as constantes minerais naturais; só que nesse momento avistou Robert Quinton e finalizou com algumas brincadeiras sem importância.

Nenhum dos dois prestou a mínima atenção à interrupção.

- Ninguém está sabendo? - perguntou Quinton.

- Fora do Pequeno UNBAC, não. A Bolsa sobe, os jornais estão cheios de editoriais rapsódicos, os jogos em zero gravidade da Cidade Espacial se desenrolam como esperado. Em resumo: não estamos em um período de crise. Não existe nenhum alarme geral. Tudo está agradável.

- É como alguém jogando bola nesse lindo terreno ensolarado abaixo da represa – argumentou Quinton após uma breve pausa. - Se diverte ao seu modo, mas desgraçadamente ignora que alguém abriu a comporta a uma curta distância, vale acima.

- Exatamente! Alguem ou... alguma coisa.

Seguiu-se um longo silêncio no pequeno escritório. Era tudo demasiado silencioso. Quinton percebeu o tic tac do seu relógio e o som não lhe agradou.

- Eu irei, Mart.

- Sobe no helicóptero que está no terraço. O transcontinental para o Novo México te esperará no aeroporto e já notifiquei Lynn e tua filha que irás para lá. Eu chegarei após liquidar outra roda de conferências com figurões, cujo objetivo é conseguir fundos para vocês – deteve-se e acrescentou: - Não preciso te dizer que tenhas cuidado.

- Não precisava me dizer.

- Mas, tem cuidado, Bob... e dá um beijo em Lynn, da parte do chefe.

- Até breve, Mart. Talvez voltemos juntos a Meran um desses anos.

Abandonou o escritório de Lorraine. Ninguém reparou nele e teve apenas que cumprimentar algumas vezes com a cabeça, indiferente; todos estavam atarefados. Tomou o elevador para o terraço. "Talvez voltemos juntos". Sua voz lhe falava como um eco no cérebro, enquanto olhava com um sorriso inexpressivo para o outro passageiro do elevador. E outro eco lhe disse sorrindo:

"E talvez não".

Quando Robert Quinton saiu do transcontinental na Estação do Novo México, Lynn e Baby o aguardavam sob o sol do deserto. Caminhou para elas, enquanto o coração batia com força e uma emoção conhecida lhe percorria as veias como se fosse eletricidade.

jamais recordava o que faziam ou diziam naqueles primeiros momentos em que estavam juntos após seus períodos de separação. Eram somente impressões confusas e fugazes e o cheiro do sol e do céu. Lynn era incomparavelmente bela, ele a amava, e Baby tinha dez anos e começava a ficar parecida com a mãe.

- Ficamos tão sozinhas, Bob...

- Papai, papai! Me trouxe alguma surpresa?...

- Estás envelhecendo, tens cabelos grisalhos, a ceia está esperando...

Estar separados não era nenhum prazer, mas talvez tivesse suas compensações. Duas pessoas quaisquer se acostumam uma com a outra quanto estão juntas todos os dias, mas quando se veem obrigadas a ficar separadas e logo se reúnem outra vez, é como voltar a se apaixonar. Esses encontros, esses primeiros momentos, possuíam um valor incalculável... e que outra coisa, em todos os mundos, importava realmente?

Nada, nada, nada, seu cérebro sussurrava feliz.

Mas naquele momento, enquanto cruzavam depressa a pista de aterrizagem asfaltada para o lugar em que o helicóptero esperava, as longas sombras do sol vespertino se arrastavam com sua escuridão ao lado deles e um vento fresco do norte soprava pela Terra.

Nas primeiras horas da manhã seguinte, Robert Quinton entrou caminhando na estação de computadores da UNBAC e dirigiu seus passos para Carr Siringo. Este apenas ergueu a vista quanto Quinton entrou; tampouco Quinton o pressionou, porque através de uma longa experiência, havia comprovado que Siringo tinha uma reação decididamente negativa a deixar-se mandar. Quinton sentou-se para esperar em um tamborete metálico.

Se Martin Lorraine parecia com a imagem de um digno cientista de olhos claros, como aparecia no trideo, era igualmente certo que Carr Siringo lembrava imediatamente o protótipo de todos os inimigos empenhados em fazer voar o planeta com um raio invisível. Siringo era baixo, gordo, calvo, e nunca estava parado. Comia vorazmente, trabalhava uma enormidade e vivia com um estilo pantagruélico. Ocupava-se de problemas porque se encantava com os problemas em si próprios, e quando conseguia a solução perdia o interesse por completo e se dedicava a outra coisa. Não lhe importavam, absolutamente, o mundo, a humanidade nem nada que estivesse fora do incrível mundo da sua própria mente. Existia entres os seus colaboradores a firme convicção de que ele não morreria como morrem outros homens, mas que simplesmente se desfaria em um raio de chama azul em algum dia distante que que se visse acossado por um problema que não pudesse resolver. Claro que ele era indispensável e Quinton o respeitava pelo que era, embora nunca se sentisse de todo cômodo em sua presença. Por sua parte, Siringo chamava Quinton de "humanista" e,

dizê-lo, era para ele como um insulto.

- Novamente salvando o mundo, hein? - perguntou Siringo por fim, sem levantar a vista do computador, precisamente no mesmo tom de voz que teria empregado para dizer : "soube que sua mulher tem lepra".

- Talvez não – respondeu Quinton depressa, resistindo à tentação de perder a paciência. - Há uma possibilidade, uma boa possibilidade, de que os fatores mudem favoravelmente sem nenhuma ajuda nossa. Sempre existe a perspectiva de que um helicóptero quebrado se recomponha se você simplesmente deixa que ele pouse no solo e o maldiga todos os dias quando vai para o trabalho. O que acontece é que gosto de me fazer de herói

Siringo riu brevemente e mudou de assunto.

- O que você tirou a limpo em Meran? - perguntou em um instante de fugaz interesse. - O que há naquele sistema consanguíneo familiar? O que me conta do trideo mental? Que sentido tem a roupa em forma de faixas? Quais são...?

Quinton sorriu.

- Diga-me você e eu lhe direi. O que conseguiu?

Siringo arqueou as sobrancelhas absurdamente finas.

- Fale com o menino prodígio – aconselhou-o. - E logo que ele diga aos bonecos o que devemos fazer para salvar a Amada Terra, volte e beberemos uma cerveja.

- Procura não quebrar nada – disse Quinton ao homem que era possivelmente o melhor técnico do mundo.

O "Menino Prodígio" era John Bordie, que tinha o título oficial de Coordenador em Chefe e cuja tarefa consistia em revisar a massa dos dados fornecidos por Siringo e procurar, de alguma forma, que fizessem sentido. O contato prolongado com a pequena estação UNBAC o havia induzido a considerar Siringo como algo mais o menos humano e cumprimentou Quinton com todo o entusiasmo de um camarada turista em uma ilha deserta.

- Meran deve ser lindo – disse, após trocarem saudações. - Alguma dia teremos que falar disso, Bob.

Quinton baixou a cabeça. Lindo? Como se faz para traduzir estrelas em palavras?

- Sim – disse. - Teremos que falar disso.

Bordie foi diretamente ao ponto.

- Eis aqui o que temos feito. Temos dedicado ao projeto todos os homens disponíveis, com a única exceção dos necessários para simular as atividades correntes da estação e fazer com que a repartição pareça respeitável. Temos dividido arbitrariamente as causas da descida da curva em cinco classes, analisando-as por meio do Gênio Louco e seus computadores.

- Hummm! As cinco habituais?

- Falando em termos gerais, sim. Extraterrestres, que engloba os sistemas estelares tal como os conhecemos, os planetas em que temos colônias, a Lua e a estação espacial; Cultural, Tecnológica, Pessoal e Desconhecida, correspondendo à última tudo quanto não entra nas outras quatro. Estamos trabalhando a todo vapor, reduzindo a um mínimo as precauções de segurança. Mas a Serpente deixou escapar outro ponto na última vez que revisamos; Lorraine não sabe disto e não se sentirá muito feliz.

Quinton não disse nada.

- Abstraímos para você todos os detalhes essenciais e você pode obtê-los nos Classificados. A título de teste, eu diria que eliminamos toda causa não terrena, mas a interpretação deverá correr por sua conta. Eu não assino nenhum valor para esse Des-

conhecido; é o jogo predileto de Siringo. Fora isso, é muito pouco o que sabemos. Se pelo menos pudéssemos trabalhar sem nenhum mistério...

- Mas não podemos – objetou Quinto, terminando-lhe a frase. - Se alguém descobrir o problema a que nos temos dedicado, não precisaremos esperar que nenhum mundo chegue ao fim. Nossa organização se transformará em pó.

John Bordie encolheu os ombros. Era muito tarde para começar a se preocupar por isso. Tratava-se de algo com o qual todos tinham que conviver; ou tentar conviver.

- Está se concentrando em alguma coisa? - perguntou Quinton.

- Não muito. Está no material corrente: o jornalismo que brama contra a moral dos adolescentes, um par de novos cultos religiosos, muita literatura de protesto sobre cientistas não humanos, alguns incidentes nacionais de classe menor, algum farsante lá no México que afirma ser o asteca Cuauhtemoc e quer trocar o nome do México pelo antigo de Tenochitlán, e iniciar uma guerra santa contra a Espanha, um recrutamento de sócios para o partido anarquista e voltar a por a tia Tillie aos cuidados de um médico para que este cuida da sua dor nas costas. O que poderia acontecer nós o temos. Que planeta!

- Tem que haver alguma concentração – sugeriu Quinton sorrindo.

- Bem... talvez. Eu diria que os Estados Unidos, mas pode ser que isto não seja mais que orgulho nacional.

- Que pensa de Siringo?

- Só Deus sabe e nisso eu não apostaria nada.

- Bem, comecemos fracionando os Estados Unidos em zonas, John. Poderíamos conseguir algo e de qualquer forma Siringo terá a chance de encontrar aplicação para parte dessa energia nervosa. Você tem algum analisador que eu possa utilizar para o que não possa fazer em casa?

- Naturalmente! Use o Quatro. Eu porei um rótulo de restrito até que você me diga que está livre.

- Ótimo! Analisarei este material e logo começaremos a fazer perguntas.

Distraído, Quinton bateu com os dedos no joelho.

- Pode prescindir de Conway? - perguntou em seguida. - Vou precisar de um ajudante que tenha talento.

- Feito! Meus cumprimentos a Lynn e diz a Baby que estou esperando que cresça um pouco mais.

- Não terá que esperar muito... e seria melhor que você comece a carregar os dados do ludo; me garantiram que essa menina vai ser muito esperta.

- É a sorte comum dos novatos – disse Bordie com amargura.

Robert Quinton pegou os dados resumidos de Classificados e partiu da estação em direção à sua casa. Mesmo em videotape, os resumos formavam um conjunto volumoso. Sabia que tinha pela frente uma sessão de erudição que tinha sido adiada. Uma pessoa já não podia seguir o ritmo do seu próprio planeta e muito menos o do Universo. Tinha a visão momentânea de uma vasta civilização interestelar e decididamente sentiu pena de qualquer um que se metesse nisso.

Eram as primeiras horas da tarde no Novo México e fazia um pouco de calor. A terra, tal como a via do helicóptero, parecia sonolenta e agradável, com as extensões verdes de lavoura abaixo, como verdades eternas. Pareciam dizer-lhe que haviam estado sempre ali e que era um louco em não jogar os resumos pela borda e rumar para o mais próximo riacho próximo em que houvesse trutas.

Mas Robert Quinton sentia um fogo estranho sob o sol ardente. Um século antes, aquela terra de lavoura verde e ondulada tinha sido um deserto. Parecia eterna, evidente. Em certo momento foi obvio que o deslumbrante sol que tinha sobre sua ca-

beça havia dado voltas em torno da Terra abaixo; podia-se ver que isto era certo e sempre havia sido.

Um século antes, deserto. Um século depois...?

Passaram-se longos dias, dias que foram bons. Robert Quinton trabalhava e trabalhava intensamente. Tinha estrias roxas nos olhos e era difícil conviver com ele. Por trás de cada movimento seu havia uma urgência terrível, impetuosa, com descansos quando podia descansar. Mas não era um trabalho emocionante e nele não havia nada de dramático. Era trabalho de escavar, escavar... e não havia outra solução senão fazê-lo.

De qualquer forma, era bom estar em casa.

Todos os homens têm um lugar que chamam lar, por muitos que sejam os lugares em que vivam. No caso de Quinton, era um tipo de casa ao estilo Frank Lloyd Wright antiquado, que combinava com os marrons e verdes suaves das colinas do Novo México. Possuía um riacho pequeno e límpido que borbulhava através do living room e saía para o pátio e as paredes de vidro e pedra estavam abertas e eram espaçosas. Frequentemente tinha se perguntado por que era tão conservador nas coisas de casa, mas como quer que fosse, não o preocupava o estilo de torrezinhas e pão de gengibre dos modernistas. Era uma boa casa, sua casa transformada em lar por obra e graça dos anos durante os quais ele e Lynn haviam vivido nela. Tinha seu tipo de sabão, seu tipo de despreocupação, seu tipo de livros.

Existia, além disso, a estátua. Essa estátua que se erguia arrogante em cima do piano e que originalmente fora uma propaganda de uísque. Era o busto de um velho cavaleiro, aristocrata, de monóculo e com uma expressão pensativa. Na base, Quinton havia esculpido um nome: Cuthbert Pomeroy Gundelfinger. Era uma espécie de divindade particular e muito útil. Cada vez que era visitado por alguém a quem ele não conhecia, Quinton esperava simplesmente que visse a estátua. Se ele risse, lhe oferecia um copo. Se perguntava quem era Cuthbert Pomeroy Gundelfinger, falava de coisas banais e esperava que o visitante se fosse.

Naquele momento, Lynn estava colhendo frutas frescas no jardim e Baby assistia o tríduo com grande atenção. Era um episódio de ficção científica o que ela via e Quinton sorria interiormente assistindo também, furtivamente. Era uma coisa comum sobre o século vigésimo quinto em que apareciam piratas do espaço, transmissores de matéria, um sábio louco que se parecia tanto com Siringo que poderia se passar por seu irmão gêmeo e um herói de olhos claros, vestido com um uniforme azul e prateado que se havia proposto intrepidamente a salvar o mundo. Perguntava a si mesmo por que todos aqueles argumentos incluíam enormes quantidades de maravilhas tecnológicas, mas pareciam dar por assente que a estrutura e a cultura sociais não se modificariam em mais de quatro séculos. Por que enfrentavam todas as problemas candentes do momento atual no século vinte e cinco? Fazia menos de um século que as nações ainda tinham colônias e ninguém tinha sequer ouvido falar de Charles Sirtillo ou do Intelismo.

Por que insistiam em supor que salvar o mundo era um passatempo popular? Não era, nem jamais havia sido. Salvar o mundo era coisa de patetas, idealistas e sonhadores iludidos, todo mundo sabia. Era uma piada corrente e os salvadores do mundo eram tão procurados como os propagadores de pragas. O homem popular, o homem prático, fazia o esperado, o aceito socialmente e jamais questionado, tanto estivesse certo como equivocado. Se todos os demais faziam, bem, então, naturalmente, estava bem.

Tinham um qualificativo para os salvadores do mundo.

Incautos.

Quinton afugentou esse pensamento da sua mente. Era uma batalha que lutou consigo mesmo há muito tempo e que havia ganho. Continuou trabalhando, passando os valores dos resumos por uma peneira mental, tomando o pulso da situação. O sol queimava lá fora e se percebia no ar um zumbido indolente de insetos, mas seguiu adiante.

Não lhe restava nenhuma outra coisa para fazer.

Os dias passavam voando e se transformavam em semanas.

Os computadores conversavam, ronronavam e davam pancadinhas metálicas. Os analisadores avaliavam, mascavam, classificavam. Entravam dado sua estação do Novo México em forma de manchas, escorrendo como água, rios subterrâneos. Os homens do UNBAC suavam, discutiam e davam tapas nas mesas, desesperados.

Para olhos não treinados, tudo isto era muito estranho. Falavam de correlações culturais e princípios de integração, receptividade da difusão e dos bifes do tio Charles contra a arrecadação de impostos. Passavam noites inteiras com os computadores. Não dormiam e se ofendiam entre si com ampla regularidade e distinta fineza. Colaboravam juntos no problema mais árduo de todos: somar dois mais dois para resultar em quatro.

Quando chegou o resultado, o ambiente estava longe de ser impressionante.

John Bordie abaixou-se sobre a mesa queimada pelos cigarros e franziu o cenho com a vista fixa nos dados do ludo. Martin Lorraine, AWOL do seu escritório de Nova Iorque, fazia tudo quanto honestamente podia fazer para parecer desastrado com sua camisa em Y, mas só conseguia parecer com o herói característico do tríteo que brilha na pose 7-X-4b, Masculinidade Indiferente sem cachimbo nem cachorro. Bob Quinton acomodou desajeitadamente seu longo corpo em uma cadeira, com as mãos nos bolsos; um cigarro assomava anti-saudavelmente pela comissura dos seus lábios. Carr Siringo andava impetuosamente de um lado para o outro do quarto como um dragão impaciente; parecia sair fogo das suas fossas nasais.

Um jovem entrou correndo na sala de conferências, trazendo uma micro-placa. Muito sério e comovido, entregou-a a Lorraine e talvez não tenha visto o risinho depreciativo de Siringo.

- Nós o achamos! - anunciou sucintamente Lorraine. - A curva iniciou uma ascensão em M-97. É um homem.

O sorriso de Robert Quinton foi de orelha a orelha.

- É somente uma vida – sugeriu Siringo.

John Bordie agitou os dados.

- Devemos ter a certeza – disse.

- Esta é toda a certeza que podemos ter até que façamos um teste final – observou lentamente Martin Lorraine. - A hipótese foi posta à prova sob todos os ângulos possíveis e a curva de sobrevivência indicou que estamos no bom caminho.

- E daqui, para onde vamos? – perguntou Bordie.

- Bom, vejamos o que temos – disse Quinton. - Demonstramos duas coisas: o fator que ocasiona a queda da Serpente é pessoal, ou seja, que o que perseguimos é um homem, e a ameaça foi localizada. - de acordo com Siringo – Nos Estados Unidos, em algum lugar no Texas, Arizona, Luisiana, Novo México ou Califórnia. A partir daqui, o procedimento lógico é estreitar a área de busca e então encontrá-lo, seja quem seja, ou o que seja. Então...

Seguiu-se um breve silêncio.

- Cruzaremos a ponte quando chegarmos a ele – disse Lorraine, decidido.

- Tal como disse o homem quando chegou ao abismo... - sussurrou Siringo, com um sorrisinho desagradável.

Quinton voltou-se, começou a falar mas conteve-se no mesmo instante. Carr era irritante, mas em termos gerais tinha razão. Como de costume, Siringo tinha posto o dedo, sem vacilar um segundo, em um aspecto complicado do problema.

Quinton substituiu seu resto de cigarro por um cigarro novo, sentindo-se frente ao mundo inteiro como um alcoólatra em uma farra desenfreada. Procuravam por um ser humano; isso era definitivo. De certo modo, o assunto se facilitava, de outro, podiam antecipar inconvenientes.

Claro que o *quid*⁽¹⁾ da questão era que o homem (se fosse um homem e não uma mulher) não havia feito grande coisa até então. Com toda probabilidade, nem sequer era uma personalidade conhecida. Poderia até ser uma criança.

Poderia ser qualquer coisa, qualquer coisa.

Não era tanto quem, o importante. Era quando, e onde estava.

"Procuravam Hitler, um homem transformado em perigoso pelas condições que o rodeavam. Procuravam Hitler, enquanto este ainda era um pintor de paredes ou um cabo do exército alemão."

Claro que era difícil, sempre era difícil. Mas era muito mais simples e muito menos sangrento que procurá-lo quando já fosse muito tarde, quando fosse um ditador poderoso, quando tivesse que lutar contra metade do mundo em lugar de lutar contra somente um homem. Somente um homem? Quinton sorriu. Eles tinham que lidar com um ser humano e isso podia ser complicado... e perigoso.

- Está bem, Siringo – disse Quinton. - Façamos uma conferência. Veremos se conseguimos estreitar o campo até convertê-lo em algo com o que possamos trabalhar. Não podemos fazer nada sem fazer isto. Quando enfocarmos o quadro, veremos a maneira de sair do abismo.

- Isso é com você.

Os homens levantaram-se. John Bordie sorriu friamente e tirou os dados da mesa. Apesar de si mesmo, Quinton olhou fascinado como os cubos de marfim davam voltas e tropeçavam entre si. Olhos de serpente.

A aranha-mor teceu sua rede de ponta a ponta do país.

Os fios tênues e invisíveis da UNBAC percorreram campos e cidades, aldeias e feiras de condado, explorando. A princípio estavam muito separados entre si, apoiando-se em Luisiana, Novo México, Arizona, Texas e uma parte da Califórnia. Passaram-se dias.

A rede se estreitou e se fortaleceu.

A Califórnia foi descartada primeiro, depois foi o Arizona. Somente tênues sendas continuavam unidas ao Novo México e a Luisiana, e mesmo estas desapareceram depois. A rede diminuiu mais e mais...

O cerco se estreitou sobre o Texas. Polegada após polegada, saiu de Forth Worth e Dalas, cruzou Laredo e San Antonio. Os computadores e os analisadores zumbiram e ronronaram no meio da confusão de fumo de cigarro, testes e eliminações. Que aconteceria se...? Supondo que estivéssemos aqui, o que aconteceria...? Se aqui está a concentração X e aí o fator Y, o que...?

A rede se apertava. Abrangia uma pequena superfície limitada por Bay City, Houston, Beaumont e o Golfo do México. Encolhia ainda mais, concentrando-se como um charco raso sob o sol. Parou. Formou um ponto negro no mapa da costa do Texas.

- Aí está – disse Martin Lorraine. Seu rosto, habitualmente muito bonito, se via en-

(1) *Quid: ponto crucial, o X da questão. N.de Espinhudo*

velhecido e feio por causa do esforço.

- Galveston! - exclamou Robert Quinto, deixando-se cair em uma cadeira. - Nosso homem está em Galveston.

- Conquistaste outro tento, Carr – disse John Bordie. - Bom trabalho!

Carr Siringo parou de caminhar, balançou a cabeça impacientemente e saiu depressa do quarto. Era quase como se as palavras de Bordie o tivessem pegado desprevenido; Siringo havia vivido tanto tempo em seu mundo pessoal, longe de emoções expressas livremente, que não soube o que fazer quando se encontrou recebendo felicitações. Era como um peixe no ar. Não pela primeira vez, Quinton se perguntou se havia decorrido muito tempo antes que Siringo fosse o que era; e agora, pela primeira vez, decidiu que não lhe interessava saber.

Então o homem que procuravam estava em Galveston! Isso foi o que pensou Quinton. Agora teriam que iniciar um processo escrupuloso de triagem dos cinquenta mil habitantes da cidade. Seria trabalhoso e difícil, mas não essencialmente diferente das técnicas adotadas para estreitar a zona crítica até circunscrevê-la a uma única cidade. Claro que sem os computadores a tarefa teria sido impossível. Mas mesmo com os computadores teria que andar muito.

Mas podia ser feito.

Quem era ele, este homem posto por acaso na zona de fusão de uma situação explosiva que ainda não havia se manifestado? Que estaria fazendo naquele momento? Era uma espécie de gênio ou tão somente um homem comum que por coincidência se achava, no momento oportuno, onde não deveria estar? Podia ser qualquer coisa, compreendeu Quinton. Um idiota pode mudar a história tão profundamente como um maquinador inteligente... ou até um germe.

- Vou tomar café – disse Martin Lorraine.

Quinton e Bordie assentiram inclinando as cabeças e saíram depois dele. Uma meia lua dormia entre as sombras da noite do Novo México. As estrelas cintilavam tal como vinham fazendo durante os bilhões de anos de existência da Terra, e, vistas assim, em uma noite de verão do nosso planeta, voltavam a ser unicamente estrelas outra vez. Robert Quinton esboçou um sorriso estranhamente triste.

Era bom voltar a vê-las tão somente como estrelas mais uma vez.

Os três avançaram em meio ao ar fresco da noite para bar de Harry, em cuja porta um letreiro vermelho de neon continuava brilhando alegremente. Harry continuava com seu negócio aberto, a fim de oferecer seus serviços a trabalhadores ocasionais da Estação e a aviadores noturnos que viajavam para Folsom. Entraram e sentaram-se em banquinhos no balcão, enquanto Harry, sem que lhe pedissem nada, serviu-lhes salsichas, ovos e café. Pelo menos desta vez o fonógrafo estava calado; os homens tampouco falaram.

Todos pensavam em um certo indivíduo, um indivíduo que não conheciam e cujo nome ignoravam. Possivelmente ele também estaria sentado em um local que fechava tarde, fumando, bebendo café e pensando...

Robert Quinton continuou em silêncio, observando a forma como os raios prateados da lua pintavam as montanhas. Suas ideias revolveram-se, como frequentemente acontecia, dando voltas pela pequena população de Folsom a algumas milhas por aquele caminho, onde muito tempo antes foram encontrados artefatos de pederneira junto a bisões fósseis, o que fixou positivamente a antiguidade do homem. O homem antigo em um mundo novo que Colombo havia “descoberto”... uns vinte mil anos demasiadamente tarde. Quinton baixou a vista para o chão de plástico. Sob aquele piso estava a terra, e através daquela terra, tempos atrás, homens como ele caçaram mamutes com lanças e cantaram estranhas canções sob a mesma lua fria que continua-

va navegando à deriva pelos mares da noite.

Ninguém sabia o que havia acontecido ao povo de Folsom, ou aos grupos de índios da raça pueblo que partiram e abandonaram seus lares aos ventos do deserto muito antes que os brancos chegassem. Quinton fechou os olhos. Lá, no sudoeste, os homens haviam construído antes uma civilização, e se perderam no nada, deixando somente estruturas fantasmas e alguns pedaços mudos de sílex cortado como prova da sua passagem.

Um fresco vento noturno açoitou as pastagens, produzindo assobios e sacudiu as janelas.

- Vamos para casa – disse Robert Quinton.

- Eis nosso homem – disse Pat Conway, três semanas depois.

Robert Quinton olhou para a direção que apontava o dedo do psicólogo e o viu. O homem saiu caminhando do tribunal, com as mãos nos bolsos, assobiando fragmentos de “Mas, oh! Essas tabernas de Marte”, uma velha canção de bêbados. Seu aspecto era o de um homem qualquer, um vizinho que ocupava o assento contíguo em uma reunião de apresentação.

Era o homem mais perigoso do mundo.

Quinton o observou detalhadamente. Tinha uma estatura normal e era bem mais magro. Parecia ser alto e musculoso, mas isto podia ter sido só imaginação. Tinha cabelos muitos claros, cor de palha, penteados para trás. Vestia-se de forma corrente, com um abrigo verde com aba marrom e amarela. Estava curtido de sol e na mão esquerda se via um anel. Enquanto o olhavam, entrou em um veículo de conexão e partiu velozmente para o oeste, em direção à velha pista elevada.

- Não precisamos segui-lo – explicou Conway, guiando Quinton para seu helicóptero estacionado. - Podemos voltar a encontrá-lo quando ele voltar para casa.

Entraram no helicóptero e subiram rumo ao nublado céu cinzento. Quinton deixou que Conway manejasse os controles e quando alcançaram certa altitude, olhou para baixo e observou como as águas do Golfo se sacudiam e formavam ondas incessantes perto da ilha, produzindo séries de ondas brancas que borbulhavam e se desfaziam na areia incolor. Parecia ser chuva e havia poucos banhistas na praia.

- Esse homem não parece grande coisa, não é verdade? - perguntou Conway

- Não – concordou Quinton. - Mas se for por isso, Napoleão também não parecia.

- Sim, mas lembremos de Josefina – disse Conway, rindo entredentes.

Quinton deu um breve descanso aos seus sentidos, escutando o barulho do helicóptero. Conway era um homem que convinha ter à mão, um indivíduo excelente para se trabalhar em uma tarefa como aquela. Sabia rir. O aspecto de Pat, para dizer pouco, induzia ao terror. Era magro e inquieto e tinha um rosto vivaz e expressivo. Usava o cabelo curto, quase raspado, e usava roupas espalhafatosas. Ele tinha enganado a muitos que não podiam ver sob a superfície.

O helicóptero cruzou a rota dos veículos de conexão e fez algumas evoluções por cima, seguindo-o de um lado a outro da ilha até o ponto em que a pista elevada, quase abandonada, se alongava para a terra firme. Parecia um brinquedo deixado cair por uma criança, mas Quinton divisou alguns velhos que pescavam nas áreas cinzentas. Seu olhar se voltou para o veículo que se movia abaixo e que transportava o homem que involuntariamente fizera ser chamado das estrelas.

O homem chamava-se Donald Weston. Era um homem comum, desses que ninguém olha duas vezes. Homens como Donald Weston eram encontrados em qualquer lugar. Era um homem que não oferecia perigo algum, agradável, de certo modo. Tinha vinte e sete anos e havia estudado em um pequeno colégio secundário do Texas.

Ao terminar, quatro anos antes, trabalhou mais ou menos bem, mas sem se destacar muito. Era chefe da Galvez Syntho Supply Company, uma empresa que se dedicava a vender artigos especiais para as colônias de Marte e Vênus. O trabalho não podia ser mais banal. Recentemente, Weston havia apresentado sintomas moderados de ambição política. Apresentou-se como candidato a Conselheiro Municipal, um cargo de menor hierarquia, mas que poderia servir como trampolim para coisas maiores. Os estudos da sua personalidade realizados pela UNBAC o tinham passado por um pente fino, que incluiu suas classificações na escola, suas vinculações e seus antecedentes, descobrindo pouca coisa de interesse. Havia algumas curiosas insinuações de atividade externa, mas em geral Weston parecia quase lastimavelmente comum.

"Camuflagem? - perguntou-se Quinton – ou casualidade?"

As nuvens cinzas adquiriram um tom mais escuro. Grossas gotas de chuva começaram a golpear o teto do helicóptero e Quinton viu que os pescadores que estavam a grande distância abaixo, corriam procurando abrigo. Rajadas de chuva açoitavam de um lado ou outro do Golfo, e de longe chegava o débil rumor dos trovões.

Enquanto o helicóptero rondava discretamente à distância, viram que Weston saia apressado do veículo de conexão para cruzar sob a chuva para a sua pequena casa suburbana. Notou-se um débil raio de luz quando abriram a porta e pôde-se ver uma mulher de cabelos dourados. Weston entrou e perdeu-se de vista.

- Bem, vamos voltar – disse Conway.

Descreveram uma volta lenta com o helicóptero e iniciaram o regresso.

Quinton olhou a chuva que caía intermitentemente e o barulho da água no teto. Sentiu em seu interior um frio que não vinha da chuva, e que a conversa banal de Conway não tornou mais suportável. Haviam visto seu homem e ambos sabiam o que isto queria dizer. Precisavam prendê-lo e isto não seria fácil. Estavam fora da lei, careciam de proteção legal e se se metessem em confusão teriam que sair por seus próprios meios... ou não sair. Se fracassassem, não podiam esperar ajuda da UNBAC. Nem mesmo podiam solicitar essa ajuda.

Era o jogo do gato e do rato, mas não um rato comum. Às vezes o gato não voltava.

Abaixo deles, quase invisíveis, amontoavam-se os edifícios da cidade. Uma cidade cheia de gente, pensou Quinton, e um helicóptero perdido no céu. Era um jogo de morte, o que faziam, e a cidade nem sequer se dava conta. Se fosse avisado (se tivesse descoberto), se voltaria contra eles com a ferocidade insensata de uma besta enlouquecida.

Quinton olhou para baixo, pensando. O mar saltava e rugia com um vento cuja violência aumentava e a praia estava deserta neste momento. Uma velha sombrinha de praia dava voltas na areia, esperando pelo sol.

- Olha para isto – disse Pat Conway.

Robert Quinton levantou a vista do diário, onde havia estado lendo um discurso da campanha de Weston, e da mão estendida de Conway pegou um rolo de ampliações fotográficas. Observou o psicólogo intrigado.

- Tivemos uma oportunidade de entrarmos à noite, enquanto os Weston bebiam em uma festa de gente de negócios. Um par de companheiros e eu revisamos a casa e encontramos muitos manuscritos feitos pelo punho e letra de Weston, que os tinha escondido em um fundo duplo de uma gaveta de mesa no piso superior. Fotografamos tudo... Parece que nosso homem se considera uma espécie de novo Maquiavel.

- Hum, hum! - disse Quinton.

- Apenas um garoto norte americano limpo, de sangue vermelho - observou

Conway. - Um orgulho da organização.

Robert Quinton começou a ler as ampliações e sentiu um nó frio no estômago, compacto como gelo. Acendeu um cigarro, mas a fumaça lhe pareceu fria, negra, arenosa...

O manuscrito de Weston era incrível.

"A noite.

A noite negra, negra e o sangue vermelho circula. Gira e forma redemoinhos nas minhas pernas. Me encharca e se mistura com meu sangue.

Na noite negra.

Caminho pelo mundo negro, e é vermelho. Eu o vejo, mas não posso falar. É muito vermelho. Caminho pelo mundo e penso.

Não noite negra, negra.

Não me veem Estou sozinho. Serei um deles, uma parte deles. E eles serão uma parte de mim. Lentamente. Vermelho. Só quero ajudá-los, mas não podem me ver. Está muito escuro. É muito difícil mas eu conseguirei. Por eles.

Eu os amo.

Continuo andando.

Na noite negra, negra..."

Havia muito mais, e Robert Quinton leu tudo. Quando terminou, não disse nada. Pôs de lado as ampliações, levantou-se e saiu do edifício. Fora, ao ar livre, o céu azul, as pessoas e a luz do sol.

Então Donald Weston era isto. Não era grande coisa agora. Um homem inteligente, um homem extraviado. Talvez um homem diabólico, embora Quinton desconfiasse dessa palavra. Não era particularmente perigoso... ainda. Não até que chegasse seu momento, um momento ainda perdido nas sendas distorcidas do futuro. Mas o momento chegaria, inevitavelmente. As cartas diziam isto.

Era necessário voltar a embaralhar as cartas.

O que o homem havia escrito? Só quero ajudá-los mas não podem me ver. Era muito diferente do que a UNBAC estava fazendo? Era?

Robert Quinton olhou o povo que passava. Todo tipo de gente. Homens, mulheres, crianças. Bêbados, amantes, sonhadores. Garotos à caminho da praia e homens de negócios que voltavam ao trabalho. Gente feliz, gente triste. Gente satisfeita e gente que um dia se atiraria de helicópteros somente para livrar-se de tudo. Essa gente não se preocupava com a sobrevivência. Não estavam na moda nem tinham estado. O que queriam era estar a sós e Quinton não os censurava.

Havia diferença, diferença entre um Weston e uma UNBAC? Só havia uma diferença: a razão. A razão, a lógica, a ciência, a humanidade. Palavras, claro. Tão somente palavras; mas um homem deve ter alguma coisa, deve acreditar em algo muito intimamente, mesmo que acreditar não fosse popular. Foi-lhe dado um cérebro e esse cérebro havia desenvolvido a ciência. A ciência era uma ferramenta. Faziam mal em usá-la?

Estavam somente se enganando?

As pessoas que passavam ao seu lado não teriam gostado de saber. Se voltariam contra ele, o odiariam, o temeriam. Por outro lado, Weston era um homem em quem podiam confiar, acreditar. Um tipo normal.

Robert Quinton seguiu pela praia, sozinho na multidão. A brisa do mar sussurrava-lhe nos ouvidos e o sol ardente lhe queimava os ombros sob a camisa. No dia seguinte iriam buscá-lo.

Se fracassassem...

- Sentem-se, sentem-se – disse Donald Weston prazerosamente - Uma bebida?

- Está bem, obrigado – disse Robert Quinton. - Uísque escocês com soda, se lhe parece bem.

- Ótimo! Está perfeito – assegurou-lhe Weston com voz quente e excepcionalmente cordial. - Querida...!

Jo, sua esposa, entrou na cozinha para preparar as bebidas. Era uma loira magnética, de olhos azuis, dessas que dominam um aposento somente de estar nele. Quinton recostou-se para trás em sua cadeira, relaxou a tensão dos seus músculos e inspecionou o lugar. Era exatamente como tinha Conway havia descrito: confortável, mas não presunçosa, de bom gosto. Uns poucos livros em uma estante contra uma parede; vários “best sellers” do tipo “clube dos leitores”, um tratado sobre a forma de emagrecer vivendo com suco de laranjas, uma Bíblia familiar, um volume de histórias condensadas do Reader's Digest, e uma coleção de clássicos gregos e romanos, desde Homero até Marco Aurelio. Os últimos estavam imaculadamente limpos e não haviam sido lidos. Jo saiu da cozinha, sorriu feitiçeira e entregou sua bebida. Havia preparado um para si também, mas não trouxe nada para o marido.

- Tentarei ir direto ao ponto – disse Quinton depois de beber um pouco do seu copo. - Sei que você é um homem ocupado.

Weston levantou uma mão, como se rechaçando a afirmação. Tinha seu cabelo cor de palha penteado como sempre.

- Temos muito tempo – assegurou. - Eu esperava ansiosamente para conhecê-lo, e estou realmente lisonjeado que você ache que eu possa oferecer alguma possibilidade neste campo.

Jo sorriu.

- Nossa ocupação é procurar pessoas que apresentem potencialidades – disse Quinton falando com sinceridade. - Encontrá-los e atraí-los para a nossa causa antes que fiquem muito caros. É simplesmente uma questão comercial.

Jo tirou um cinzeiro de algum lugar quando Quinton revistou os bolsos procurando um cigarro e parou para acendê-lo. Weston não fumava. Seus olhos verdes pareciam contradizer firmemente sua maneira despreocupada.

- Sei que leu com cuidado nossas cartas, senhor Weston, e que se fixou nas publicações que lhe enviamos. Presumo que estará de acordo que lhe fizemos uma oferta generosa.

- Claro, claro! - assegurou-lhe Weston. - E eu lhe agradeço

- Seu nome nos foi sugerido por vários contatos aqui em Galveston, senhor Weston, e...

Weston fez um gesto.

- Por favor – disse, - todos me chamam Don.

Jo alisou a longa saia sobre as pernas envoltas em seda.

Foi difícil para Robert Quinton não baixar a guarda. Aqueles dois eram encantadores, disto não havia dúvida. Sentados ali com eles, no *living-room* da sua casa, era quase impossível temê-los. Pareciam cordiais ao extremo, mesmo idealizados. Entretanto...

“Noite negra, negra e o sangue vermelho que circula...”

- Que seja Don, então. Eu me chamo Bob. Seus antecedentes na escola, juntamente com seu interesse, tantas vezes expressado, na Colônia de Marte, nos convenceu que você é um dos homens que procuramos. Bem, não quero chateá-lo com conversa de vendedor; você conhece como eu as perspectivas e oportunidades que

teria com nossa companhia em Marte. Não implica em nenhuma questão de sucesso ou fracasso, tudo depende de até onde você pode chegar. Achamos que conosco iria muito longe.

Ou sem nós, pensou Quinton. Recordou: não era tanto quem fosse o que o tornava perigoso, e sim quando e onde. O quem e o quando não podiam ser alterados. Restava o onde. Tinham que tirar Donald Weston de Galveston e fazê-lo legalmente.

- É uma oportunidade, não há dúvida – disse Weston. - Nós sabemos.

Quinton assentiu com um movimento de cabeça, sentiu a transpiração nas mãos e inspirou fortemente.

- Pode apostar que é. Sei que vocês dois conversaram sobre isto e averiguaram dados sobre nossa companhia e sua situação para confrontar com o que dissemos. Tomei a liberdade de trazer comigo esta noite alguns papéis, o resto fica por sua conta.

Quinton cruzou os dedos mentalmente... com muita força. Sorriu.

- Então, que diz disso, Don?

- Lamento, mas minha resposta é não – disse Donald Weston, sorrindo por sua vez. - Decidi não aceitar o posto.

Robert Quinton manteve o rosto inexpressivo, exceto por um gesto cortês de decepção. Sua estratégia havia falhado completamente. Donald Weston continuaria onde estava. Seria muito o que ele sabia?

Quinton olhou os olhos de Donald. O olhar dos dois se cruzaram com o seu. Eram sinceros, francos, cordiais... superficialmente. E suas profundezas verdes tinham a fria dureza do gelo.

- Me aflige muito ouvir isto, Don – afirmou Quinton. - Acho difícil compreender...

Jo Weston afastou seu suave cabelo loiro dos olhos azuis.

- Na verdade é uma oportunidade maravilhosa para Don – disse ele. - Mas as eleições estando tão perto e isso tudo, na realidade achamos que nosso lugar é aqui, pelo menos por agora.

Jo Weston! Que papel representaria ela no jogo invisível?

Quinton ficou de pé e inclinou a cabeça.

- Entendo seu ponto de vista, claro – disse. - Não quero abusar da sua hospitalidade, mas se mudar de ideia em um futuro próximo, comunique-se conosco. Ficaremos contentes em vê-lo a qualquer momento.

- MUITÍSSIMO obrigado – disse Donald Weston, com rosto sério e um tanto infantil. - Continuaremos pensando.

Que seja. Veremos se continuarão! Pensou Quinton, que disse:

- Bem, obrigado pelo uísque Talvez nos vejamos uma outra hora.

- Talvez – concordou Donald Weston, sorrindo.

E agora, homem?

Robert Quinton despediu-se e saiu para procurar a noite no seu helicóptero. Ao seu lado caminhava a morte.

- Nós subestimamos nosso homem – disse depressa Quinton. - Weston não ficou saltando de alegria e ponto final.

- Quanto ele sabe? Tem alguma ideia? - perguntou Pat Conway, empoleirado na borda da cama, no apartamento que Quinton tinha em Galveston.

- Não posso responder-lhe, não o entendo. Mas é inteligente, Pat, e outro tanto posso dizer da bomba que ele tem como esposa. Não estamos tratando com pessoas inocentes, posso assegurar-lhe. Devem suspeitar de alguma coisa, pois se não fosse assim, que razão teriam para rechaçar a oferta? Temos de ter muito cuidado no que

fizemos.

- Não consigo entendê-lo completamente – objetou Conway, enganchando os polegares nas tiras do suspensório. - Pareceria que essa pose de Gran Norte Americano só correspondesse estritamente às aves, mas por que? Não é possível que saiba que é o pivô principal de uma situação cultural em desenvolvimento; até agora não fez grandes coisas na vida... Ou por acaso fez? Então, do que tem medo?

Quinton encolheu os ombros.

- Eu diria que é simplesmente um homem inteligente ao antigo estilo. Tem grandes ideias e faz o jogo político. Fazer com que o chamem simplesmente de Don é, além disso, o que alguém esperaria mais ou menos. Está adotando a pose normal de um político que procura votos.

- Eu acho que o assunto é mais complexo – opinou Conway. - Talvez ele esteja apertando botões que nós nem sequer suspeitamos. Ele não é bobo e pode ter apagado suas pegadas. Notou seus olhos?

- Notei – respondeu Quinton.

Seguiu-se um longo silêncio.

- Um galo! Nós dois fomos amaldiçoados pelo mau olhado.

- Talvez – admitiu Quinton. - Talvez convenha que não confiemos.

Ambos haviam sido testemunhas de situações “simples” que explodiram debaixo dos seus narizes. Neste jogo, as regras mudavam quando era jogado, e devia-se mudar de acordo com elas... do contrário...

- Bom, de qualquer forma o passo seguinte é evidente – observou Conway, interrompendo o incômodo silêncio.

- Desgraçadamente – opinou Quinton.

Estava se levantando para servir-se de outro copo quando aconteceu. Seus cabelos se eriçaram e houve uma espécie de explosão. Puf! Quinton desabou como uma pedra, retorceu-se e conseguiu acertar uma tapa em um interruptor da parede. As luzes se apagaram.

Ficou estirado no chão, muito quieto, apanas respirando e escutando as batidas do seu próprio coração. Prosseguiu em silêncio, absoluto e total. Quinton forçou todos os músculos do corpo tentando ouvir. Mas não se percebia nada. Nem um suspiro. Esperou um longo tempo, perguntando-se por que ainda estava vivo.

- Pat! - disse em voz muito baixa. - Pat!

Silêncio. Quinton sentiu que um tremor doentio o percorria interiormente. Os assassinos já não estavam lá, mas não quis acender as luzes. Não desejava ver. Fez uma nova tentativa, mas sem esperança.

Pat!

Nada. O que seria aquela respiração cavernosa que escutava ali? Silenciosamente, Quinton conseguiu achar o caminho para a cama. Prendeu a respiração e tateou o piso à sua frente. Pat estava ali no solo úmido e pegajoso. Deixou escapar a respiração pelos dentes apertados. Sentiu-se doente e fatigado.

Explorou o corpo agilmente, sem se arriscar a acender as luzes. Sentiu uma área... débil. A ferida estava no peito, abaixo, à direita. Aquilo não era bom, mas poderia ser pior. Pat continuava respirando, mas não duraria muito se não tivesse ajuda.

Não podia contar com o hospital. A esta altura dos fatos, Quinton não podia comprometer-se em um tiroteio. Só restava uma coisa a fazer.

Arrastou-se até o armário e pegou o rádio de ondas especiais do lugar onde estava oculto na parede. Apesar do que pudessem dizer as regras, não deixaria que Pat morresse. Orientou a transmissão para a estação do Novo México, orientando-se no mostrador pela fraca luz vermelha do aparelho e enviou uma mensagem em código:

UNBAC IMPERATIVO OFICIAL. RECEPTOR: BORDIE, ESTAÇÃO NOVO MÉXICO. ABRI-
RAM FOGO CONTRA CONWAY. CONSIGA MÉDICO E VENHA RÁPIDO. REPITO IMPE-
RATIVO. QUINTON.

Levantou com cuidado o corpo de Conway para encostá-lo na cama e tratou a ferida o melhor que pôde com seu estojo de primeiros socorros. Conway resmungou uma vez e as batidas do seu coração se acalmaram um pouco. Quinton apertou os punhos e o velho ódio tremeu dentro do seu corpo.

Se Pat morresse...

Sentou-se junto à figura imóvel que estava recostada. Tinha o revólver em uma mão. Escutou a respiração rápida e cavernosa.

A noite seria interminável.

Eram quatro horas da madrugada quando o médico chegou, mas Bordie não o acompanhava. Vinha com Carr Siringo.

- Bordie se atrasou – explicou Siringo a Quinton, olhando-o nos olhos como se o desafiando a por em dúvida suas palavras. - De qualquer forma eu tinha que vir aqui e aproveitei para trazer o médico.

Quinton fez caso omissos das palavras, mas aceitou os fatos.

- Obrigado, Carr – disse. - Não esquecerei disso.

Siringo entrou ruidosamente na cozinha e insistiu em falar sobre a importância da roupa listrada que se usava em Meran. A princípio Quinton irritou-se, mas depois acalmou-se e até chegou a se interessar pelas ideias que Siringo expressava com tão brilhante impudência. O cérebro de Quinton era tão aguçado como a claridade das primeiras horas desse dia e começou um jogo de estocadas e recuos verbais com o homem baixo e calvo que tentava manter-se firme.

Já haviam passado das cinco horas quando o médico cruzou a porta e sentou-se sobre a mesa da cozinha; imediatamente Quinton compreendeu que Siringo havia procurado conseguir que ele deixasse de pensar no corpo que jazia no quarto contíguo. Quinton o observou em atitude acusadora à luz cinza da madrugada e Siringo devolveu-lhe o olhar imperturbavelmente.

- Bem, doutor – disse Quinton.

O médico da UNBAC encolheu os ombros.

- Pode ser – disse.

- Será melhor que durma um pouco, amigo – disse Carr Siringo.

Robert Quinton titubeou um pouco e repentinamente descobriu que se sentia exausto. Tinha a garganta seca e os olhos ardiam. Assentiu com a cabeça, baixando-a rapidamente, saiu do quarto e deitou-se.

Não olhou para a pessoa que estava na outra cama.

Robert Quinton observou o homem que estava sentado no lado oposto do quarto e sentiu desejos de bater-lhe no rosto. Mas conteve-se e sorriu amavelmente.

- Já está tudo explicado, Pond – disse. - Nós o escolhemos para o serviço e você pode propor suas próprias condições.

Wiley Carruthers Pond estava com as mãos em forma de pirâmide e escutava com atenção. Tinha cabelos grisalhos, de um tom cinzento ferroso e seu rosto era, por sua vez, aristocrático e nobre. Beirava os quarenta anos, e era agradável aos garotos e aos bebês; frequentemente falava com uma voz forte dos serviços que prestava às pessoas e era em, todos os sentidos, um patife de primeira classe.

- Não estou certo de ter compreendido, senhor Quinton – disse.

- Não é preciso que compreenda, Pond. A única coisa que deve fazer é ocupar o

posto durante quatro anos e receber vinte mil dólares anuais, além do seu salário normal como vereador. Faremos com que seja eleito, sem que isso comprometa ninguém

- Isto é muito irregular, senhor Quinton – disse Pond, cujos olhos cintilavam.

Quinton apertou os punhos pensando em Conway. Odiava Wiley Carruthers Pond até a morte, fato que carecia absolutamente de importância. Pond tinha relações políticas em Galveston; além disto, ele não interessava. O que importava era Donald Weston.

- Então...? - disse Quinton.

- Enfim, senhor Quinton, um vereador... Então você me paga...

- Sim ou não? - insistiu Quinton com olhar duro. - Não tenho o dia inteiro.

Os olhos de Pond se estreitaram.

- Claro – disse, - meu único interesse é ajudar o povo. Se por alguma razão você acha que posso ser-lhe mais útil como vereador, eu direi que nenhum cargo é humilde demais para quem deseja servir. Nenhum homem pode ser orgulhoso demais para isto, senhor Quinton.

- Sim ou não? - repetiu Quinton.

Pond inclinou-se para a frente. - Tudo o que devo fazer é servir, calar a boca e receber vinte mil dólares por ano, não é isto? Você firmará um contrato assegurando-me que não me será pedido nada contrário aos meus princípios...

- Claro! Não correrá nenhum risco. Nosso interesse começa e termina fazendo com que você seja eleito.

Wiley Carruthers Pond estendeu uma mão muito bem cuidada.

- Trato feito – disse. - Posso dizer que fico agradecido pelo interesse que você demonstra pelo povo de Galveston? São os homens como você, senhor Quinton, que...

Quinton abreviou a entrevista o máximo que pôde. Havia representado esta cena antes, muitas vezes e com muitas pessoas, para poder experimentar algum prazer agora. Puseram-se de acordo apressadamente e saiu sozinho. Tinha a sensação de que precisava de um banho.

Pat Conway continuava vivo, mas não conseguia se mover. O médico ficou e Quinton e Siringo jogavam pôquer na mesa da cozinha.

Isto não era a única coisa que jogavam.

O dinheiro era o de menos e os homens da UNBAC sabiam das coisas. O pouco que ignoravam era um vazio que enchia Wiley Carruthers Pond e que a máquina local compensava com más intenções.

Os dois jornais de Galveston anunciaram a candidatura de Pond na primeira página e apresentaram lisonjeiras fotos em que o homem aparecia sorrindo. Os dois jornais iniciaram a publicação da sua vida de abnegação a serviço do povo de Galveston, coroados neste momento por sua decisão de servir em um cargo menor no qual poderia, direta e intimamente, fazer alguma coisa pelos humildes. Ao mesmo tempo houve editoriais sobre Donald Weston, que o apresentavam como um intrigante político sem escrúpulos, indigno de representar o povo da cidade dos oleandros mais formosos.

A qualquer instante que se sintonizasse o rádio, saltava à vista a imagem de Wiley Carruthers Pond, cordial, sorrindo eternamente e merecedor da máxima confiança, em suas conversas tête-a-tête com o povo. Em toda a ilha soavam videofones e o rosto e a voz de Wiley Carruthers Pond asseguravam aos ouvintes que estava ao seu lado, primeiro, último e sempre.

Porém havia mais, muito mais. Lançou-se uma campanha de rumores, de piadas

políticas, sinistra e amarga, e notícias de duplo sentido. Fizeram-se edições das conversas de tríduo de Weston e de comentários que as “interpretavam” com contundente sarcasmo.

Tudo aquilo foi sujo, viscoso, feio. Era a grande conspiração, e por sua culpa Quinton sentia asco de si mesmo e do trabalho que fazia por obrigação.

Robert Quinton cumpriu com o trato e falou com voz untuosa pelo videofone. Revolvia-se no solo sujo durante o dia e de noite escutava a respiração ofegante de Conway na cama ao lado.

Ele falava da sua própria alma.

De qualquer modo, jamais havia imaginado que aquilo seria assim.

Robert Quinton havia nascido em 1994.

Isto significava que a primeira estação espacial havia sido construída e que haviam chegado à Lua mais de vinte anos antes do seu nascimento. E dez anos antes haviam visitado os planetas interiores e estabelecido uma colônia provisória em Vênus.

Além disso, a Organização das Nações Unidas, após meio século de amargos altos e baixos, havia absorvido paulatinamente poder suficiente para transformar-se em uma autoridade que devia tomar conta dos assuntos internacionais. A ONU, claro, era um produto inevitável da expansão espacial.

Também significava que antes que ele tivesse respirado pela primeira vez, as grandes estações de energia solar suplantaram, em grande medida, a energia atômica como fonte barata de força, elevando as zonas tropicais a posições de importância, como grandes estufas naturais para a o cultivo das plantações necessárias.

Naquele mesmo ano, Robert Quinton, pai, um fazendeiro do Novo México, conheceu Annie Torneson, sua futura esposa, em uma exposição de gado. O maior dos Quinton havia nascido em 1954 e sua esposa em 1958.

Quando Quinton era menino, não se distinguia marcadamente dos outros meninos da sua idade, época e lugar. Andou pelo celeiro, foi chifrado por um touro e viu passar foguetes azuis pelo céu. Enquanto a primeira e genuína ciência social fazia sua aparição ao indagar-se as verdadeiras relações entre psicologia, antropologia, sociologia e economia, o jovem Robert Quinton descobria a maneira de pegar cobras cascavéis pegando-as pela cauda e de decapitá-las com uma puxada leve e suave do punho, prática que sua mãe não incentivava.

Enquanto as tradicionais partidas escolares de futebol americano tiravam o sono de Bob Quinton, um princípio de vital importância começou a predominar no pensamento científico. Era muito simples. Era conhecido a muito tempo atrás na medicina e em outras disciplinas. Havia sido expressado sucintamente por um velho general da década de 1950 chamado Ornar Bradley: A maneira de ganhar uma guerra atômica é assegurar-se de que nunca comece.

O princípio? É difícil, se não impossível, curar uma enfermidade cultural com a guerra, mas se pode impedir antes que ocorra.

Medicina preventiva... aplicada às culturas.

Na prática não era tão simples; os planos pulcros nunca o são. Os estilos culturais estavam desesperadamente atrasados em relação aos avanços tecnológicos. Em um mundo de fissão atômica, a política apenas havia saído dos tempos feudais. Sobre o curso da civilização continuavam gravitando fortemente o “sentido comum”, o “todos sabem” e “a maneira natural de fazer as coisas”. Não existiam canais legais pelos quais poderiam ser impedidas as guerras pela única forma que podem ser impedidas. E as mudanças legais eram incrivelmente lentas mesmo havendo nuvens nucleares no horizonte, pois se baseavam em decisões que datavam nada menos que do Impé-

rio Romano.

Os cientistas tinham a solução. Mas poderiam usá-la?

Sua solução, inevitavelmente, era uma colcha de retalhos, um sistema provisório que operasse sub-repticiamente na sombra. A tarefa foi entregue a um grupo seletivo deles, tentando manter o mundo inteiro até que se conseguisse algum tipo de equilíbrio.

Eram proscritos, claro. Também o foi George Washington.

A curva da probabilidade de sobrevivência, conhecida comumente pelo nome de serpente, desenvolvia-se integrando os computadores cibernéticos com dados sociais colhidos no mundo todo. A curva não tinha por objetivo manter o *status quo*, ou obstruir o progresso de qualquer maneira. Sua finalidade era “controlar” culturas ou indivíduos em qualquer sentido particular. Era apolítica, sem preferência por nenhuma facção ou sistema, tanto conservador como liberal ou intermediário.

À serpente interessava exatamente uma única coisa: a sobrevivência da civilização livre. Seu objetivo era permitir ao mundo durar o tempo suficiente para resolver seus problemas em seu próprio estilo. Quando a curva caía, não queria simplesmente dizer que se aproximava uma mudança, isso não importava.

Significava que, a menos que fossem modificadas as condições, seria o fim da Terra. *Kaput*. O fim.

A curva de probabilidade da sobrevivência estava erguida em torno de um princípio orientador: Deve-se manter o “controle” a um mínimo absoluto, e não utilizá-lo de forma alguma a menos que seja imperativo para a sobrevivência. Deve-se permitir a todas as culturas desenvolverem-se ao seu próprio modo enquanto não ameacem positivamente a existência livre do gênero humano. Era mais ou menos igual em categoria ao conceito de liberdade.

Era como tratar com inseticida as águas paradas antes que encubassem mosquitos.

Bob Quinton cresceu explorando as reservas florestais e as montanhas do Novo México, vagando pelos vales púrpuras e recolhendo formosas pontas de flechas nas pedras. Se o houvessem interrogado, perguntando sobre os problemas do homem, teria desconfiado do interrogador. Não estava interessado e tinha coisas mais importantes em que pensar.

Porém, de qualquer forma já estava comprometido. Comprometido desde o dia em que encontrou sua primeira ponta de flecha, leu seu primeiro livro, contemplou as estrelas. Foi pescar nos límpidos riachos da montanha e encharcou-se de sol. Mas as novas ideias estavam no ambiente, e Bob Quinton as absorveu, mais que às vitaminas D.

Lá pelo ano 2010, naves exploradoras da ONU haviam estabelecido contato com Procion e com Centauro. Também estabeleceram contato com outros quatro sistemas, e as naves nunca voltaram. Silenciaram sobre esses contatos até que houve ameaças de uma grande guerra entre a Índia e a China e então foi feito o anúncio de vida em outros mundos.

Bob Quinton tinha então quatorze anos de idade.

O estilo de trabalho em pequenos retalhos dos auto designados “manipuladores da cultura” tomou forma como UNBAC (Business Advisory Council of the United Nations). BAC ofereceu dados, projetou modelos de desenvolvimento para os interesses mercantis da Terra e obteve subsídios livres de impostos. A maioria da UNBAC, ou seja, a parte que as pessoas viam, se fez extremamente útil e ficou com a fama de ser o único setor prático da UN.

Os demais, a parte secreta, utilizou o tempo para a sobrevivência.

Bob Quinton foi a uma faculdade e graduou-se em antropologia. Passou bem, bebeu muita cerveja e se casou com uma colega de curso. O mundo foi tranquilo e prazenteiro durante dez anos, vendo as coisas superficialmente, e se proclamou em voz alta a crença de que havia chegado a Nova Idade de Ouro; com todo tato, não se mencionou a data da primeira.

Viu muito do mundo e muito de outros mundos. Progrediu rapidamente e cresceu também com rapidez. De uma forma vagamente pressentida, mas aguda, Bob Quinton pensou que muitas coisas dependiam dele. Raras vezes falava disto e quando outros o faziam, geralmente se sentia incomodado e aborrecido. O evidente não precisava ser enfeitado. Mas o sentiu.

No silêncio do espaço.

Nas estrelas dos olhos de um menino.

Tudo tinha que ser ousado, romântico. Com bandas tocando músicas, medalhas e pessoas aplaudindo. A vida devia ser generosa, abundante e prazerosa

Mas não era.

Era dura, suja e amarga.

Por isto Robert Quinton continuava trabalhando nos fins do verão de 2034 na cidade-ilha de Galveston. Poucos eram os que sabiam que estava ali e menos ainda aqueles a quem isto interessava. Fazia coisas que detestava e viu como despedaçaram um amigo diante dos seus olhos.

Trabalhou com os punhos fechados e um sorriso no rosto. Trabalhou, e quando terminou, os cidadãos comuns não viram diferença alguma entre Wiley Carruthers Pond e Abraham Lincoln.

Nem entre Donald Weston e o Demônio.

Levaram Conway em um voo, ainda vivo, de volta à Estação do Novo México, deixando Robert Quinton sozinho em seu apartamento. Nesta mesma noite Jo Weston foi vê-lo.

Entrou silenciosamente, vindo da escuridão. Tirou a brilhante jaqueta de verão e sentou-se na melhor cadeira de Quinton. Cruzou suas belas pernas e contemplou-o com curiosidade.

- Uma dose? - perguntou ela, com uma voz que tinha algo de doce e frio.

Quinton assentiu com a cabeça sem se mostrar surpreso.

- Creio que lhe devo um ou dois copos – disse.

Não era uma observação singularmente original, mas isso não importava. Esta também era uma cena que havia representado muitas vezes. Estava ficando um pouco amargo. Preparou um uísque forte com soda, tomou um e esperou.

- Não lhe entendo, senhor Quinton – disse Jo finalmente.

- Me chame de Bob – pediu-lhe ele.

Jo sorriu entredentes e ele viu que eram brancos e alinhados. Seu cabelo dourado captou as suaves luzes altas da casa e seus olhos azuis pareciam formular um convite.

- Você tem perseguido meu marido – disse Jo com firmeza. - Por que?

- Não sei do que está falando – respondeu Quinton, olhando seus azuis e gelados olhos. “Sabe sim”, murmurou seu cérebro. “Tem que saber”.

- Não minta, Bob – disse Jo suavemente. - Me oferece outro copo?

Quinton lhe serviu e observou um ligeiro rubor que se estendia sobre seu rosto ao beber. O rubor, pensou importunadamente, é causado pelo sangue. Havia mais sangue, justamente em frente ao lugar em que ela estava sentada. Agora era apenas uma mancha escura no tapete. Sangue de Pat. Quinton acendeu um cigarro.

- Bob – murmurou Jo. - Quero que isto pare.
- Eu amo minha esposa – disse Quinton calmamente, olhando-a.
- Jo enrijeceu-se e seu sorriso se desvaneceu.
- Não jogue comigo, herói – disse com calma. - Não estou brincando.
- Eu tampouco.

Olharam-se. Quinton teria apostado uma fortuna, se tivesse, que Jo podia contar as vezes que os homens lhe disseram que não sem precisar usar os dedos para isto.

- Não... não entendo - disse em voz baixa e começou a chorar baixinho.
- Não vai funcionar - advertiu-a Quinton. O pranto parou.
- Me prepare outro copo – pediu Jo.

Quinton foi à cozinha para servir a bebida. Quando retornou à sala, teve diante de si o cano de uma pequena pistola que a alva mão de Jo apontava.

- Beba você, querido - disse ela. - Vai precisar.

Quinton sentou-se e bebeu seu uísque Não disse nada. Estava calmo, tranquilo. Tampouco esta cena era nova para ele.

- Vai ter que desistir de me pressionar – disse Jo Weston sem deixar de apontar a arma. - Tem a liberdade de fazer seu jogo da forma que queira, mas a pressão deve terminar. Sim, herói, terá que sair desta cidade. Uma coisa ou outra.

Quinton arqueou as sobrancelhas.

- Não acredita que eu seja capaz de matá-lo, não é verdade? - acrescentou Jo friamente.

Disparou com uma rapidez surpreendente e uma bala passou roçando pela orelha de Quinton e foi cravar-se na cadeira. Este deu um saldo, derramando um pouco de uísque Não esperava por isto.

- Acredito que você seja capaz – admitiu, - se é que pode.

A diminuta arma que Quinton tinha escondida na manga apareceu em sua mão, projetada por uma mola e o disparo foi instantâneo, quase sem mirar. Ouviu-se um rápido “Puff” e Jo soltou sua arma. Em sua mão via-se uma agulhinha cravada. Os dedos se negaram a mover-se. A mulher não emitiu som algum.

- Sinto muito, criança – disse Quinton, e falou a sério.

Aproximou-se, levantou a pistola e levou Jo para a cozinha. Extraiu a agulha com movimentos que revelavam destreza e fez um curativo na ferida com o mesmo estojo de primeiros socorros que havia usado com Pat. Depois a levou de volta ao *living*.

Jo se limitou a olhá-lo, seus olhos azuis tensos pela dor.

- Tome – disse Quinton, estendendo-lhe o resto da bebida. - Isto lhe fará bem.

Jo endureceu sua figura esbelta e respirou com dificuldade. Sorriu friamente e jogou-lhe no rosto o conteúdo do copo. Então voltou-se e saiu dali.

Quinton limpou o rosto com um lenço e seguiu-a com o olhar. Ela apressou o passo pela rua escura e o barulhos dos seus saltos no pavimento foi perceptível por uns instantes. Tinha a cabeça erguida, orgulhosa.

Um simples fator, perguntou-se Quinton, ou um número em uma equação?

Ou somente uma mulher apaixonada pelo seu homem?

Quinton continuou olhando-a até que se perdeu de vista. Era ambas as coisas, claro..., mas sobre aquilo não precisava dizer nada. De que servem as palavras?

Voltou ao seu apartamento e fechou a porta.

Quando tudo acabou, Quinton não quis esperar pelo resultado final. A eleição não constituiu nenhum problema... coisas iguais haviam acontecido na Terra muito antes da UNBAC ter sido fundada. Quinton não se preocupou com Pond. Estava tudo acabado quanto a ele, exceto os pagamentos.

Dirigiu-se à casa de Weston, perto do arrecife em que ainda havia velhos que passavam a tarde pescando ao sol.

Jo abriu a porta.

- O que você faz aqui? - perguntou friamente. - Vá embora.

- Deixa-o entrar – disse Weston. - Não seja boba, deixe que ele entre.

Jo se pôs de lado e Quinton entrou. O *living-room* estava tal e qual ele havia visto antes. O volume da Reader's Digest encontrava-se entreaberto na biblioteca. Mas Donald Weston havia mudado. Quinton sentou-se e acendeu um cigarro. Não olhou nos olhos de Jo.

- Tivemos uma surpresa com a eleição – disse. - Fiquei triste com a notícia, Don.

Donald Weston sorriu sem entusiasmo. O olhar dos seus olhos verdes parecia atravessar Quinton como se fosse uma broca de gelo. Quinton sentiu centopeias correndo por sua espinha dorsal.

- Nossa proposta continua de pé, Don – disse em tom alegre. - Que me diz disso?

Donald Weston sentou-se, o rosto inexpressivo, o cabelo cuidadosamente penteado. Respirava com excessiva rapidez.

- Suponhamos que eu dissesse não – insinuou com a voz um pouco alta. - Que minha decisão fosse ficar aqui.

Quinton aspirou a fumaça do seu cigarro, consciente de que a morte rondava por ali.

- Sobre isto não posso dizer nada – expressou. - A decisão é coisa sua.

- Sim? - perguntou Weston dominando-se com esforço. - De veras?

Quinton encolheu os ombros.

- Continua praticando seu jogo, senhor Quinton? - perguntou Jo, e apertou a mão no braço da cadeira, com o que a cicatriz destacou-se sobre sua pele branca.

Quinton continuou fumando. Poderia ter sido a rainha do mundo, pensou.

- As cartas na mesa, Quinton – disse Donald Weston, cujos olhos haviam se estreitado até parecerem fendas. - Agora!

- Não sei do que está falando – afirmou Quinton.

No mesmo instante Donald Weston ficou de pé.

- Ponhamos de outra forma – continuou Weston, com os nervos tensos e disposto a qualquer coisa.

- Não creio, Don, que posse chegar a triunfar na Terra. Nunca poderá sobrepor-se a este fracasso. Por outro lado, podíamos usá-lo em Marte. Nossa companhia tem sempre um uso adequado para você. Entenda bem, desejamos que se sinta feliz. Em Marte, se acomodaria por toda a vida; embora, claro, não lhe seria possível regressar à Terra. Se ficar aqui... é um jogo, não lhe parece?

Weston apertou os punhos, respirando com esforço.

- Não tenho alternativa – disse com um som apagado e um tom de aço na voz. - Não é verdade?

- Eu lamento, mas não acredito que o entendo totalmente – insinuou Quinton, enquanto sentia o sangue correndo em seus ouvidos. - Estou lhe oferecendo um posto, isto é tudo.

Weston olhou fixamente.

Jo pôs-se a rir. Seu riso era desagradável.

Quinton aguardou; o cigarro encurtava, queimando entre seus dedos.

Seguiu-se um prolongado silêncio, durante o qual somente se percebia a respiração rápida do homem que havia chamado Robert Quinton de vários anos-luz de um extremo a outro da galaxia.

- Aceito o emprego – disse finalmente Weston. - Fico com ele.

Robert Quinton sorriu e amassou o cigarro no cinzeiro.

- Fico contente de ouvir isto, Don – disse, ficando de pé e estendendo uma mão.

Weston não fez caso e simplesmente perguntou:

- Quando parto?

- Creio que amanhã seria mais apropriado – respondeu Quinton.

- Qualquer momento é tão bom como outro – manifestou Weston. Um pequeno músculo contraiu-se em um lado da mandíbula.

- Ótimo! Passe no meu escritório amanhã, combinaremos os detalhes. Uma nave de conexão o transportará para Nova Iorque amanhã à tarde e à noite terá empreendido o voo para Marte.

Jo permaneceu calada, com os olhos fechados.

- Eu gostaria de dizer – explicou Quinton – que pelo meu julgamento, sua decisão foi muito atinada. Faremos por você tudo que nos seja possível e digo isto seriamente.

- Saia daqui! - disse sussurrando Donald Weston, cuja voz tremia. - Saia daqui.

- Nos veremos amanhã, então. Boa tarde, senhora Weston.

Dirigiu-se para a porta e caminhou até seu helicóptero. Estava úmido de suor e precisava beber alguma coisa. Sabia perfeitamente que tudo aquilo estava mal. Antes, no tríduo, havia visto como se salvavam mundos. Havia lido em livros. Havia sonhado à vezes. Os mundos eram salvos por heróis, em meio a uma glória resplandecente, salvos limpamente entre as estrelas, de homem para homem.

Mas não desta forma.

Não por um homem assustado, coberto de pó, sentindo o frio suor correr pela sua pele.

Caminhou para o helicóptero e não se virou para olhar. Não precisava fazê-lo. Sentia, sentia-os atrás dele, perfurando-o. Olhos. Olhos verdes e frios, e olhos azuis avermelhados. Olhos que haviam contemplado um mundo... olhos cheios, profundos.

Agora vazios.

Era a noite seguinte e as luzes iluminavam pouco.

A eleição havia causado alguma agitação local, mas não grande coisa. Ninguém sabia sequer que Donald Weston havia partido. As observações de Wiley Carruthers Pond, posteriores ao ato eleitoral, estavam na segunda página do Daily News, de Galveston. Os grandes títulos se dedicavam agora aos jogos espaciais. Tudo tinha um interesse moderado para o povo de Galveston, não era exatamente uma notícia sensacional depois que havia passado. Naturalmente, as agências de notícias não se preocuparam em lidar com elas.

A música soava de lado a lado da pista de baile e Lynn brilhava no vestido prateado que tanto agradava a ele. Em um bolso, Quinton tinha um telegrama de Siringo, dizendo-lhe que Conway estava melhor e que havia boas perspectivas de que viveria.

- Isto é esplêndido – disse Quinton, estreitando a mão da sua esposa sobre a mesinha.

Lynn olhou-o sorridente... com um sorriso íntimo.

- Nunca seremos verdadeiramente adultos – disse ela. - Há muito que deveríamos ter superado esta etapa.

- Somos inteligentes demais – opinou Quinton. - Sabemos que não é assim.

Uma nave cruzou velozmente acima deles, apenas um rumor e um murmúrio na noite lá fora. A música quase não deixava ouvir. Quinton fechou os olhos, contemplando mentalmente a nave. Viu-a ascender para além dos planetas, em direção às estrelas cristalinas. Mais além das distantes Centauro e Procion.

As estrelas o chamavam e ele sabia que um dia teria que voltar a responder-lhes.
Mas isto não seria agora.

Olhou em torno, observando as luzes suaves e os bailarinos. Ouviu tinir de copos e gargalhadas serenas de homens que jogavam. Não sabiam. Jamais haviam sentido em seu interior o ardor das estrelas. Para eles só existiam a noite, os murmúrios e a música.

Também para Robert Quinton... por enquanto.

Levantou-se sorrindo.

Vamos dançar – disse, e estendeu os braços para sua esposa.

QUE VIAGEM! (Didn't he ramble)

O velho estava sentado em um quarto a prova de som. Vestia-se elegantemente com roupa de etiqueta, embora no momento tivesse prescindido da capa, e seus dedos bem feitos batiam na borda gelada do seu copo de coquetel, marcando o compasso.

Ele se chamava Theodore Pearsall, fato importante, já que era um dos homens mais ricos do mundo. Contudo o dinheiro não lhe interessava; era somente um meio para alcançar um fim.

Estendeu a pálida mão rosada e fez um ligeiro ajuste, acionando um dos vinte e dois botões do braço da sua cadeira, um espaço muito curto para a esquerda.

- Sintoniza esse aparelho, Dippermouth! - disse Theodore gritando.

Dippermouth obedeceu.

Um tape reluzente, que tinha músicas executadas há quase duzentos anos atrás, encaixou-se no seu lugar sob a cobertura protetora de plástico transparente. Alimentando o brilhante equipamento, a música surgiu do alto-falante de ultra high-fidelity que abarcava toda uma parede.

Louis Armstrong, claro. Uma das boas e velhas gravações, tal como o próprio *Satchmo* costumava dizer: "Potato Mead Blues", executado pelos Hot Seven por volta de 1927, quando Louis tocava firmemente seu trompete vibrante.

Pearsall fechou os olhos e sorriu. Todo seu rosto ficou sereno. Seu sapato lustroso batia no grosso tapete. Destacava-se o clarinete de Johnny Dodd e os maravilhosos toques de arremate do trombone de Kid Ory.

- Que dias aqueles! - murmurou Pearsall, cheio de satisfação.

Agora sentia-se completamente perdido.

O alto-falante recriava sem parar o passado e os integrantes legendários voltaram a tocar: o inventivo sax soprano de Sidney Bechet, os contrapontos entre King Oliver e Little Louis, e Bix, o extraordinário Bix, soprando aquelas notas tão puras e limpas como a água de um manancial, que destroçavam o coração...

Além disso, Jelly Morton expressando no canto o seu gênio e seu desespero:

"Poderia estar aqui sentado mas a milhas de distância.

Poderia estar aqui sentado mas a milhas de distância..."

A grossa porta se abriu e fechou-se de vez produzindo um ruído dilacerante.

Pearsall voltou-se, achando que seria um robô; mas não era... pelo menos não de todo.

Era Laura, sua mulher.

Trazia sua habitual expressão de mulher crucificada.

- No caso de que tenha esquecido, Theodore, que esta noite daremos uma festa – e disse isto acentuando bem as palavras, - o menos que devias fazer era subir e conversar com nossos convidados.

Pearsall considerou isto em silêncio.

- Não podes interromper essa música quando eu estou falando? Estás bêbado, Theodore?

- Ainda não – foi a resposta. E a voz de Jelly Roll retornou do longo silêncio dos séculos.

Olhou para a esposa sem denotar prazer. Claro, Laura estava magnificamente vestida, toda em seda e franzidos, com sua figura admiravelmente conservada. Theodore se perguntou se alguma vez a tinha amado.

- Então, vem?

- Parece que é assim, querida.

Ela sorriu agradecida.

- Estamos fazendo charadas – disse com ar triunfante e saiu pressurosa.

Theodore Pearsall estremeceu, renovou o conteúdo do copo e levantou-se.

- Mais uma noite! - disse, saboreando as palavras.

Olhou ao redor para contemplar o aposento acolhedor e sorriu levemente.

Então subiu com passo marcial, tal como faria um homem que vai ficar frente a um pelotão de fuzilamento, à fria luz cinzenta do alvorecer.

Enganchou os polegares no cinto, mais para aborrecer Laura que por outra coisa e examinou a cena.

Pensou com amargura: “Não há lugar como o nosso lar.”

Reconhecia que era elegante. Os móveis do enorme *living-room* tinham tudo quanto se pode desejar para que não fossem funcionais, tal como exigiam as tendências modernas: cortinados de cor borgonha, com seus grossos tapetes floridos, uma profusão de cadeiras antigas convenientemente roídas por polia, um par de sofás, forrados com brocado firme e um número de mesas de pés compridos, bijuterias e adornos *kitschy*. Ele estalou os dedos.

- Senhor! Disse o reluzente robô que apareceu de imediato ao seu lado.

- Um copo de gin, por favor.

Os robôs não têm em seu repertório uma expressão de desagrado, mas este esforçou-se bastante neste sentido.

- Senhor!

- Ponha uma azeitona dentro, para que pareça um Martíni E depressa.

O robô deslizou para o bar com um ar definitivamente altaneiro.

Ouviram-se gargalhadas educadas, parte delas aceitavelmente genuínas. A sala estava cheia de gente antissepticamente limpa. Todos os homens tinham o rosto vermelho e cabelos grisalhos que lhes conferiam distinção. As mulheres eram delicadamente pálicas e exibiam vestidos surpreendentemente belos; estavam tão encantadoras como mariposas e seus cérebros correspondiam.

Um bonito cavalheiro, com um tipo de gravidade desesperada, imitava um foguete do espaço exterior.

Pearsall pegou o copo, botou a azeitona na boca e fortificou-se com um trago. A seguir, exibiu um sorriso transparentemente falso e entrou.

Pensou que aquela era precisamente o tipo de festas que os filmes que promovem escândalos costumam reproduzir. É UM HEDONISTA, THEODORE PEARSALL? O QUE SE SABE SOBRE O BONECO QUE PEARSALL TEM EM SUA SALA? É UM TEDDY, UM URSO TEDDY, UM URSO DE BRINQUEDO?

O que nos filmes nunca se proclamava era que tudo não não passava uma reunião estrepitosamente aborrecida.

Uma mão perfumada roçou nele.

- Finalmente te encontrei, homem simpático! Vamos ser sócios!

Era Jenny, esposa do vice-presidente de uma das companhias que Pearsall possuía. Havia sido bonita em seu tempo e continuava vestindo-se como uma sereia. Infelizmente era incuravelmente vivaz.

- Muito bem! - disse Pearsall, deixando-se conduzir para onde estavam as pessoas.

Em sua cabeça repetia-se uma canção muito velha:

"Meu Deus! Prefiro beber água com barro, dormir em um tronco oco..."

Era Big Gate, Jack Teagarden. Nascido no Texas e criado no Tennessee...

"Uma noite mais."

Distraído, alisou a cabeça de Jenny e cumpriu com sua obrigação em uma partida interminável de charadas.

Mais tarde, logo que os convidados se foram e Laura se dirigiu ao seu quarto, Pearsall desceu apressadamente à sua abóbada à prova de som e fechou a porta depois de entrar.

Tinha a mente completamente limpa, apesar do gin, e estava nervoso como um menino ao ponto de pescar sua primeira truta no riacho.

-Williams?

- Oh, senhor Pearsall! Pensamos que tinha nos esquecido.

- Isto não seria fácil – respondeu ele, olhando furtivamente o local para tranquilizar-se. - Está tudo pronto?

- Pronto e esperando, senhor. E, como eu disse a mim mesmo, foi um trabalho excelente.

- Bom Williams, depressa. Meus assuntos aqui estão todos em ordem e já constitui um fundo de depósito para que não falte nada a Laura. Estou pronto para sair.

- Agora?

- Agora. Esta noite. O mais cedo possível.

- Como queira senhor. Ah! Há um pequeno detalhe...

- Sim?

- As garotas, tal como o senhor indicou, serão reais e trabalharão em turnos. Um excelente... hum... colorido local. Agora, bem, a Patrulha esteve averiguando coisas no escritório. Ao que parece, pensam que, enquanto as meninas estiverem ali... tão perto da casa, como dizem... se perguntavam se seria permitido aos guardas fora de serviço... como eu poderia expressar-me... fazer uso das extraordinárias facilidades disponíveis...

Pearsall estalou os dedos.

- Excelente! - exclamou, acompanhando a palavra com um sorriso. - Extraordinário!

- Não entendo.

- Quero dizer que é maravilhoso. Presumo, naturalmente, que o dinheiro se destinará a cobrir os custos do projeto.

- Não se pode negar que o senhor é um homem de negócios, senhor Pearsall! É precisamente o que pensávamos.

- E Laura jamais saberá onde eu estou?

- Pode confiar em nossa absoluta discrição, senhor. Em cinquenta anos de serviços, nossa firma nunca recebeu uma queixa.

- Então, Williams, que seja esta noite. Ocupe-se. Use a entrada do fundo.

- Como queira, senhor. Nosso representante trará o contrato consigo; rogo-lhe que o leia detidamente na viagem. Se puder servir-lhe em alguma outra coisa, para mim será um prazer.

- Obrigado, Williams.

Interrompeu a ligação. Jamais havia se sentido tão animado, tão anelante. Sorrindo, passeou pelo quarto.

Botou música.

"Muskrat Ramble!"

"Save It Pretty Mama!"

"Way Down Yonder in New Orleans!"

Chegaram para buscá-lo às quatro da madrugada, muito antes que Laura tivesse despertado.

Para o mundo que havia conhecido, ele desapareceu sem deixar rastros.

A nave subiu para o nascer do sol por uma escala de chamas. Atravessou, como uma lança, montanhas de nuvens e depois do azul conhecido do céu, desvaneceu-se e escureceu, e estava no espaço.

Pearsall já havia estado antes no espaço e aquilo não o encantou. Na verdade, as luzes frias das estrelas voltavam a ser bonitas contra sua tela de fundo de veludo e o sol era um glorioso resplendor amarelo. Mas era a vida o que chamava Pearsall, toda a vida que não havia desfrutado, todos os cheiros, os sons, os gozos e as dores de cabeça de que havia ouvido falar e sobre os quais havia lido, mas que nunca havia experimentado.

O espaço era um infinito mar da morte.

Não para ele.

Ainda.

O olhar dos seus velhos olhos azuis percorreu o contrato.

"...e sobre a base da média de vida aplicável ao Comprador, tal como foi determinada pelos médicos da Companhia e verificado pelo médico pessoal do Comprador, a Companhia concorda em oferecer, prover e manter dito Projeto de acordo com as especificações do Comprador, até o momento em que dito Projeto já não possa ser de nenhuma utilidade para o Comprador, momento no qual o dito Projeto e a dita Propriedade voltará à Companhia para qualquer uso que..."

Leu o resto e assinou.

Sabia, é claro, que os médicos não podiam calcular com toda certeza a hora exata da morte de um paciente. Existem acidentes que podem matar um homem antes da sua hora, mas desde o ano de 2.100 não havia sido registrado nenhum caso de pessoa que vivesse mais que sua vida esperada... e desde então, as técnicas relativas a diagnósticos e prognósticos haviam melhorado. Naturalmente, este era um dado que os médicos estavam proibidos, por lei, de comunicar aos seus pacientes.

Era melhor não sabê-lo.

Reclinou-se no assento e fechou os olhos. A força motriz tinha sido interrompida e a nave viajava silenciosamente por inércia, em direção a Marte e mais além. Não conseguiu dormir nem desejava. Não sentiu pena do que deixava para trás. Não tinha filhos e o seu casamento com Laura havia sido por simples interesse e nada mais. O dinheiro que possuía era herdado, em sua maior parte, e não havia lhe proporcionado felicidade alguma. A própria Terra era um fóssil; em outros mundos aconteciam coisas emocionantes, mas ele não reunia as condições exigidas para ir para lá.

Não, se livraria de tudo isto, de tudo isto... e fazia bem.

O futuro era o que importava.

Um mundo todo seu, seu tipo de mundo, com seu tipo de gente.

O coração martelava em seu peito e seus olhos brilharam.

Isto não ajuda nada, pensou. Não devo sobreexcitar-me

Tomou dois comprimidos de sonífero e dormiu.

Antes que ele tivesse despertado, a nave havia entrado na seção da Faixa de Asteroides situada entre Marte e Júpiter, que pertencia à Companhia, e começou a diminuir a aceleração. Afastou dos olhos os cabelos grisalhos e contemplou o espetáculo visível através da tela visora. Havia milhares de pequenos mundos suspensos no espaço, movimentando-se em órbitas calculadas com precisão.

Cada mundo era o sonho de um homem convertido em realidade, e todos se diferenciavam entre si. Percebeu rumores de alguns deles: em um se desenvolvia um importante acontecimento desportivo, a cada quatro horas, outro era um paraíso de caçadores, com seus velozes riachos e temíveis animais, e havia um que era um sonho erótico transplantado para a vida...

A nave acomodou sua velocidade à de uma forma vagamente divisada. Produziu-se um estremecimento ao acoplarem-se ambos os veículos, a eclusa pneumática de um contra a eclusa pneumática do outro.

- Estamos aqui, senhor – disse uma voz. Theodore Pearsall ficou de pé, com os punhos muito apertados e respirando aceleradamente.

Estamos aqui – repetiu. E dirigiu-se à portinhola.

Entrou e a nave já havia se distanciado.

A princípio cheirou: um cheiro de rio, úmido e denso. Aspirou-o até os pulmões, provando-o, saboreando-o. Pendia sobre a cidade como uma névoa doce e invisível.

O Rio.

O Velho Mississípi

Então ouviu. Seus olhos se nublaram. Música: clara como uma companhia, líquida como o próprio rio, elevando-se no ar como uma coisa flutuante, viva. Um tremor percorreu sua coluna vertebral e pôs-se a correr lentamente.

Quase não viu o velho edifício de madeira com suas torres e suas chaminés, não notou nenhuma das pessoas sorridentes com quem tropeçou e não prestou atenção alguma à incitação sussurrada que desceu de trás de uma persiana do primeiro andar.

Começou a dar voltas entre as duas portas brancas giratórias das que costumavam chamar o negócio de Tom Anderson. Estava tão perto da música que poderia estender uma mão e tocá-la, mas se deteve. Escutou.

Mais música.

Chegava pela rua.

Estava ali, dobrando a esquina. Um carro puxado por uma junta de cavalos. Um lebreiro no carro que anunciava um baile. E uma orquestra que executava "Milneburg Joys". Sem piano, claro; somente bateria, guitarra e contrabaixo. Um juvenzinho com o pistão, sentado em uma caixa. Ao seu lado, um homem de idade tocava o clarinete. E sentado na borda posterior do carro, os pés balançando, com seu trombone dourado lançando faíscas sob o sol...

Kid Ory.

Era mais jovem em quase todas fotografias que se via, embora Kid jamais tenha envelhecido realmente. Parecia ter ao redor de vinte e cinco anos e era um negro bonito que com a potência do seu trompete sustentava a orquestra com um duro e firme compasso de dois por quatro. Enquanto Pearsall olhava, Ory afastou os lábios da boca e gritou-lhe algo em francês.

Pearsall ruborizou-se; não pode captar as palavras. Mas sorriu entredentes e cumprimentou-o com a mão. Kid abaixou a cabeça, replicou com o trompete e arremeteu

com os compassos intrincados do "Ory's Creóle Trombone".

O carro prosseguiu e a música ficou flutuando no ar morno e úmido como uma nervosa pintura que se perdia lentamente no sol.

Pearsall entrou no negócio de Tom Anderson e aproximou-se do balcão.

- "Senhô" Theodore Pearsall! - exclamou o homem que atendia no balcão, com um sorriso de orelha a orelha.

- Chame-me de Ted – disse Pearsall. Era a primeira vez que dizia isto. E sentia-se bem.

- Sim "Senhô". O que vai tomar?

- Uísque escocês e água, por favor.

O homem preparou a dose e entregou-lhe. Pearsall meteu a mão no bolso para tirar dinheiro.

- Este não custa nada, "Senhô" Ted. É por conta da casa.

Pearsall voltou-se, sentindo-se melhor do que havia se sentido em muitos anos. Tinha que reconhecer que na Companhia sabiam fazer as coisas.

O diretor da orquestra, um negro que Pearsall não reconheceu à primeira vista, cumprimentou-o gravemente com uma reverência, bateu no chão com o pé e soprou o trompete, procurando as notas baixas. "Tishomingo Blues"... Oh, meu Deus! Era Bunk, Bunk Johnson e seus rapazes. Era jazz puro de Nova Orleans, e a orquestra inteira tocava, não um grupo de solistas.

Pearsall olhava, escutava e bebia seu uísque Pensava: Todos estão aí fora, agora mesmo, me esperando. Louis e Sidney e Budedy e Jerry Roll. E Bix, Bix tinha que estar ali, embora nunca tivesse estado na vida real; para isso são os sonhos...

Ficou ali um par de horas, contente e feliz e então foi para seu apartamento, que estava no Bairro Francês. Era simples, mas cômodo, com uma grande cama de bronze e janelas abertas que davam para a rua. A brisa do rio moveu as cortinas e ouviu-se um clarinete que se queixava ao longe.

Doddes? Fazola, talvez?

Não importa.

Junto à cama havia um jornal, um verdadeiro jornal, não um teipe. Olhou a data.

17 de junho de 1917.

Se captou o significado da data, não demonstrou.

Mas nunca mais tinha lido um jornal e deliberadamente perdeu a noção do tempo.

Um pistão que parecia cortar a melodia.

Um trombone, deslizando, atroando, retrocedendo.

Um clarinete, um clarinete lírico, fundindo suas notas com as deles. Retrocedendo.

Três ritmos que contribuíam, impulsionando a música, dando-lhe uma base em que sustentar-se: bateria, contra baixo, guitarra. (Claro que naqueles dias se usava o banjo, mas os sonhos são melhores.)

Música viva, música do coração, música para afugentar a tristeza. Música viva tocada por homens que haviam vivido. Música viva que não morreria, mas que também pouco voltaria jamais.

Céu, Utopia, Paraíso. Tinha muitos nomes. Era diferente para cada homem. Para Theodore Pearsall, criado em um mundo fácil de certezas e automatismo, isto era tudo quanto ele ansiava, todas as pessoas que precisava, toda a felicidade, o riso e a dor. Havia escutado a música uma vez em um museu e ela o chamou.

Ele respondeu.

Exigiu dinheiro, tempo, gênios da engenharia. Um pequeno planetóide entre Marte e Júpiter, com um bolha para reter o ar. Gravidade artificial para que os homens pudessem andar. E a reconstrução de Storyville; não toda, mas o suficiente.

A música era real, não pode ser falsificada. Havia sido executada por homens reais, muito tempo atrás, e gravada em discos. Depois foi recondicionada, gravada em teipes. Nem sequer se podiam ver os teipes nos trompetes.

E Louis e Kid e Jelly Roll, e todos os grandes?

Robôs, claro... ou andróides, se lhes dermos seus verdadeiros nomes. Inteligentes. Não poderia diferenciá-los a menos que se aproximasse muito. Quem olharia de muito perto com toda aquela música, aquela bebida e aqueles risos?

Só algumas das garotas eram reais.

Nenhum robô seria tão perfeito.

Os homens fazem monumentos diferentes. Pearsall sabia que existiam alguns que se teriam escandalizados pelo que ele fez com seu dinheiro. A maioria não compreenderia. Mas ali encontrou o que desejava: paz e amor e música e bons momentos para recordar por toda sua vida.

Era um velho.

Sabia o que tinha importância e o que não tinha. Um homem sabe sempre, se olha para o passado.

Outros poderiam ir conquistar as estrelas e sem dúvida valeria a pena.

Saiu do seu quarto com uma agradável garota em cada braço e um charuto negro na boca. Foi para as luzes e a música.

Em algum lugar do rio escutou-se o apito de um vapor.

Pearsall apressou o passo.

Era quatro de julho, um dia muito importante.

Todos sabiam o que havia acontecido em quatro de julho. Foi no ano de 1900.

Sim senhor.

O aniversário de Louis Armstrong.

Ted Pearsall o procurou. Ainda era um garoto, ainda estava na adolescência, mas já podia erguer-se, com seu lenço na mão. E a potência do seu pistão era coisa para ser ouvida.

Pearsall jantou um sanduíche Joor Boy, meio pão francês cortado no meio, bem cheio de presunto cozido. Tentou levar *Satch* ao restaurante de Antoine para oferecer-lhe uma comida de verdade, mas o garoto não quis sair do seu feijão com arroz.

A noite chegou deslizando.

Eu gostaria de dançar *shimmy* com minha irmã Kate... Creio ter ouvido Buddy Bolden dizer...

Oh! Estava tudo ali.

Basin Street, Canal Street, Burgundy Street.

E todos os velhos e respeitáveis lugares: o Saloon de Caoba de Lulu White, A Casa da Condessa Willie, a de Josie Arlington, onde cobravam cinco dólares. Podia ver tudo no Livro Azul de Tom Anderson, que se vendia por vinte e cinco centavos de dólar, e no qual constavam as mais famosas casas de má fama... duzentas no total.

"Se consegues um bom homem e não queres o tomem,

Não diga à sua amiga o que seu homem pode fazer..."

E tudo era por conta da casa... ou melhor, das casas.

Tudo o que ele amava, os balcões das casas, as tardes quentes quando o sol se punha, a palmeira no deserto.

Mas gostaria de poder chutar os Patrulheiros quando vinham à cidade. Sempre apareciam quando estavam na vizinhança. Claro, eram firmes como uma rocha e, além disso, cabeças duras. Mas era muito bom saber que até os Cadetes Espaciais tinham glândulas.

Todos o consideravam louco.

Pearsall, de certa forma, pensava o mesmo deles.

Agosto, setembro, outubro.

"Tenho uma amiga negra, vive sempre na prisão. Tenho uma doce amiga negra..."

O senhor Jelly Lord, tocando seu solo de piano como uma orquestra, esmagando "King Porter" em um bar. Orquestras de metais nas ruas, tocando "In Gloryland".

Pearsall ficou acordado até que pode; dormiu quando pôde, ébrio de música. E logo chegou novembro.

Novembro de 1917.

Estava sentado no bar de Tom Anderson quando aconteceu.

Durante todo o dia vinha sentindo a mudança, mas sem saber o que era. Havia tensão no ar como a tensão de uma espera. Nas janelas assomavam garotas procurando alguma coisa. Um cão latiu lá longe, junto ao rio. Longe, em algum lugar, um pistão soluçava os blues.

Sentou-se em sua mesa. Notou o suor nas palmas da mãos.

Que não seja este o dia. Por favor, que não seja este.

Mas não era.

Um oficial da Patrulha entrou no local e olhou ao redor. Era um tipo importante. Pregou alguma coisa na parede. Alguma coisa branca.

Um aviso.

Pearsall não precisou ler. Sabia o que era.

Corria o mês de novembro de 1917, quando Storyville tinha sido fechada, condenada pela marinha. Aquilo foi o fim, a época em que tiveram que arrematar os móveis das casas da Condessa Willie conseguiram um dólar e um quarto por seu famoso piano branco, os dias em que os músicos tiveram que fazer suas malas e partir para Chicago, para Los Angeles, rio acima, para qualquer parte.

Sabe o que significa perder Nova Orleans...

Voltava a acontecer. A Patrulha era a Marinha de então, e estavam botando cadeado na Terra dos Sonhos.

Pearsall não tinha medo, mas sabia o que ia acontecer.

"...a Companhia concorda em oferecer, prover e manter o dito Projeto... de acordo com as especificações do Comprador, até o momento em que o dito Projeto já não possa ser de nenhuma utilidade para o Comprador..."

Sabiam que ele estava morrendo. Os médicos sabiam de tudo.

Bem, diabos!

Era uma linda e bela forma de fazê-lo.

Não sentiu pena.

O caminho para o cemitério estava transbordando de gente.

Houve muito pranto e muitos gemidos, mas além de tudo escutavam a música. Assim era como aquilo deveria ser, pois até então jamais tinha havido outra orquestra como esta.

Estavam lá Louis e Bix e Bunk. O trombone de Ory e o de Teagarden. Becket e Dodds e Fazola nos clarinetes. Minor Hall e sua bateria abafada com um lenço.

Tocaram a chorosa "Fugi como um ave" durante todo o caminho para o cemitério, onde os carregadores baixaram o féretro na cova. O pregador disse as palavras.

Minor Hall retirou o lenço do seu tambor.

Atacou com os compassos da marcha, o ritmo feliz, e a banda alinhou-se a ele.

Assim eram feitas as coisas em Nova Orleans: a tristeza por um homem ter morri-

do e logo a alegria por ele ter ido se reunir com os santos.

O que tocavam?

Tocavam "Didn't he ramble".

Louis tomou a frente, seguiu-lhe Bix e depois Bunk...

Oh! Didn't he ramble!

Vagueou por toda a cidade.

Até que o açougueiro o segou com sua foice...

Tocaram com toda sua alma, tocaram pela última vez, na marcha de regresso a Storyville, a terra de sonhos que já estava se esvaziando.

Durante a marcha, enquanto o tom dos clarinetes subia, a Companhia pôde, ou não pôde, surpreender-se ao ver que Louis se voltava para Bix e dizia:

- O velho morreu com estilo.

Bix inclinou a cabeça, concordando.

- Foi magnífico voltar a tocar – disse, e levantou seu pistão em direção ao rio.